



FENÔMENO CLIMÁTICO

Sertão será a região mais afetada pelo Super El Niño

Temperaturas acima da média, diminuição de níveis dos rios e elevados processos de desertificação acendem alerta no estado. **Página 5**

Mobilização pede validação do forró como patrimônio da humanidade

Ritmo tradicional nordestino é foco de um pleito internacional liderado pelo Governo da Paraíba junto à Unesco.

Página 8

Protagonista do período junino, o milho garante renda para famílias

Produção de alimentos à base do cereal chega a ampliar o faturamento de comerciantes paraibanos em 40%.

Página 17

Espanha busca a 1ª vitória na Copa em jogo contra a Arábia Saudita

Partida, que será realizada hoje, a partir das 13h, em Atlanta, terá comando do árbitro brasileiro Raphael Claus.

Página 21

Supergirl tem pré-estreia em cinemas de JP, CG, Patos e Guarabira

Filme que conta a história da prima adolescente do Homem de Aço terá exibição restrita na terça-feira, com estreia no dia 25.

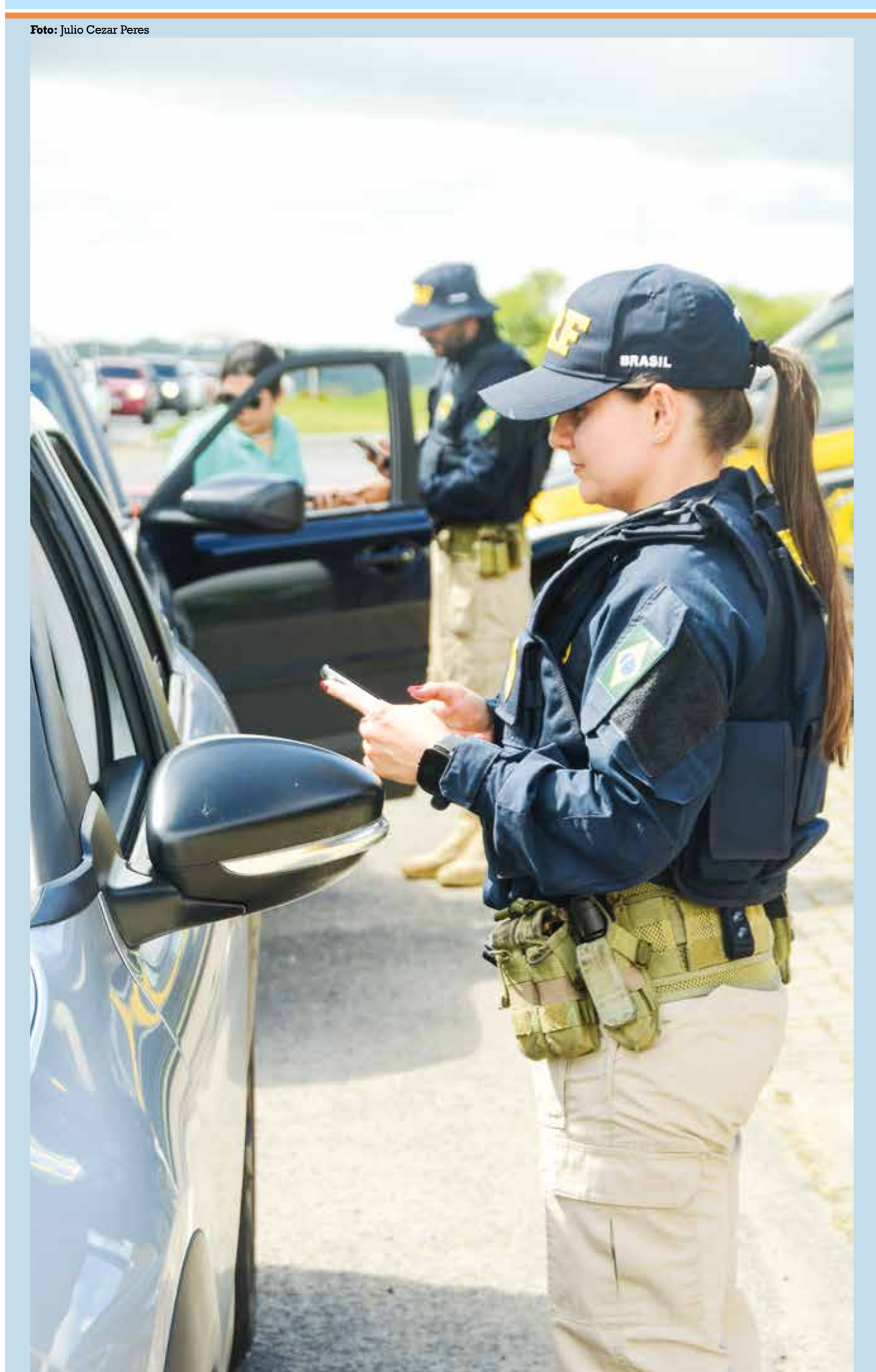
Página 9



Experiência na segurança e independência política são as bandeiras de Major Fábio

Pré-candidato ao Senado pelo Partido Novo diz que pretende contribuir com as ações de combate à corrupção e à criminalidade.

Página 4



Lei Seca contribuiu para a redução nas autuações por alcoolemia no estado

Legislação, que completou 18 anos, vem ajudando a promover uma mudança gradual de comportamento dos condutores paraibanos. Dados refletem fiscalizações mais rigorosas.

Página 7

Gonzaga Rodrigues faz 93 anos mantendo a paixão pela escrita

Há mais de sete décadas, o jornalista registra as cenas que observa e vivencia em textos carregados de inspiração poética.

Página 25



■ "Mariz desafiou a máquina oficial, consolidando sua imagem de defensor da democracia e iniciando sua trajetória rumo à oposição".

Rui Leitão

Página 2

■ "Deus, está difícil para nós, meros mortais; com sua sabedoria, deveria pensar maneiras para que a gente viva sem tanto apanheiro".

Kubitschek Pinheiro

Página 10

■ "Messi é também começo e meio. E meia. E atacante. A versão atual é a mais amalgamada das duas coisas".

Pedro Alves

Página 23

JUNHO VERMELHO
MÊS DE INCENTIVO À DOAÇÃO DE SANGUE

O bem corre em suas veias

Além da beleza: orquídeas têm função essencial no ecossistema

Admirada por colecionadores em todo o mundo, planta é rica em diversidade e serve como abrigo para espécies, oferecendo recursos como cera, pólen e néctar.

Página 20



Foto: Jarbas Nobre/Arquivo pessoal

Editorial

Sobre álcool e direção

No Brasil, como em qualquer outro lugar do planeta, as boas notícias relacionadas a questões que, de alguma maneira, envolvem violência, são sempre bem-vindas. Como aconteceu há poucos dias, com o anúncio de que a taxa de mortes no trânsito, diretamente associadas ao consumo de bebidas alcoólicas, caiu, no país, 19,5%, de 2010 a 2024. O estudo foi feito pelo Centro de Informações sobre Saúde e Álcool (Cisa).

Em números reais, a pesquisa constatou que, em 2010, 15 mil pessoas perderam a vida no trânsito por conta de bebidas alcoólicas, estatística cruel que recua para pouco mais de 13 mil, em 2024. Uma das causas apontadas para a redução dos acidentes de trânsito é a vigência da Lei Seca, que impõe tolerância zero para álcool e direção, considerada uma referência internacional no que diz respeito às “legislações que salvam vidas”.

Em entrevista para a Agência Brasil, a coordenadora do Cisa, Mariana Thibes, ressaltou que a redução das mortes no trânsito por conta da ingestão de bebidas alcoólicas foi significativa exatamente a partir da entrada em vigor da Lei Seca, mas que se percebe, hoje, uma redução da eficiência dessa norma, o que sugere uma reavaliação da legislação, para que se torne, novamente, eficaz no conjunto de ações direcionadas para proteger vidas.

A Lei Seca, de certa forma, perde também sua eficiência, de acordo com Mariana Thibes, porque as pessoas como que ficaram mais espertas, no que concerne às estratégias utilizadas para burlar a legislação de trânsito, comunicando-se, por meio de aplicativos, para dar conta dos locais onde estão sendo realizadas fiscalizações. Alia-do a isso, evolui, ainda, “um senso de que é possível passar impune pela Lei Seca”.

É impressionante a permanência de uma mentalidade contrária a uma convivência social pacífica. Burlar a Lei Seca significa, em última instância, colocar a própria vida e a de outras pessoas em perigo. As pessoas que dirigem, de um modo geral, deveriam se negar, naturalmente, a pegar na direção, a partir do momento em que consumissem bebidas alcoólicas, sem a necessidade da ação fiscalizatória e proibitiva da lei.

Enquanto essa tomada de consciência não acontece num patamar com nenhuma ou com poucas exceções, melhor então seguir as observações da coordenadora do Cisa, que defende “a intensificação das ações de fiscalização, o acesso a atendimento de emergência e as ações de prevenção que alcancem especialmente o público masculino”. Quem sabe assim não se teria um dia a dia com menos acidentes e, portanto, sem tantas mortes.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

A histórica convenção da Arena em 1978 (2)

O grande debate que sucedeu ao anúncio de Tarcísio Burity como futuro governador da Paraíba girava em torno da insistência com que os marizistas defendiam a disputa interna na convenção da Arena, contrariando a decisão do presidente Ernesto Geisel. A estratégia era avaliada como arriscada, mas o grupo acreditava genuinamente nas chances de vitória.

Na manhã do dia 1º de junho, lideranças reuniram-se na residência de Amir Gaudêncio para definir os próximos passos. Àquela altura, o grupo já havia conquistado a adesão do presidente do partido, o deputado Valdir dos Santos Lima, que estava insatisfeito por não ter sido o escolhido para compor a chapa de Burity como vice-governador. O apoio de Valdir fragilizava a ala governista que sustentava a indicação oficial.

O encontro durou cerca de cinco horas. João Agripino mantinha uma posição divergente da maioria dos presentes e argumentava: “Isso pode resultar na cassação de Antônio Mariz, fazendo com que a Paraíba perca o seu único líder popular da atualidade. É nosso dever preservar um homem que ainda pode fazer muito mais pelo partido e pelo Estado”. A alternativa proposta a Mariz era que ele aceitasse concorrer ao Senado. Pressionado, ele cedeu. Aloísio Afonso Campos redigiu, então, o documento que anunciaria à Paraíba a deliberação do grupo marizista. Uma nova reunião foi marcada para a noite, na casa do deputado Manoel Gaudêncio, momento em que a resolução seria tornada pública.

Pouco antes do novo encontro, no final da tarde, o cenário mudou. Mariz telefonou para Ramalho Leite e comunicou que estava disposto a colocar seu nome na disputa da convenção, a despeito de todos os riscos que pudesse correr.

Os debates que ocorreram durante a noite tomaram um rumo completamente diferente do que havia sido estabelecido pela manhã. Ramalho Leite, que defendia entusiasticamente a tese de “bater chapa” na convenção, não perdeu tempo e rasgou a carta escrita mais cedo. No fim, a vontade manifestada pelo próprio Antônio Mariz foi o ponto determinante e terminou por prevalecer.

Às vinte e uma horas e trinta minutos, Mariz fez a sua proclamação. “Vou disputar a convenção partidária, mesmo sabendo que poderei tornar vítima do arbítrio e do autoritarismo do governo; do contrário não terei mais condições de fazer política na Paraíba. Quero servir à democracia. Poucos se encorajam ao combate. Quero combater”. No dia seguinte, foi protocolado o pedido de registro da candidatura, acompanhado por um requerimento assinado por 47 convencionais.

Mariz resolveu desafiar a máquina oficial, consolidando sua imagem de defensor da democracia e iniciando sua trajetória rumo à oposição, mesmo sabendo da ameaça que teria sido feita pelo general Golbery do Couto e Silva, então ministro-chefe da Casa Civil da Presidência da República, manifestada nos seguintes termos: “Qualquer disputa no Colégio Eleitoral será considerada como contestação ao regime revolucionário. A isto responderemos com cassação de mandato e de direitos políticos por dez anos”. Mariz não se intimidou e reafirmou na ocasião: “Mesmo assim, com toda essa ameaça, eu vou à convenção. Não me interessa o que eles pensam da minha atitude. Eu não teria mais condições de pedir voto aos paraibanos”. A sorte estava lançada.

“

Mariz resolveu desafiar a máquina oficial, consolidando sua imagem de defensor da democracia e iniciando sua trajetória rumo à oposição

Foto Legenda

Evandro Pereira



O perigo da automedicação

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Recordar é bem melhor que viver

Eu tinha um primo em Campina Grande chamado “João Ferreira Viana”. Chegara aos meus 14 anos e me entendi livre para pular o muro do internato, correr seis léguas a pé a Alagoa Nova e iludir a boa-fé de meus pais com a alegação de mal passadio no internato.

Ora, eu nunca antes me achara mais livre nem mais bem servido. Queria mesmo era debandar, livrar-me do rigor do salão de estudos, no aprendizado, tal como fugi por toda a vida da obrigação curricular dos liceus da vida e de tudo o mais que viesse exigir esforço de vontade e de aprendizado.

A viagem a pé, a tarde inteira entrando pela noite, sem uma carona, deve ter abrandado a reação de meu pai. Daí, fui levado por ele e acolhido familiarmente numa casa com todos os seus cômodos já ajustados para quatro filhas, o chefe da família e D. Rosinha, que vivia de cama, além do provedor da casa, João Viana, solteirão. Escravo do trabalho, ele levantava com o sol, apressava o café e as grandes pernadas para o seu negócio. E ofereci-me a segui-lo na marcha batida, todo dia, desde o Quartel do 40 BC, no Alto do Seixo, até chegar a Florianópolis, dobrar à direita e nos enfiarmos balcão adentro na mercearia de Sizino Uchoa, atrás do Grande Hotel. Era não mais que um quarto sem forro iluminado por um feixe de sol que descia da cobertura pela telha de vidro a avultar sacos e mais sacos de biscoitos que o primo ia comprar a granel na Pilar do Recife para a revenda a varejo nos bairros da cidade. Eram biscoitos com pequenas falhas do processo industrial mas sem quebra de qualidade, que eu fisgava de cada embrulho com aquele mesmo morno adocicado de tão longa duração.

E, à luz dessa memória romantizada por Proust, o foco remoto daquele telhado vem me situar agora, oitenta anos depois, de carrocinha a mão a concorrer com o Café São Braz do velho José Carlos da Silva, o pioneiro da Simeão Leal, na entrega das nossas mercancias.

Advirta-se que, naquele tempo, 80 ou mais por cento do café consumido na região eram torrados e pilados em casa, a demanda total do café processado e de embalagem rotulada

“

Foi ele o industrial dos novos tempos, de visão aberta para o mercado que as comunicações e os primeiros incentivos começavam a expandir

vindo a ser atingida a partir da geração de executivos do José Carlos da Silva Júnior, herdeiro do nome, da fibra e das bases sólidas de uma indústria de aspirações à frente do seu tempo.

Foi ele o industrial dos novos tempos, de visão aberta para o mercado que as comunicações e os primeiros incentivos começavam a expandir.

Jovens, ele uns seis anos mais velho, eu o conhecia de longe, ele já rapaz de buços, bem vestido, filho de um industrial de liderança que, vezes sem conta, era visto a conversar de mangas de camisa à porta da fábrica, conversa em que entravam os seus iguais e também os comuns. Relacionava-me mais de perto com outros filhos de ricos, colegas de ginásio, como Luiz Mota, Aragão, Vilarim e até árabes e libaneses que o comércio da cidade atraía em sua pujança algodoeira. Quando vim me relacionar de fato com o José Carlos Junior, ele já formava entre as novas lideranças unidas contra o conservadorismo da Federação das Indústrias. E, pela primeira vez, nos sentamos à mesma mesa com Humberto Almeida para os primeiros passos do *Jornal da Paraíba*, ganho que não pude conciliar na assessoria da Sinep e da editora A União. Com ele vim levar a melhor aqui, prestigiando-me em meus lançamentos, recebendo-me só ou ao lado de José Neiva Freire, seu amigo, sendo sempre ele quem mais conversava ou nos informava.

Recordar, não há dúvida, é melhor que viver.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA-PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, nº 451 — CEP 58.082-010 — Distrito Industrial — João Pessoa (PB)

Gisa Veiga
GERENTE-EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)

ASSINATURAS IMPRESSAS: anual R\$ 404,25 / semestral R\$ 202,12 / número atrasado R\$ 4

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor, exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.



Foto: Julio Cezar Peres

No Parque do Povo, o sistema de segurança dispõe de 260 pontos de videomonitoramento, entre câmeras fixas e reconhecimento facial

EM CAMPINA GRANDE

Governo oferece serviços e segurança no São João

Além do Parque do Povo, outros eventos contam com o apoio de órgãos estaduais

Maria Beatriz Oliveira
 Obeatriz394@gmail.com

Cerca de R\$ 23,5 milhões estão sendo investidos pelo Governo da Paraíba na realização d'O Maior São João do Mundo, em Campina Grande, neste ano.

O aporte estadual inclui ações voltadas para a segurança e a saúde durante os festejos no Parque do Povo e em outros eventos juninos da cidade, além da participação de órgãos e instituições parceiras, como o Procon-PB, a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), o Centro Integrado de Comando e Controle de Campina Grande (Cicc), a Empresa Paraibana de Turismo (PBtur) e o Empreender PB. Essas entidades atuam em pontos estratégicos da programação, entre eles o Parque do Povo, o Parque Evaldo Cruz, a Vila Sítio São João e o Salão do Artesanato.

Na área da segurança pública, o Governo da Paraíba atua por meio da Operação São João 2026, coordenada pela Secretaria de Estado da Segurança e da Defesa Social (Seds).

A iniciativa reúne efetivos das forças policiais, do Corpo de Bombeiros Militar, do Departamento Estadual de Trânsito da Paraíba (Detran-PB) e do Grupamento Tático Aéreo (GTA). Somente em Campina Grande, mais de 750 profissionais trabalham diretamente durante os 30 dias de programação d'O Maior São João do Mundo.

A estrutura de segurança também conta com o suporte do Cicc de Campina Grande, responsável pelas ações de videomonitoramento e patrulhamento aéreo. O centro mobiliza cerca de 60 profissionais por noite para acompanhar, em tempo real, as imagens captadas nos principais locais dos festejos juninos, cruzar informações e fornecer apoio estratégico às equipes que estão em campo.

No Parque do Povo, o sistema dispõe de 260 pontos de videomonitoramento, entre

câmeras fixas e equipamentos com tecnologia de reconhecimento facial. Já no distrito de Galante, outras 70 câmeras foram instaladas para reforçar o monitoramento e garantir maior segurança durante as celebrações.

De acordo com o coronel Hilmário Xavier, comandante do Comando de Policiamento Regional I (CPR1), da Polícia Militar da Paraíba, as ações do Cicc são fundamentais para determinar quais são as áreas de maior movimentação da festa e que, consequentemente, necessitam de um maior policiamento.

“O policiamento d'O Maior São João do Mundo é realizado tanto na área interna quanto na parte externa do Parque do Povo. Internamente, o corpo policial é distribuído em patrulhas nos pontos estratégicos do local, determinados pelo Cicc, que mapeia áreas sensíveis, consideradas de maior movimento. Já na região externa, o policiamento é feito por meio de diferentes equipes da Polícia Militar. Assim, podemos proporcionar a todos que participam dos festejos uma maior e melhor segurança, garantindo que o São João seja celebrado em paz”, declarou o comandante.

Defesa do consumidor

O Procon Paraíba também participa das festas juninas de Campina, promovendo a proteção aos consumidores durante o São João, realizando testes de detecção de metanol em bebidas alcoólicas, por meio da parceria com a UEPB, e conscientizando comerciantes e empreendedores sobre as normas que regem a relação entre clientes e empresas, detalhadas no Código de Defesa do Consumidor (CDC).

Roseli Meireles, coordenadora do Núcleo do Procon Estadual do Escritório de Representação de Campina Grande (Nuerge), detalhou que, além do Parque do Povo, o Procon também está presente na Vila Sítio São João e no Salão do Artesanato. “Estamos nesses



Foto: Arquivo Pessoal

“Estamos nesses locais para que o consumidor tenha onde fazer sua denúncia de forma prática e simples

Roseli Meireles

locais para que o consumidor tenha onde fazer sua denúncia e a sua reclamação de forma prática e simples. Temos até nos surpreendido porque, além das denúncias de situações oriundas de dentro dos locais, muitos consumidores têm nos procurado com demandas de fora porque ficam sabendo que o Procon está ali, então é muito importante estar mais perto do usuário e entender melhor suas dores”, afirmou Roseli.

Cultura e turismo

O Governo do Estado também fortalece a cultura popular junina por meio de iniciativas de incentivo, como o apoio concedido à Associação das Quadrilhas Juninas de Campina Grande (Asquaju), contribuindo para a preservação e valorização dessa importante tradição cultural.

Além disso, no campo da cultura e da produção artesanal, o Estado realiza a 42ª edição do Salão do Artesanato Paraibano, que acontece de 11 de junho a 4 de julho,

em Campina. Com o tema “Bonequeiras — arte de viver, vida de brincar”, o evento reúne mais de 500 expositores de diversas regiões da Paraíba, impulsionando a economia criativa e o empreendedorismo local. A expectativa é que o salão gere cerca de R\$ 3 milhões em negócios ao longo desta edição. “O salão é um evento que funciona como vitrine para aqueles que são invisíveis durante todo o ano, além de promover inclusão social, cidadania, preservar a cultura paraibana e proteger os ofícios tradicionais. Quando falamos em R\$ 3 milhões em vendas, nós nos referimos às vendas feitas no local, mas muitos artesãos recebem encomendas e ganham visibilidade que acaba gerando renda para o setor durante o ano todo”, frisou Marielza Rodrigues, gestora do Programa do Artesanato Paraibano (PAP).

Empreendedorismo

Outro importante eixo de apoio do Governo do Estado aos festejos juninos é o trabalho desenvolvido pelo programa Empreender PB, que beneficia diretamente barraqueiros e ambulantes que atuam no Parque do Povo, além dos artesãos participantes do Salão do Artesanato Paraibano.

N'O Maior São João do Mundo, foram formalizados 102 contratos, somando cerca de R\$ 770 mil em investimentos destinados ao fortalecimento dos pequenos negócios de Campina Grande. Já durante o Salão do Artesanato, estão sendo disponibilizadas 100 vagas para acesso ao crédito.

“O Empreender PB atua diretamente no apoio aos artesãos. Todo produtor que possui a Carteira Nacional do Artesão pode solicitar crédito por meio do nosso balcão de atendimento instalado no salão. Todo o processo de concessão será realizado durante o evento, incluindo capacitações e a elaboração do plano de negócios”, explicou o secretário-executivo do Empreendedorismo, Fabrício Feitosa.

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

Condenado a vida eterna

Recife acordou mais silencioso. Faltava aquele riso escandaloso que vinha do apartamento de Raimundo Carrero, faltava a gargalhada que, como bem disse sua amiga Karla Melo, era capaz de mover o mundo. Ele partiu na terça-feira, 16 de junho, levando consigo o Sertão inteiro que carregava no peito, mas deixando para nós uma obra que transcende o tempo e o espaço.

Quando criança, em Salgueiro, Carrero brincava na loja de roupas e chapéus do pai. Embaixo do balcão, encontrou caixas com obras de Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Ibsen e Shakespeare — foi ali, naquele Sertão aparentemente árido, que a literatura o encontrou. Quem poderia imaginar que aquele menino, que também tocava nas bandas Os Cometas e Os Tártaros, se tornaria um dos maiores construtores da literatura pernambucana?

Em 1975, com apenas 25 anos, escreveu em cinco dias o que seria seu marco inaugural: *A história de Bernarda Soledade — a tigre do Sertão*. O livro, prefaciado por Ariano Suassuna, era o batismo de fogo no Movimento Armorial. Bernarda não foi apenas uma personagem; ela foi o portal para um universo que ele próprio definia como a síntese da própria experiência, das influências e da dedicação à literatura que valoriza o Brasil em todas as suas dimensões.

Muitos o comparam a Dostoiévski. E não é exagero. Carrero, como o russo, vasculhava as camadas subterâneas da alma humana. Seus personagens — homens e mulheres atormentados pela ideia do pecado, pelo peso do destino — carregavam uma ferida original. O crítico José Castello afirmou, com precisão de bisturi: “O homem de Carrero carrega sempre, como o pecador do cristianismo, uma ferida original: ele está condenado a viver separado de si”.

E que energia tinha esse homem! “Celebrar a obra de Raimundo Carrero é celebrar o atrevimento, a liberdade interior, a aposta constante na incerteza e no risco”, escreveu Castello em outra ocasião. Sua obra-prima, *Minha alma é irmã de Deus*, venceu o prêmio São Paulo de Literatura em 2010. Mas ele nunca se satisfazia. Como observou seu amigo Nivaldo Tenório, cada livro representava uma nova experiência, uma busca perene pela palavra exata. Carrero repetia à exaustão que ainda não produzia a obra pela qual desejava ser lembrado. Um exagero, decerto, mas que nos dá a medida do artista.

Era esse espírito inquieto que, na década de 1970, ainda jornalista, criou uma das lendas urbanas mais populares do Recife: *A perna cabeluda*. Um colega de redação, tristonho, confessou ter encontrado a tal perna debaixo da cama enquanto sua esposa repousava — o problema matrimonial virou crônica, e a “besta-fera” se tornou patrimônio do imaginário pernambucano. “Não aguento mais falar d'A perna cabeluda”, brincava ele já nos últimos anos, aos 78, com a paciência de quem sabia que a criação já não pertencia mais a ele, mas ao povo.

Na Oficina de Criação Literária, revelou talentos como Marcelino Freire, que declarou: “É como se eu fosse, assim, um cara de sorte. Acompanhar de perto, tão próximo, a celebração da vida de um artista que eu admiro”.

Foi imortal da Academia Pernambucana de Letras desde 2005. Venceu o Jabuti, o Machado de Assis da Biblioteca Nacional, o APCA por duas vezes. Mas sua maior herança talvez seja a forma como transformou o Sertão de Pernambuco em um lugar universal. Potiguar Matos, na orelha de *Sombra Severa*, resumiu: “Há, pelo menos, um Sertão de Guimarães Rosa, um Sertão de Ariano Suassuna, agora um Sertão de Raimundo Carrero”.

Domingo, enquanto o sol se punha sobre o Capibaribe, pensei naquela frase que ele guardou a vida inteira como um castigo: “Eu sempre disse que esse menino ia matar a mãe de tanto aperreio”, ouvira de uma empregada após a morte da mãe, vítima de leucemia. Carrero transformou essa dor em literatura, em catarse, em beleza. Porque, como bem disse Sidney Rocha, nele fica claro: vida é obra.

Agora, *A perna cabeluda* vaga sem seu criador. Mas fica o riso, fica a palavra, fica o Sertão inteiro que ele nos legou.

Major Fábio

Pré-candidato ao Senado pelo Partido Novo

“Minha principal bandeira continuará sendo a segurança pública”



Foto: Leonardo Ariel

Em entrevista, o ex-deputado federal fala sobre sua trajetória, o cenário político paraibano e os planos para o Senado

Eliz Santos
elizsantos17@gmail.com

Policial militar reformado, ex-deputado federal e pré-candidato ao Senado pela Paraíba nas eleições de 2026, Major Fábio construiu sua trajetória pública tendo a segurança como principal bandeira. Ingressou na Polícia Militar aos 18 anos e, ainda jovem, assumiu funções de comando que marcaram sua carreira profissional.

Na política, chegou à Câmara dos Deputados em duas oportunidades e ganhou projeção nacional ao defender pautas voltadas à valorização das Forças de Segurança, entre elas a PEC 300, que propunha a criação de um piso salarial nacional para policiais e bombeiros. Ao longo dos últimos anos, concorreu à Prefeitura de Campina Grande (2012), ao Governo da Paraíba (2014 e 2022) e à Prefeitura de Cabedelo (2020).

Aos 56 anos, filiado ao Partido Novo, Major Fábio afirma que o avanço da criminalidade no país e sua experiência como especialista em Segurança Pública o motivaram a colocar novamente seu nome à disposição do eleitorado. Nesta entrevista, ele fala sobre sua trajetória, os desafios da segurança pública, o cenário político paraibano e os planos para o Senado Federal.

Entrevista

■ *Quem é o Major Fábio e por que o eleitor paraibano deveria o escolhê-lo como representante no Senado?*

Sou major reformado da Polícia Militar da Paraíba e construí minha trajetória no serviço público. Ingressei na corporação aos 18 anos, por concurso, e, muito jovem, já ocupava funções de comando. Aos 23 anos, por exemplo, já comandava o policiamento de um jogo internacional entre Brasil e Paraguai, em Campina Grande. Não sou filho de político, nem parente de político; entrei na vida pública por uma necessidade. Em 1997, eu conversei com Deus e queria saber o propósito da minha vida e eu percebi que Deus estava me dizendo que eu precisava lutar pela segurança pública. Em 2006, fui candidato a deputado federal, fiquei na suplência e acabei assumindo a vaga após a renúncia do Ronaldo Cunha Lima. Na Câmara, liderei a batalha pela PEC 300, que era o piso nacional dos policiais e bombeiros militares do Brasil. Hoje coloco meu nome como pré-candidato ao Senado, porque entendo que o Brasil enfrenta desafios graves relacionados à criminalidade e à corrupção. Como especialista em segurança pública, acredito que posso contribuir para esse debate e para a construção de soluções que garantam mais segurança aos paraibanos. O eleitor deve avaliar minha trajetória de trabalho, minha experiência na área e minha independência política. Sou um homem simples, que não pertence a grupos tradicionais da política, mas que tem disposição e coragem para defender temas importantes para a sociedade paraibana.

■ *O senhor ficou conhecido nacionalmente pela defesa da PEC 300 e da valorização das Forças de Segurança. Caso seja eleito senador, quais serão as principais bandeiras do seu mandato?*

Minha principal bandeira continuará sendo a segurança pública, tema que considero fundamental para o desenvolvimento da Paraíba e do Brasil. Isso inclui o combate ao crime organizado, o fortalecimento das Forças de Segurança, investimentos em tecnologia, equipamentos e valorização dos profissionais da área. Também pretendo atuar de

forma firme na fiscalização dos recursos públicos e das grandes obras, cobrando eficiência e transparência na aplicação do dinheiro público. Muitas vezes, atrasos e problemas em obras importantes estão ligados à má gestão ou à corrupção. Defendo ainda o endurecimento da legislação penal para crimes graves, especialmente quando praticados por adolescentes que já têm plena consciência de seus atos. Quem pratica crime de adulto, tem que cumprir pena de adulto. Então, a gente faz essa defesa do endurecimento das penas e, principalmente, essa moralização no poder público. Precisamos discutir mecanismos que garantam mais segurança à população e reduzam a sensação de impunidade. Quero ser um senador presente, fiscalizador e comprometido com a moralização da administração pública.

■ *Como policial militar e major reformado, qual é a sua proposta concreta para combater o avanço do crime organizado e fortalecer a segurança pública na Paraíba?*

É preciso entender que, para combater o crime organizado na Paraíba, tem que haver uma decisão de Estado. Existe uma necessidade desse enfrentamento pelos agentes políticos. Não estou aqui para condenar ninguém, mas para chamar atenção para um problema que precisa ser discutido com seriedade e transparência. Isso tem acontecido na Paraíba, é de conhecimento das forças policiais e do Ministério Público, e precisa ser debatido. Não é possível que os nossos agentes políticos não discutam esse assunto. Também não é possível que um indivíduo que mora no Rio de Janeiro comande uma cidade à distância, utilizando câmeras espalhadas por diversas cidades. Isso já foi comprovado e passou em rede nacional. Por isso, a gente exige que os agentes políticos tenham coragem para enfrentar essa realidade. Eu estou me colocando para ter essa coragem, para visitar essas pessoas e para dizer que, em qualquer comunidade da Paraíba, quem tem que mandar é o Estado. Quem tem que mandar é a polícia e as instituições públicas. Não aceito, como policial militar reformado, que uma viela, um beco ou um bairro seja tratado como território onde a po-

lícia não pode entrar porque quem comanda é o crime organizado. Precisamos fortalecer as Forças de Segurança, ampliar a presença do Estado nas comunidades e garantir que a população possa andar de cabeça erguida, com segurança e tranquilidade.

■ *O senhor iniciou sua trajetória no PFL/DEM, passou pelo Pros, PRTB e agora está no Novo. Como explica essas mudanças partidárias ao eleitor?*

Na verdade, eu sempre tive as mesmas convicções. Mudei de partido, mas não mudei meus pensamentos nem minhas ideologias. Sou um homem de direita e sempre fiz oposição, porque acredito que um governo só funciona bem quando existe quem fiscalize e cobre resultados. Não entrei na política para balançar a cabeça para ninguém, mas para estar ao lado do cidadão. As mudanças partidárias aconteceram em função dos projetos políticos que disputei ao longo dos anos. Hoje, estou no Partido Novo porque foi o partido em que mais me identifiquei. É uma legenda que defende bandeiras nas quais eu acredito, como o combate à corrupção, o fim dos privilégios políticos e o enfrentamento da criminalidade. Então, é exatamente nesse é partido que eu acredito e pretendo continuar.

■ *Recentemente, o ex-ministro Marcelo Queiroga afirmou que pretende destinar seu segundo voto ao senhor para o Senado. Após divergências públicas sobre uma possível aliança entre PL e Novo, o senhor considera essa declaração um gesto de reaproximação política? Ainda acredita na construção de uma chapa unificada da direita na Paraíba ao lado de Efraim Filho e Marcelo Queiroga?*

Fico feliz com a declaração de Marcelo Queiroga. É um gesto que valorizo e recebo com gratidão. A união de uma chapa da direita para 2026 é um caminho que sempre trabalhei para construir. Em relação a Efraim Filho, espero que ele relembre nossa trajetória. Nós fomos deputados juntos, ele conhece minha história, minha trajetória política e sabe quem eu sou. Sou um homem de direita e quero somar com os projetos de Efraim Filho para o governo e de Marcelo Queiroga para o Senado. Tenho dito isso publicamente. Acredito que os princípios do Novo dialogam com as pautas defendidas pelo PL. Também deixo claro que serei candidato ao Senado. O Novo tem partido organizado e a legislação permite que lancemos candidatura ao Senado mesmo sem candidato ao governo. Portanto, independentemente da composição da chapa, continuaremos nossa pré-campanha. Defendo a coerência. E, para mim, a chapa de direita que hoje está colocada para a Paraíba é formada por Efraim Filho e Marcelo Queiroga. É com esse projeto que pretendo somar, sem abrir mão da candidatura do Novo ao Senado.

■ *No cenário nacional, o senhor defende a pré-candidatura de Romeu Zema à presidência, mas na Paraíba apoia lideranças ligadas ao bolsonarismo, como Efraim Filho e Marcelo Queiroga. Como pretende conciliar essas diferentes correntes da direita durante a campanha de 2026?*

Isso não é um problema. Essa situação acontece em vários estados do Brasil, como Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. Na Paraíba, eu apoio Efraim Filho para o governo e Marcelo Queiroga para o Senado, enquanto, no plano nacional, defendo a pré-candidatura de Romeu Zema à presidência. A eleição presidencial é decidida em dois turnos. No primeiro turno, cada partido pode apresentar seu projeto e seu candidato. Se Romeu Zema não chegar ao segundo turno, estaremos com o candidato da direita que avançar. Isso está muito claro para todos nós. O mais importante é que existe uma convergência de princípios. No segundo turno, a tendência é que as forças de direita estejam unidas em torno do projeto que representar melhor esses valores, como já aconteceu em outras eleições.

■ *O senhor declarou recentemente que “não existem intocáveis no Brasil” e citou questionamentos a ministros do Supremo Tribunal Federal (STF). O senhor é a favor da abertura de processos de impeachment contra ministros do Supremo?*

Sou a favor, desde que existam fatos que justifiquem a abertura do processo e que tudo aconteça dentro da lei e do devido processo legal. Tenho dito que não existem brasileiros intocáveis. Isso vale para qualquer cidadão, para um presidente da República e também para um ministro do Supremo Tribunal Federal. Quando surgem denúncias ou questionamentos, eles precisam ser esclarecidos. Aprendi, ainda na formação policial, que quem exerce função pública deve ter muito cuidado com suas relações e, quando houver dúvidas, deve prestar os esclarecimentos necessários à sociedade. Se existir um fato que exija investigação, ele deve ser investigado. E, se por acaso for constatada culpa, a pessoa precisa responder por isso. Nós já vimos presidentes sofrerem impeachment, vimos presidentes serem presos. Por que um ministro do Supremo não pode responder também? Todos os dias vemos juízes sendo investigados ou afastados quando há denúncias. Se houver indícios contra um ministro, ele também deve responder. E, se for comprovado crime, deve sofrer as punições previstas na lei. O que eu defendo é que não existam intocáveis no Brasil.

■ *Caso o próximo governador eleito da Paraíba seja de um campo político oposto ao seu, qual será a sua postura no Senado?*

Vou ajudar a Paraíba e continuar fazendo oposição quando for necessário. Vou aplaudir o que estiver certo e apontar o que estiver errado, porque meu compromisso é com a sociedade. Nós vamos acompanhar de perto a gestão pública, fiscalizar e cobrar resultados. A Paraíba precisa continuar crescendo, mas crescer sem medo do crime e longe da corrupção. A gente não aguenta mais ver obras demorando anos para serem concluídas. Não estou dizendo que exista corrupção em toda obra atrasada, mas muitas vezes a ineficiência anda de braços dados com a corrupção. E quem sofre é a população. Eu sempre fiz oposição. Em Brasília, votei contra propostas dos governos quando enten-

dia que elas não eram boas para o país e vou continuar fazendo isso, seja qual for o governador. Se acertar, terá meu apoio; se errar, terei a coragem de dizer que está errado e precisa ser corrigido. Mesmo que o governador seja alguém que eu apoie, vou ter a lealdade com a sociedade de apontar os erros quando eles existirem. Acho que essa é a obrigação de qualquer homem público.

■ *Quais são os principais diferenciais e credenciais que o senhor apresenta ao eleitor paraibano nesta disputa pelo Senado?*

Eu sou um homem que tem uma profissão. Servi à Polícia Militar por mais de 20 anos e sou especialista em Segurança Pública. Conheço a realidade da Polícia Militar, da Polícia Civil e do sistema prisional. Sei dos desafios que enfrentamos e do que precisa ser feito para amenizar a criminalidade no nosso estado. Tenho a coragem de enfrentar esse debate, porque a Paraíba não pode seguir o caminho de estados que, hoje, sofrem fortemente com o avanço do crime organizado. Precisamos garantir que as famílias possam viver com segurança e criar seus filhos sem medo. Essa talvez seja a missão mais difícil da minha vida: trazer esse tema para o centro do debate público. Tenho denunciado situações que considero graves e vou continuar fazendo isso, porque acredito que a sociedade precisa discutir assuntos que muitas vezes são evitados pela classe política. Quero ser um agente de mudança. A Paraíba precisa de políticos comprometidos com a honestidade, com a lealdade ao povo, com o combate à corrupção e com o enfrentamento do crime organizado. É essa experiência, essa independência e essa coragem que coloco à disposição dos paraibanos.

■ *Para encerrar, que mensagem o senhor gostaria de deixar aos paraibanos que acompanham esta entrevista?*

Gostaria de me apresentar como um cidadão comum, igual a você que está lendo esta entrevista agora, mas que tem a coragem e o destemor de ir para o debate e representar a sociedade paraibana. Quero cobrar daqueles que estarão comigo nesse debate o compromisso com a família que foi expulsa da sua casa pelo crime organizado, com a família que perdeu um filho para a criminalidade e com aqueles que sofrem as consequências da ineficiência do poder público. Muitas vezes, essa ineficiência acaba andando de mãos dadas com a corrupção. Dirijo-me a você que se indigna, como eu me indigno, diante dessas situações. Este não é o momento de pedir votos, mas de dialogar e apresentar ideias. Sou pré-candidato ao Senado e quero dizer que existe um major da Polícia Militar colocando seu nome à disposição da Paraíba para enfrentar esses temas com coragem. Sou cristão e acredito que Deus tem um propósito para cada um de nós. Acredito que essa missão já estava nos planos de Deus para a minha vida. Por isso, coloco meu nome à disposição dos paraibanos e espero que as pessoas compreendam que o nosso estado precisa de homens e mulheres corajosos para enfrentar a corrupção e o crime organizado.

SUPER EL NIÑO

Prognósticos acendem alerta na PB

Fenômeno climático aumenta chances de seca nas regiões Norte e Nordeste; Sertão terá impactos mais severos

Carolina Oliveira
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com

Estiagem, redução das chuvas e elevação das temperaturas, entre o segundo semestre e o início do próximo ano, estão entre as previsões de modelos climáticos e boletins que apontam a ocorrência do Super El Niño. O termo é aplicado, informalmente, quando as anomalias de temperatura no Pacífico Equatorial ultrapassam +2 °C — limiar atingido nos episódios históricos de 1997–1998 e 2015–2016. Com impactos refletidos na agricultura e na alta dos preços de alimentos e itens essenciais, na Paraíba, o Sertão deverá ser a área mais afetada, seguida do Agreste. No Litoral, o verão terá temperaturas e incidência de raios solares acima da média. Diminuição dos níveis dos rios, e processos de desertificação intensificados também acendem alertas.

Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Ranyére Nóbrega conta que os modelos indicam, para o Nordeste, crescimento da evapotranspiração, atraso da estação chuvosa, alta variabilidade espacial e focos de incêndio no semiárido. “O Atlântico aquecido atuou como fator atenuante e amenizou a estiagem no início do ano, mas seu sinal começa a diminuir a partir do segundo semestre, ampliando a influência do El Niño”,

aponta o geógrafo.

A última atualização da agência estadunidense Administração Nacional Oceânica e Atmosférica — em inglês National Oceanic and Atmospheric Administration (Noaa) —, divulgada no último dia 8, indica que o cenário climático global para o segundo semestre de 2026 será dominado pelo El Niño, com mais de 87% de chance de estabelecimento do fenômeno entre junho e julho de 2026, chegando a 96% de probabilidade de persistência no período de dezembro de 2026 a fevereiro de 2027.

Diante do contexto e das repercussões esperadas, esforços como a melhoria da drenagem urbana; o fortalecimento dos sistemas de alerta; a ampliação do monitoramento hidrológico; e um melhor planejamento do uso do território, de acordo com o geógrafo, são medidas muito mais efetivas do que respostas emergenciais tomadas após os eventos. “Para o Nordeste, as prioridades são gestão hídrica, segurança alimentar, saúde pública, prevenção a incêndios e comunicação”, aponta Ranyére Nóbrega.

Modelos climáticos

A Organização Mundial de Meteorologia (OMM) reforça: os modelos climáticos estão fortemente alinhados, e há alta confiança no início do El Niño, seguido de maior intensificação nos meses seguintes. “Isso significa que todos os centros de pre-

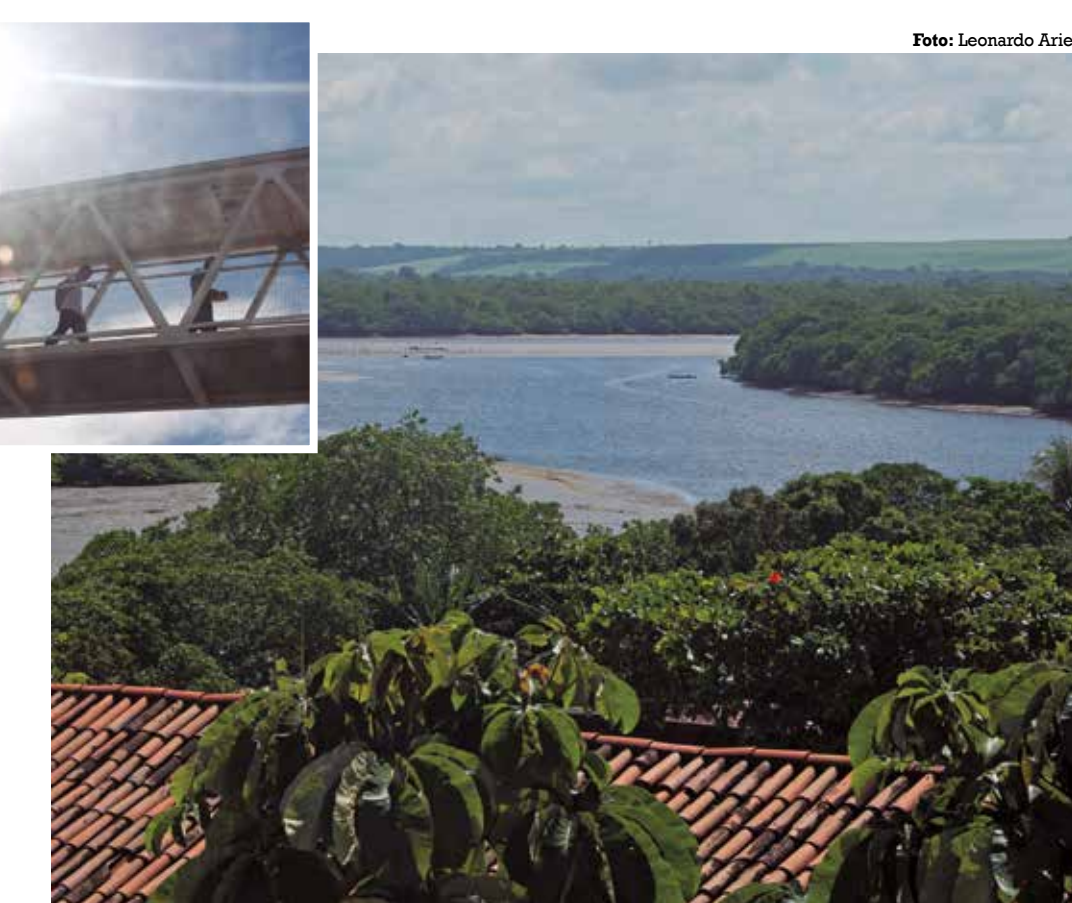


Temperaturas acima da média e diminuição de recursos hídricos são consequências previstas

visão de El Niño estão enxergando a chegada dele; a diferença está na intensidade. Os El Niños são classificados em fracos, moderados, fortes e muito fortes, e a maneira como o Oceano Pacífico leste está aquecendo está muito acelerada. Para alguns cientistas, como nunca observado”, destaca Nóbrega.

Previsões feitas para os meses de março a julho enfrentam a chamada “barreira de previsibilidade da primavera”, período em que os modelos climáticos apresentam menor precisão para antecipar o comportamento do El Niño, e muitas projeções podem sofrer alterações importantes. “O oceano e a atmosfera interagem de forma não linear, e pequenas variações no estado inicial se amplificam ao longo do tempo”, descreve Ranyére Nóbrega.

Por isso, os boletins estão sendo atualizados constantemente: quanto mais próximas do pico — projetado



para novembro e dezembro de 2026 e janeiro de 2027 —, mais robustas se tornam as previsões regionais. No boletim da Noaa, já há um indicativo superior a 70% de que o evento chegue no verão, com intensidade de forte a muito forte. “Mas é necessário acompanhamento constante para aumentar a precisão da probabilidade e verificar se o indicativo aumentará”, pontua o geógrafo. Ao passo que favorece grandes volumes de chuva no Sul do país, o El Niño aumenta o risco de seca no Norte e Nordeste. Para a Paraíba e Pernambuco, os impactos podem diferir a de-

pende da sub-região.

O Litoral recebe umidade do Atlântico por mecanismos próprios, e será a área menos afetada. Ainda assim, a redução das chuvas no segundo semestre pode comprometer o abastecimento urbano em algumas cidades, degradar estuários e aumentar o risco de incêndios em remanescentes de Mata Atlântica. Destaca-se uma previsão de verão com temperaturas acima da média e alta incidência de radiação ultravioleta (UV).

A zona do Agreste é de vulnerabilidade. O Planalto da Borborema retém a pou-

ca quantidade de umidade vinda do Atlântico no litoral (barlavento), deixando a sub-região ainda mais isolada sob uma massa de ar seco e quente. Como a base econômica é de agricultura familiar, essa atividade e a região podem sofrer impactos significativos.

No semiárido (Sertão), as consequências previstas são mais severas. Com menos chuvas e ondas de calor intensas, a evaporação nos açudes será acelerada, comprometendo o abastecimento humano e animal, com período de seca mais prolongado do que a média histórica.

Cuidados preventivos podem atenuar efeitos, argumenta especialista

“Independentemente da intensidade, o episódio previsto do El Niño provocará impactos, e as regiões mais afetadas já foram apontadas, bem como as medidas preventivas, que podem reduzir os danos”, avalia o professor de geografia da UFCG, Ranyére Nóbrega.

Uma das preocupações cruciais diante das condições impostas pelo fenômeno, para Ranyére Nóbrega, a gestão hídrica passa, principalmente, pelo monitoramento de açudes estratégicos como Boqueirão, na Paraíba, e Araripe, em Pernambuco. “Além disso, planos de racionamento preventivo devem ser acionados antes do pico do fenômeno”, afirma. Outro ponto importante é o preparo para a prevenção de incêndios. “É essencial garantir que governos estaduais e municipais possam, prontamente, combater incêndios em áreas de Caatinga e zonas de transição”, assevera.

No contexto da segurança alimentar, o professor destaca o apoio da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) na estocagem, emergencial e prévia, de produtos básicos para enfrentar a alta de preços durante a estiagem, principalmente no Sertão. Já no eixo saúde pública, esforços devem ser

concentrados no monitoramento sanitário dos reservatórios e campanhas sobre qualidade da água. “Além destes esforços preventivos e estratégicos, pensar em comunicação é fundamental, e o foco deve ser o combate à desinformação sobre o Super El Niño, com linguagem acessível e dados confiáveis”, opina Ranyére.

Prognósticos

Em nível nacional, uma nota técnica do Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden) quantifica mais de 80% de probabilidade de ocorrência do El Niño 2026–2027 a partir do trimestre agosto/setembro/outubro. “Devido a anomalias térmicas no Pacífico Equatorial, as regiões Norte e Nordeste podem enfrentar um agravamento do déficit hídrico, elevando o risco de incêndios florestais e impactos na agricultura”, descreve o gerente-executivo de Mudanças Climáticas da Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade (Semas), Jancerlan Rocha.

Centros globais de referência como o Cemaden, o Centro Europeu de Previsões Meteorológicas (ECMWF), a Noaa, e a Agência Executiva de Serviços



Pensar em comunicação é fundamental, e o foco deve ser o combate à desinformação sobre o Super El Niño

Ranyére Nóbrega

de Meteorologia, Hidrologia e Clima da Austrália, o Bureau de Meteorologia (BoM), apontam que prognósticos mais assertivos dependem da superação da barreira de previsibilidade da primavera (no Hemisfério Norte), que gera incertezas em torno do acoplamento atmosférico e a intensidade exata do fenômeno.

Estado prepara plano estratégico para período crítico de estiagem

De acordo com o gerente-executivo de Mudanças Climáticas da Semas, apenas com a consolidação das rodadas dos modelos climáticos globais, será possível calibrar os cenários, reduzir o espalhamento das projeções e constatar, com maior rigor físico, a evolução do fenômeno. No início de agosto, a Semas integrará o evento de monitoramento nacional e de consolidação de políticas ambientais estaduais do Cemaden, sediado em São José dos Campos, São Paulo. A iniciativa tem como propósito aprimorar as diretrizes de resiliência climática e regional.

“Em alinhamento à portaria de número 1.623/2026, do Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima, que declara estado de emergência ambiental, a Semas e o Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba estão finalizando o planejamento estratégico conjunto para o período crítico de estiagem”, afirma Jancerlan Rocha.

As diretrizes, vigentes até janeiro de 2027, englobam a capacitação de produtores rurais e a execução de operações integradas de prevenção e combate aos incêndios florestais.

João Pessoa

De acordo com a Coordenadoria Municipal de Proteção e Defesa Civil (Compdec-JP), a gestão da capital do es-

tado possui um plano de contingência para lidar com o fenômeno, que já está em vigor. Há também um outro em elaboração, que objetiva a redução de riscos e desastres. “A Compdec-JP realiza ações preventivas durante todo o ano, a exemplo da limpeza e dessassoreamento dos rios e o monitoramento das encostas e barreiras”, detalha o informe da Defesa Civil de João Pessoa.

Quanto à ocorrência do El Niño, a Defesa Civil Municipal declarou ainda que acompanha com atenção todas as informações e recomendações dos meteorologistas e climatologistas, “vendo com preocupação as consequências resultantes do fenômeno previsto e preparando-se para efetivar o apoio e socorro necessários à população possivelmente afetada, seguindo às recomendações da Política Nacional de Proteção e Defesa Civil, contidas na legislação”, ressalta o comunicado da assessoria do órgão municipal.

Cautela

Somente após a consolidação das rodadas dos modelos climáticos globais, será possível confirmar com maior precisão a evolução do fenômeno e seus possíveis impactos

METABOLISMO EM DIA

Estilo de vida saudável é primordial

Fatores como atividade física, sono e alimentação são essenciais para manter o bom funcionamento hormonal

Carolina Oliveira
marquesdooliveira.carolina@gmail.com

“O estilo de vida é o principal modificador hormonal disponível para a população”. Cada vez mais, o conteúdo dessa frase tem ecoado nas redes sociais e se tornou ponto de debate para quem quer melhorar a saúde — bem como para quem comunica sobre o tema ou o pesquisa —, e até para quem lida com pacientes nos consultórios. De acordo com o endocrinologista João Modesto Filho, a crença de que fatores como sono, atividade física e alimentação são determinantes também para regulação dos hormônios é verdadeira e tem uma base científica sólida. “As intervenções no estilo de vida estão recomendadas como primeira linha de tratamento para diversas doenças metabólicas e endócrinas”.

O médico ressalta, entretanto, que hábitos saudáveis não substituem tratamentos específicos quando existem doenças hormonais, autoimunes, genéticas ou tumorais. “O estilo de vida não controla todos os hormônios, mas é, sem dúvida, o principal modulador hormonal acessível à população e capaz de produzir benefícios clínicos comprovados. Já se sabe que um sono adequado, alinhado à atividade física regular, com alimentação equilibrada, controle do estresse e manutenção do peso corporal influenciam diretamente uma série de hormônios como insulina, cortisol, leptina, grelina, hormônios tireoidianos, testosterona e estrogênios”, afirma João Modesto.

Os hábitos atuam sobre sistemas biológicos que regulam a produção, a liberação e a ação dos hormônios. O endocrinologista detalha que a adequação do período e da qualidade do sono promove a sincronização do re-



Foto: João Modesto/Arquivo Pessoal

O estilo de vida não controla todos os hormônios, mas é, sem dúvida, o principal modulador hormonal acessível à população

João Modesto



Foto: Roberto Guedes

Hábitos saudáveis regulares trazem benefícios diretos à saúde da mulher, sendo fundamentais no tratamento de condições como Somp e menopausa

sulina, reduzindo processos inflamatórios, além de fornecer nutrientes essenciais para a síntese hormonal.

A atividade física, por seu turno, aumenta a sensibilidade à insulina, melhora a função de estruturas como as mitocôndrias e estimula a produção de substâncias que beneficiam o metabolismo. “A redução do excesso de gordura diminui a produção de mediadores inflamatórios que interferem na ação hormonal. Controlar o estresse reduz a hiperativação do chamado eixo hipotálamo-hipófise-adrenal e os níveis elevados de cortisol”, complementa. Em conjunto, conforme reitera o médico, todos esses mecanismos levam a um maior equilíbrio hormonal, melhorando o funcionamento metabólico, e determinando menor risco de doenças endócrinas e cardiovasculares.

“Muitos estudos mostram que a privação de sono aumenta a resistência à insulina e altera os hormônios da fome, o que favorece a obesidade e o diabetes”, destaca o médico. Por outro lado, manter exercício físico regularmente pode melhorar a sensibilidade à insulina, reduzir a inflamação e contribuir para o equilíbrio hormonal. Por isso, a perda de peso em pessoas com obesidade, de acordo com o médico, pode restaurar alterações hormonais associadas à síndrome metabólica e ao hipogonadismo, condição em que as gônadas (testículos nos homens e ovários nas mulheres) produzem hormônios sexuais insuficientes.

Benefícios

Embora os princípios gerais sejam semelhantes para homens e mulheres, existem diferenças importantes relacionadas à fisiologia hormonal de cada sexo. Para ambos, conforme explica João Modesto, os hábitos saudáveis reduzem a inflamação, me-

lhoram a sensibilidade à insulina e favorecem o equilíbrio hormonal, mas os efeitos clínicos costumam se manifestar de formas distintas devido às diferenças biológicas e reprodutivas.

Nas mulheres, o sono, a alimentação, a atividade física e o controle do estresse influenciam diretamente no ciclo menstrual, na ovulação, na fertilidade e na produção de estrogênio e progesterona. “[Esses] são os principais hormônios femininos, sendo particularmente relevantes em condições como síndrome ovariana metabólica poliidócrina (Somp) e menopausa”, destaca o médico.

Nos homens, esses fatores afetam especialmente os níveis de testosterona, a fertilidade, a composição corporal e a função sexual. “A obesidade, por exemplo, pode reduzir a testosterona nos homens e agravar alterações hormonais nas mulheres. O sono inadequado tende a impactar significativamente a produção de testosterona masculina, enquanto, nas mulheres, pode contribuir para irregularidades menstruais”, acrescenta o endocrinologista.

Diagnóstico e recomeço

Quando uma disfunção hormonal é detectada, além de um tratamento medicamentoso prescrito, cada paciente costuma deixar o consultório com recomendações de ajustes na rotina e o objetivo de manter um estilo de vida o mais saudável possível. Lidar com os sintomas também desperta o desejo de aumentar os cuidados. Para a ilustradora Carla Rocha, a descoberta do hipotireoidismo foi este motivador.

Na mesma época em que a mãe de Carla, que também tem hipotireoidismo, precisou de uma cirurgia para remover a glândula tireoide, a ilustradora descobriu que também tinha a mesma condição que afeta os hormônios tri-iodoti-

ronina (T3) e tiroxina (T4), controladores do ritmo de funcionamento de grande parte dos órgãos. “O primeiro ajuste que eu fiz na minha vida para conviver com o hipotireoidismo foi o uso de medicação. Exercícios e dieta balanceada, apesar de serem de muita importância para controlar o quadro, vieram só depois, o que acabou melhorando a minha qualidade de vida de um modo geral”, relata Carla.

“Com o passar dos anos, percebi que investir na saúde é ainda mais necessário para viver a fase adulta e chegar na velhice sem complicações”, avalia. Carla conta que, no processo de adoção dos novos hábitos, precisou “vencer” a falta de motivação, e administrar melhor a agenda diária. “A falta de tempo e o envolvimento com o trabalho me afastaram um pouco da atividade física, e era mais difícil ter disposição. Por ser autônoma, atualmente, eu tenho o privilégio de escolher um momento para pausar o trabalho e ir à academia. Manejar bem o tempo me ajuda no planejamento da rotina”, afirma a ilustradora.

Bons hábitos

Lidar com o sobrepeso e ter passado por um episódio de início de pré-diabetes foram as situações que levaram a assistente administrativa Myrelli Gomes a procurar ajuda médica e de outros profissionais da saúde para atingir mais rapidamente um estilo de vida saudável. “Meu metabolismo era lento e, apesar de praticar atividades físicas, eu não conseguia perder peso o suficiente. Então, foi por meio da ajuda de uma ‘equipe’, com nutricionista, endocrinologista e nutrólogo, que consegui ter um resultado satisfatório e manter minhas taxas regulares”, conta Myrelli.

A reeducação alimentar foi essencial para que os novos hábitos surgissem na rotina de Myrelli. “Melhorar a ingestão

de água, suplementar vitaminas e adotar uma alimentação com produtos naturais, diretamente da terra, entraram para as minhas prioridades”, conta. Desde os 21 anos, os treinos de força fazem parte da vida dela. “Comecei a musculação em 2019 e, durante a pandemia, mesmo com as restrições, busquei formas de me exercitar em casa”, lembra.

Passado esse período,

“

Com o passar dos anos, percebi que investir na saúde é ainda mais necessário

Myrelli Gomes

além de voltar aos treinos, ela começou a praticar corrida e, em seguida, natação. “Foi amor à primeira vista, eu não sabia nadar e esse esporte me ajudou no condicionamento diário. Hoje, em qualquer oportunidade que tenho de praticar algum esporte, estou indo, e agora ficou mais fácil de amar atividades físicas, porque conto com a companhia do meu marido para os treinos, corridas e em uma alimentação saudável”, revela Myrelli.

Apesar da preferência pelos exercícios matinais, Myrelli opina que organiza a rotina, encaixando os treinos de acordo com a realidade de cada dia. “Percebi uma melhora significativa na disposição, concentração e produtividade ao longo do dia quando os exercícios são feitos logo pela manhã e nisso entra uma boa noite de sono.

Antes de dormir, eu tento reduzir mais o uso de telas e busco tentar dormir entre sete e oito horas de sono por noite”, afirma.

Ajustes realistas

As mudanças no estilo de vida devem ser graduais, realistas e sustentáveis, evitando metas radicais que raramente são mantidas a longo prazo. O ideal, de acordo com o endocrinologista João Modesto, é começar por pequenas ações de maior impacto, como estabelecer horários regulares para dormir, aumentar o consumo de alimentos *in natura*, reduzir os ultraprocessados e incorporar alguma atividade física na rotina.

Mesmo agendas apertadas podem comportar mudanças relevantes: caminhadas de 20 a 30 minutos, exercícios curtos de alta eficiência, pausas para movimentação durante o trabalho e maior atenção à qualidade do sono já produzem benefícios reais. “Deve-se planejar as refeições e reservar horários fixos para o autocuidado, pois esses itens ajudam a aumentar a adesão. Portanto, em vez de buscar uma rotina ideal e, muitas vezes, inalcançável, a recomendação é adotar hábitos saudáveis compatíveis com a sua realidade e mantê-los de forma contínua ao longo do tempo”, recomenda o médico.

“A mensagem final é que os hormônios não funcionam de forma isolada”. Sono, alimentação, atividade física, controle do estresse e manutenção do peso corporal atuam como verdadeiros reguladores biológicos, influenciando a produção e a ação hormonal ao longo da vida. “Embora não sejam a solução para todas as doenças endócrinas, representam a intervenção mais acessível, segura e amplamente comprovada para promover saúde hormonal”, conclui João Modesto.

LEI SECA

Medida revigorou a segurança viária

Instituída há 18 anos, legislação trouxe mais rigor e efetividade às ações de combate à alcoolemia no trânsito

Maria Beatriz Oliveira
 obeatriz394@gmail.com
 Pedro Alves
 pedroalvesjp@yahoo.com.br

Criada com o objetivo de reduzir acidentes e mortes no trânsito causados pela combinação entre álcool e direção, a Lei Seca completa 18 anos em 2026. Sancionado em 19 de junho de 2008, o dispositivo legal tem sido uma das principais ferramentas de fiscalização e conscientização sobre a segurança viária no país. A legislação endureceu as penalidades para pilotos e motoristas flagrados sob efeito de bebidas alcoólicas e vem contribuindo para uma mudança gradual de comportamento entre os condutores brasileiros.

Os números mais recentes do Departamento Estadual de Trânsito (Detran-PB) apontam uma tendência de redução, tanto nas autuações de condutores por alcoolemia quanto na remoção de seus veículos aos pátios do órgão. De acordo com os dados oficiais aos quais a equipe de reportagem do jornal **A União** teve acesso, foram registradas 1.731 autuações com base na Lei Seca em 2024. Em 2025, esse número caiu para 1.300, representando uma redução de aproximadamente 25%.

A tendência de queda também pode ser observada em 2026. De janeiro a maio deste ano, foram contabilizadas 618 autuações por alcoolemia na Paraíba, conforme o Detran-PB. Mantido esse ritmo, a projeção é que o total anual permaneça abaixo dos índices registrados nos dois anos anteriores.



Foto: Divulgação/Detran-PB

Além de endurecer as penalidades para condutores flagrados sob efeito de álcool, dispositivo legal tem contribuído para uma mudança comportamental

Quanto às remoções de veículos ocasionadas pela aplicação da Lei Seca, o órgão estadual contabilizou 634 em 2024. O índice diminuiu, em 2025, para 381 — uma queda de cerca de 40%. Já de janeiro a maio de 2026, foram registrados 186 veículos removidos pelo Detran-PB.

Os dados refletem o impacto das ações de fiscalização e de educação para o trânsito, desenvolvidas ao longo dos anos, e, por conseguinte, de uma maior conscientização, por parte dos condutores, a respeito dos riscos e das consequências legais de dirigir após o consumo de bebidas alcoólicas. O impacto das multas mais pesadas

sobre o bolso também contribui para a disciplina: atualmente, a infração é considerada gravíssima e o condutor autuado deve desembolsar R\$ 2.934,70 pela penalidade — tanto se o teste do etilômetro (ou bafômetro) acusar a presença de álcool no organismo quanto se o cidadão se recusar a passar pelo exame. Em caso de reincidência dentro de 12 meses, o valor cobrado dobra para R\$ 5.869,40. As sanções previstas na legislação incluem, ainda, o recolhimento da Carteira Nacional de Habilitação (CNH) e a suspensão do direito de dirigir.

Alterações

Quem acompanha essa

realidade de perto é o coronel Valterlins Dutra, coordenador de Policiamento e da Operação Lei Seca na Paraíba. Em sua avaliação, houve, sim, em boa medida, uma mudança prática por parte da população paraibana: muitos condutores do estado, de acordo com o coronel, demonstram já ter se condicionado a ir e voltar de grandes festividades públicas, por exemplo, sem ingerir bebida alcoólica.

“Com o aumento e a intensificação da fiscalização na capital e no interior, temos observado a mudança de comportamento dos condutores. Hoje, é comum, quando vamos fiscalizar o trânsito

em grandes eventos — como O Maior São João do Mundo, em Campina Grande, e o Folia de Rua, em João Pessoa —, verificarmos que as pessoas têm se dirigido a esses locais por meio de transporte por aplicativo”, ilustra Valterlins. “Ou seja, a pessoa não faz uso do seu veículo pessoal [nessas ocasiões], o que era muito comum no passado. Isso é uma mudança decorrente da criação da Lei Seca e da fiscalização”, comenta o coronel.

De fato, a lei gerou uma alteração no Código de Trânsito Brasileiro (CTB) e restringiu o consumo de bebidas alcoólicas por condutores de veículos. Anteriormente, havia uma certa permissividade

de em relação ao ato de dirigir depois de beber — o CTB não punia quem fosse flagrado com 0,6 mg de álcool/L de ar expirado.

A reforma da legislação, em 2008, portanto, quebrou esse paradigma e impôs, na prática, uma regra de tolerância zero. Primeiramente, o limite permitido no teste de alcoolemia caiu para 0,1 mg de álcool/L de ar, e, depois, tornou-se ainda mais rigoroso: 0,04 mg/L — nível máximo de tolerância, considerado até hoje. Além disso, as sanções foram substancialmente endurecidas e, desde então, as operações de fiscalização aumentaram imensamente, em todo o país.

Foco de investimentos, fiscalizações ganham em eficiência

Um ponto importante em relação à legislação de 2008 é que, em muitos estados, o dispositivo legal demorou consideravelmente a ser o indutor de uma mudança cultural na sociedade. Isso porque levou tempo até que fosse formatada uma estrutura em que as ações de fiscalização pudessem ocorrer de forma sistemática, para que a aplicação da Lei Seca e das sanções decorrentes se transformasse em realidade.

Na Paraíba, por exemplo, o ano de 2012 é considerado um marco para a implementação efetiva da legislação como rotina, a fim de melhorar a saúde do trânsito no estado. Valterlins Dutra analisa esse cenário de evolução nas instituições de fiscalização e, consequentemente, na melhoria dos números de segurança locais.

“É interessante a gente observar que, na Paraíba, as primeiras ações efetivas [relacionadas à Lei Seca] pelo Detran-PB aconteceram em 2010. Mas, só em 2012, com a inclusão dos agentes de trânsito concursados, é que as operações de Lei Seca começaram efetivamente a acontecer, iniciando o enfrentamento da mistura entre álcool e direção. Os Detrans, as polícias militares e a Polícia Rodoviária Federal [PRF] foram se adequando ao pro-



Foto: Julio Cesar Pires

Agentes da PRF e do Detran-PB promovem, regularmente, operações em ruas e rodovias

cesso de fiscalização”, lembra o coordenador de Policiamento e da Operação Lei Seca na Paraíba.

O coronel destaca, ainda, a importância de investimentos governamentais para que a realidade continue sendo positivamente transformada e que o trânsito seja um lugar de maior respeito e segurança para todos. “Temos, hoje, um processo consolidado. De forma efetiva, com mais tecnologia, com maior eficiência, a gente tem alcançado grandes resultados. O Governo da Paraíba tem investido na modernização e na qualificação dos

agentes de trânsito do Detran-PB, na aquisição de etilômetros e de viaturas — o que melhora consideravelmente as ações de fiscalização”, pontua.

■ **A qualificação de agentes e a aquisição de viaturas e de bafômetros impulsionam as operações na Paraíba**

De janeiro a maio, polícia prendeu 35 infratores nas BRs

Nas rodovias federais que cortam a Paraíba, a PRF também mantém atividades permanentes de combate à embriaguez ao volante, uma das principais causas de acidentes e de mortes nas estradas que atravessam cidades e estados. De acordo com os dados mais recentes divulgados pela instituição sobre esse problema, de 1º de janeiro a 31 de maio deste ano, 35 pessoas foram presas por alcoolemia por agentes rodoviários em território paraibano.

Em 2024, a PRF regis-

trou 98 prisões por embriaguez ao volante nas BRs que também estão sob sua jurisdição no estado. Já em 2025, foram contabilizadas 121 prisões. Houve, portanto, de um ano para outro, um aumento no total de detenções — o que demonstra que esse tipo de crime de trânsito está longe de ser solucionado ou se tornar algo residual no país.

Em relação à mudança de conduta dos motoristas brasileiros após o endurecimento da legislação no país, o policial rodoviário federal Francimuller

Nascimento tem uma visão mais cética. Para ele, as instituições de fiscalização e de enfrentamento das imprudências no trânsito ainda flagram constantemente o descumprimento da lei.

“Apesar de a legislação estar completando sua ‘maioridade’, nossos condutores, muitas vezes, não refletem essa maturidade”. De todo modo, o agente da PRF reforça a relevância do dispositivo legal que, na sua avaliação, contribuiu para uma transformação, inclusive, na esfera jurídica, fazendo com que o com-

bate à mistura de álcool e direção passasse a ser executado a partir de condições mais efetivas, no que se refere às sanções.

“É importante deixar claro que essa legislação é fundamental para trazer uma maior segurança viária, porque também nos trouxe segurança jurídica para podermos fazer não somente as autuações administrativas, com também as prisões resultantes dessa danosa ação — que é dirigir sob efeito de álcool”, relata Francimuller.

Ao completar 18 anos,

a Lei Seca segue sendo um importante instrumento para a preservação de vidas nas ruas e nas estradas. Embora os dados oficiais demonstrem avanços e uma diminuição da ocorrência de condutores alcoolizados registradas pelo Detran-PB, também demonstram que ainda é extremamente necessário que o Estado mantenha ações educativas e operações constantes de fiscalização, para combater a imprudência e garantir mais segurança nas vias urbanas e rodovias estaduais e federais.

PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE

Dossiê pede reconhecimento ao forró

Símbolo das festas juninas, gênero tradicional é foco de um pleito internacional com protagonismo paraibano

Samantha Pimentel
samanthahuniao@gmail.com

Ao escutar a combinação de sanfona, zabumba e triângulo, é impossível não reconhecer o ritmo do forró em sua forma mais tradicional. Além da música, as danças, as roupas e a culinária, entre outros elementos, também compõem uma manifestação tipicamente nordestina, que se fortalece no período junino. Visando garantir a permanência e a salvaguarda de tudo isso, o forró busca, junto à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), seu reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Desde 2023, o Governo da Paraíba vem conduzindo esse processo em âmbito nacional, junto aos demais estados da região — mediante o Consórcio Nordeste — e ao Fórum Nacional do Forró de Raiz, com a Associação Cultural Balaio Nordeste.

Uma das maiores expressões da cultura popular do país, o gênero já recebeu, em 2021, o título de Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), por meio do registro das chamadas “Matrizes Tradicionais do Forró”. Essa nomeação abrange um “supergênero” musical e de dança — que inclui baião, xote, xaxado e arrasta-pé —, com foco na preservação de suas raízes nordestinas. A



Foto: Mariana Marinho/Secom-PP

Mobilização do Governo do Estado conta com o apoio do Iphan para a candidatura das Matrizes Tradicionais do Forró junto à Unesco

expectativa, agora, é que isso se estenda para um reconhecimento internacional.

O titular da Secretaria de Cultura (Secult) da Paraíba, Pedro Santos, destaca o protagonismo do estado em atuar em prol de salvaguardar o forró, já que todo o dossiê de candidatura surgiu da inquietude de entidades e artistas locais. “A Paraíba foi decisiva nesse processo. Realizamos uma campanha internacional, com eventos em Portugal e na França, e estivemos, em três ocasiões, reunidos com a Delegação

Permanente do Brasil junto à Unesco. Levamos forrozeiros para a própria sede da Unesco, além de termos dado apoio ao Iphan na mobilização dos estados nordestinos e na produção de materiais audiovisuais que integraram o dossiê”, aponta o secretário, lembrando, como exemplo, o Festival Internacional do Forró de Raiz, promovido em Lille, na França, em setembro do ano passado.

Antecipando que o reconhecimento da Unesco deve ocorrer, “provavelmente”, em 2030, a produ-

tora cultural e presidente da Associação Cultural Balaio Nordeste, Joana Alves, conta que a mobilização da entidade teve início em 2011, com a articulação da sociedade civil — por meio da realização de edições do Fórum do Forró de Raiz — e com o trabalho, em rede, de 14 estados. “Durante esse tempo, a gente tem trabalhado projetos e articulações políticas para que o forró torne-se reconhecido

mundialmente, e que as festas tradicionais tenham respeito pelo gênero”. Coordenadora do Fórum Nacional do Forró de Raiz, Joana expõe que também é preciso haver leis de amparo, com mecanismos para a manutenção e a permanência dessa tradição e de seus artistas.

Amparo e incentivo

Segundo Alfranque Amaral, coordenador do Fó-

rum do Forró de Raiz em Campina Grande, o preparo do dossiê envolveu, ainda, um grande esforço de pesquisa — que abrangeu todos os estados do Nordeste, do Sudeste e o Distrito Federal — até ser entregue à Unesco, em março deste ano, por representantes do Iphan e dos ministérios da Cultura (MinC) e das Relações Exteriores (MRE).

O documento inclui um inventário nacional de como estão as Matrizes Tradicionais do Forró — com relação aos mestres e grupos que mantêm essas práticas —, além de tratar das origens do gênero, de sua geografia e de recomendações de salvaguarda. “O bem é patrimonializado, justamente, para ser foco de políticas públicas”, aponta Alfranque, citando que, durante grandes eventos juninos, artistas do forró de raiz costumam receber destaque e cachês muito menores do que os destinados a outras atrações.

“Como patrimônio da humanidade, há uma perspectiva de exploração disso, no mundo todo, inclusive com incentivos fiscais, além da disseminação dessa cultura. Estamos felizes e certos de que a obra de Luiz Gonzaga está vencendo as fronteiras mundiais”, conclui Alfranque.

Para artistas, movimento ajuda a preservar e a valorizar raízes

O músico e compositor José Vasconcelos, de Campina Grande, é um dos que mantém viva a tradição do forró. Após décadas de experiência nos palcos, ele foi contemplado pelo registro de Mestre das Artes, por parte do Governo do Estado, e passou a receber uma bolsa para participar de atividades de fomento cultural, como o ensino de formação musical. Para ele, reconhecimentos como o de Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, pelo Iphan, têm ajudado a enaltecer o gênero. “O forró era uma coisa um pouco desprestigiada por parte da sociedade, mas esse título é de grande valorização para projetos e eventos”, observa.

Natural de Alagoa Grande e filho de sanfoneiro, José Honorato da Silva, do grupo Forró Encabulado, também celebra o pleito junto à Unesco, ressaltando os esforços da Secult, da Associação Cultural Balaio Nordeste e do poeta e compositor Geovane Júnior para preservar as raízes do forró, especialmente diante da ascensão de vertentes mais estilizadas do gênero. “O secretário de Cultura, Pedro Santos, tem dado total apoio ao projeto São João na Rede, que já está em sua sétima edição, com um caminho-palco que percorre a Paraíba, levando o forró aos quatro cantos do estado”, salienta.

Como defende o sociólogo Jomário Pereira, de fato, apesar

das mudanças pelas quais o forró tem passado, ao longo do tempo, seus elementos tradicionais — como os trios pé de serra, as roupas e as danças típicas — permanecerão, pois se consolidaram como marcadores culturais de uma identidade coletiva, sobretudo no Nordeste. “Eles estão no nosso dia a dia, especialmente no período junino. É um fator agregador da nossa sociedade”, avalia o especialista, detalhando que esse patrimônio nasceu como fruto de influências africanas, indígenas e europeias, mas se distingue como uma “criação própria, tipicamente brasileira”.



Foto: Hugo Beltinger/Colaboração

Campanha cultural incluiu um festival de forró em Lille, na França, no ano passado

JUNHO VERMELHO

MÊS DE INCENTIVO À DOAÇÃO DE SANGUE



MARKETING EPC

O bem corre em suas veias

PARA SE TORNAR UM DOADOR, PROCURE O HEMOCENTRO DA SUA CIDADE.



Fotos: Divulgação/Warner Bros.

Milly Alcock é a terceira atriz a interpretar a personagem nos cinemas



Imagem: Divulgação/Warner Bros.

CINEMA

Mulher de Aço

Conheça melhor a prima do Superman, que ganha um novo filme 42 anos após o anterior: Supergirl tem pré-estreia na terça e estreia na quinta-feira

Renato Félix
renatofelix.correio@gmail.com

Superman surgiu em 1938 como o “último filho de Krypton”, enviado ainda bebê por seus pais pouco antes de o planeta inteiro explodir. Em 1959, os leitores descobriram que não era bem assim: aparecia (no gibi americano *Action Comics* 252) Kara Zor-El, a prima adolescente do Homem de Aço, que passou a atuar na Terra como Supergirl (ou Supermoça, em outras traduções). Com uma trajetória movimentada nos quadrinhos, ela agora estrela seu próprio filme, no novo DC Universe: *Supergirl* tem pré-estreias nesta terça (23) — o filme será exibido na Paraíba em salas de João Pessoa, Campina Grande, Patos e Guarabira — e estreia na quinta-feira (25).

Milly Alcock (egressa da série *A Casa do Dragão*) assume o papel após uma ponta-surpresa no fim de *Superman*, no ano

passado. Agora é David Corenswet, o Superman do filme, que “retribui a visita”. Longe da *persona* ingênua com que Kara apareceu nos quadrinhos, ela aparece com uma personalidade mais rebelde e adulta, vivendo aventuras no espaço, enfrentando todo tipo de mau encarado (inclusive o caçador de recompensas Lobo, vivido por Jason Momoa), tentando salvar o supercão Krypto, que roubou a cena em *Superman*.

Esse contraste reflete as condições distintas dos dois personagens. Enquanto Superman foi enviado de Krypton à Terra ainda bebê e deu a sorte de ter sido encontrado e criado por pais adotivos amorosos, Kara assistiu a todos ao seu redor morrerem até ela ser também enviada à Terra, já adolescente. Essa pegada vem de uma das HQs que influenciaram o roteiro: *Supergirl: mulher do amanhã*, de Tom King (roteiro) e da brasileira Bil-

quis Evely (desenhos).

Milly entra na personagem após duas encarnações recentes em *live action*. Sasha Calle interpretou uma Supergirl de cabelos escuros no filme, sendo um dos pouco elementos elogiáveis de *The Flash* (2023); e Melissa Benoist foi uma versão menos casca-grossa na série *Supergirl*, da CW, no ar de 2015 a 2021.

Mas a primeira aparição da personagem nos cinemas é bem mais antiga: no filme *Supergirl* lançado em 1984, na esteira da série do Homem de Aço com Christopher Reeve. Com baixo orçamento e inspiração ainda mais baixa, só o que ficou de bom foi a encarnação da personagem na loirice de Helen Slater.

Vidas e morte

Duas personagens apareceram brevemente nas histórias do Superman com o nome de Supergirl e com outras origens: uma em 1949, outra em 1958. Kara, em 1959, a prima do Superman, funcionou e se manteve aparecendo nos gibis nas décadas seguintes e

estrelando uma revista própria.

Ela é centro de um dos momentos mais dramáticos do universo DC: na minissérie *Crise nas infinitas terras*, em 1985, na qual todos os heróis precisam evitar o apagamento do universo, ela morre após ferir e quase derrotar o grande vilão Antimonitor.

Quando o Superman foi, em seguida, remodelado pelo escritor e desenhista John Byrne, ficou estabelecido que, na nova realidade, a personagem nunca existiu. Mas ela voltou, agora como uma criatura artificial transmorfa, chamada Matriz, que assumia a forma de uma Supergirl.

Após reviravoltas, a Matriz se fundiu com o corpo de um jovem, Linda Lee Danvers, dando origem a uma nova Supergirl (marcada por um uniforme de camisa branca), nos anos 1990.

SUPERGIRL

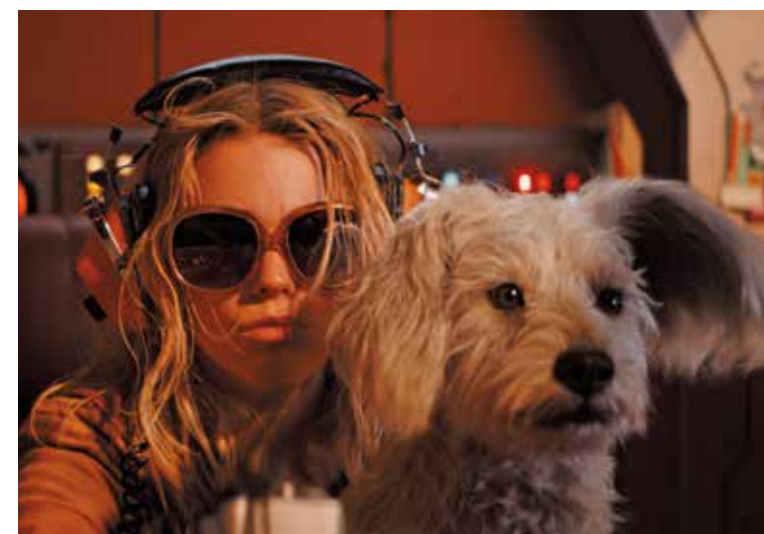
■ (*Supergirl*). EUA, 2026. Dir.: Craig Gillespie. Elenco: Milly Alcock, Jason Momoa, David Corenswet, Matthias Schoenaerts.

■ Pré-estreia na terça-feira, em João Pessoa, Campina Grande, Patos e Guarabira.

■ Veja locais e horários no “Em Cartaz”, na página 12.

Isso até Kara Zor-El finalmente reaparecer e a Supergirl nos moldes originais ser reintroduzida nos anos 2000.

Agora escolhida para estrelar o segundo filme do renovado universo DC nos cinemas, Kara vai viver uma aventura nos moldes de *Guardiões da galáxia*, série de filmes que James Gunn (que hoje comanda os filmes da DC) dirigiu na Marvel. Chega de ser uma boa menina.



Kara vive uma aventura espacial para salvar o supercão Krypto, que roubou a cena em *Superman*

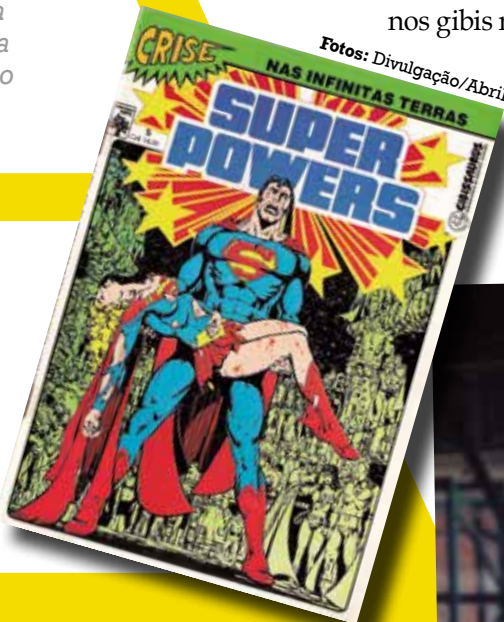
Supergirl nos quadrinhos



Imagens: Divulgação/Panini

A ESTREIA

A prima do Superman apareceu pela primeira vez em *Action Comics* 252, de 1959. Era uma adolescente ingênua. Essa edição acaba de ser republicada como fac-símile no Brasil pela Panini.



Fotos: Divulgação/Abril

MORTE TRÁGICA

Na megassaga *Crise nas infinitas terras*, Kara se sacrifica enfrentando até a morte um vilão que quer erradicar o universo. A minissérie saiu encadernada pela Panini, mas a morte da Supergirl saiu pela primeira vez no gibi *Super Powers*, da Abril.

NOVO CLÁSSICO

Com roteiro do prestigiado Tom King e desenhos da brasileira Bilquis Evely, a minissérie *Supergirl*, a mulher do amanhã tornou-se o grande quadrinho moderno da personagem e surge como a base da história desenvolvida para o novo filme. A Panini lançou edição encadernada.

A SÉRIE

De 2015 a 2021, Melissa Benoist foi um ótima Kara no seriado *Supergirl*, do canal americano CW. É incrível, mas não está atualmente disponível em streaming no Brasil.

O FILME DE 1984

Kara chegou aos cinemas primeiro na pele de Helen Slater no filme *Supergirl*, em 1984. Mas a produção e o roteiro eram terríveis: a atriz era a única qualidade. Está disponível na HBO Max, ou para alugar e comprar na AppleTV e no Prime Video.

ANIMAÇÃO

A melhor versão animada da *Supergirl* está nas séries *Super-Homem*, *Batman*, *Liga da Justiça* e *Liga da Justiça sem limites*, do universo de produções de Bruce Timm e Paul Dini.

Supergirl nas telas



Fotos: Divulgação/Warner



Artigo

Estevam Dedalus

Sociólogo | estevam_dedalus@yahoo.com.br

A Copa, a guerra e os deuses

Jogos e brincadeiras são universais. Em sociedades antigas e contemporâneas, primitivas e complexas, encontramos algum tipo de atividade lúdica. Um fato pitoresco é que os animais também brincam, que não estamos falando de uma invenção humana.

O historiador holandês Johan Huizinga defendia a ideia ousada que os seres humanos não modificaram essencialmente a natureza do jogo e que ele seria anterior à cultura. Não precisamos ir muito longe na cadeia evolutiva. Um estudo liderado pelo cientista da Universidade de Harvard, Richard Wrangham, mostrou que chimpanzés jovens fazem brincadeiras com “bonecos”. O mais surpreendente para mim é que essas brincadeiras obedecem à divisão sexual entre machos e fêmeas. É comum que as jovens chimpanzés sejam mais afeitas a brincar com os “bonecos”.

Os sociólogos chamam de “socialização antecipatória” o processo no qual uma pessoa é preparada para representar um papel social no futuro. O que ocorre com crianças durante a socialização primária, como quando elas brincam que são médicas e trabalham num hospital, fingem que são professores e dão aula numa escola, que são policiais e perseguem bandidos, ou quando vestem as roupas dos pais numa espécie de ensaio para a vida adulta. É inusitado encontrar algo minimamente parecido entre os chimpanzés.

Johan Huizinga faz uma observação interessante sobre os cachorrinhos que, assim como os macacos, brincam. Os cães fazem uso de expedientes que a maioria de nós considerariam restritos aos jogos entre os seres humanos, como evoluções, gestos e rituais. Ele lembra que os cachorros se convidam para brincar e que existiria alguma regra que parece limitar as mordidas fortes e a violência.

É muito fácil perceber quando os cachorros estão brincando ou brigando. Aqui em casa, Tina e Alaska brincam e brigam todos os dias. São duas bulldogues francesas, com temperamentos bastante diferentes, duas irmãs, amigas inseparáveis. Tina é aventureira, pretinha, autônoma e curiosa. Adora explorar o quintal da casa e as plantas. Está sempre alerta, com seus instintos de caça aguçados, para o azar das lagartixas. Alaska é intimista, branquinha e serena. Serena... desde que não se sinta ameaçada ou com ciúmes. Caso contrário, ela se transforma e “vira o cão!” Fica irreconhecível. Alaska vive à procura de um carinho. Se um dia você vier na minha casa, com certeza vai receber uma lambida nos pés. É uma forma que ela encontrou de demonstrar afeto e pedir um cafunê.

Os jogos e as brincadeiras vão além dessa dimensão e dos aspectos pedagógicos da socialização. Há neles um traço agônico que é fundamental compreendermos. Huizinga via nas guer-

ras primitivas uma ludicidade indispensável. É uma experiência social marcada pelo pensamento mágico, no qual elementos do sagrado como Deus, o destino e o acaso se misturam com a dimensão prática da vida. Nesse tipo de guerra, a vitória precisa ser traduzida por meio de algum sinal divino incontestável.

Huizinga pensava ainda que os torneios medievais deveriam ser vistos como um combate simulado. Eu acrescentaria nessa categoria os jogos esportivos em geral, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas. O meu argumento é que numa Copa do Mundo os países estão em guerra. Uma guerra simulada — que em sua expressão lúdica e simbólica seguiria os princípios da civilidade ao reconhecer que todos os competidores são iguais em humanidade e direito, que devem ser tratados e julgados pelas mesmas regras —, mas que não rompeu com o mundo mágico.

Os países guerreiam, então, por um objeto sagrado que representaria a glória, durante um tempo determinado, seguindo regras gerais, que, se conquistado, confirmaria a “escolha dos deuses”: a taça. Depois que a guerra acaba, sem mortes ou sérios derramamentos de sangue, a vida segue normalmente seu ritmo. Os vitoriosos comemoram, reforçam seus laços e identidade coletiva. Enquanto os perdedores se lamentam, choram as dores da derrota e passam a sonhar com uma revanche em quatro anos.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

Filósofo e físico | klebmaux@gmail.com

Origem dos concertos públicos

O *Concert Spirituel* (“concerto espiritual”) foi uma das primeiras séries de concertos públicos, os quais desempenharam uma função decisiva na formação da cultura musical moderna. Criado em Paris, em 1725, e mantido até 1790, o projeto surgiu para preencher o vazio cultural deixado pelo fechamento dos principais teatros e casas de espetáculo durante a Semana Santa e outros feriados religiosos. Sua proposta consistia em oferecer apresentações públicas que combinavam música sacra e instrumental, permitindo que um público mais amplo tivesse acesso à arte musical fora dos ambientes exclusivamente aristocráticos ou eclesiais. Os concertos eram realizados inicialmente no Salão dos Cem Guardas Suíços, no Palácio das Tulherias, e atraíam a burguesia emergente, membros da pequena aristocracia e visitantes estrangeiros. O repertório reunia motetos, oratórios e obras instrumentais virtuosas, refletindo tanto a tradição religiosa quanto o crescente interesse pela música de concerto. O primeiro evento ocorreu em 18 de março de 1725, com a execução de obras do compositor e organista francês Michel-Richard Delalande (1657-1726) e do célebre *Concerto de Natal*, do professor, regente, violinista e compositor italiano Arcangelo Corelli (1653-1713).

A administração da série estava vinculada ao sistema de privilégios do Antigo Regime francês. O primeiro diretor foi o instrumentista de sopro e compositor francês Anne Danican Philidor (1681-1728). Ele obteve autorização real para promover os concertos, mas enfrentou dificuldades financeiras e encerrou as suas atividades anos depois. Seus sucessores franceses, Pierre-Charles Simart (1806-1857) e Jean-Joseph Mouret (1682-1738), ampliaram as atividades, embora também não tenham alcançado estabilidade econômica. Apesar disso, o período contribuiu para a projeção de músicos importantes, como o violinista e compositor francês Jean-Marie Leclair (1697-1764). De 1734 a 1748,



Antonio Salieri: música de concerto popular

a direção passou para a própria Académie Royale de Musique. Nessa fase, a série adquiriu uma melhor estabilidade financeira e predomínio da música francesa, com destaque para compositores como Jean-Joseph Mouret (1682-1738), o organista Michel-Richard Delalande (1657-1726) e o violinista Jean-Joseph de Mondonville (1711-1772). A partir de 1748, sob a administração de Joseph-Nicolas-Panrace Royer (1706-1755) e Gabriel Capperan (1700-1788), iniciou-se uma etapa de renovação. O número de músicos foi ampliado, a sala de concertos foi reformada e importantes cantores italianos passaram a ser convidados. Em 1755, os oratórios em língua francesa foram incorporados ao repertório, alcançando grande popularidade. Nas décadas seguintes, o Concerto Espirituel consolidou-se como uma instituição musical de grande prestígio. Sob a influência do compositor e violinista francês Antoine Dauvergne (1713-1797) e de outros administradores, o repertório foi diversificado, valorizando não apenas violinistas virtuosos,

mas também intérpretes de instrumentos de sopro. A série tornou-se um espaço privilegiado para a apresentação de novos talentos e para a difusão de tendências musicais inovadoras.

O período de maior destaque do *Concert Spirituel* começou em 1777, sob a direção de Joseph Legros (1739-1793), cantor, empresário e compositor francês, que modernizou o repertório e aproximou a série das tendências do Classicismo. Durante sua gestão, o público parisiense teve acesso a obras de importantes compositores europeus, como o compositor alemão Johann Christian Bach (1735-1782), dos compositores austríacos Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791) e Joseph Haydn (1732-1809). A apresentação da Sinfonia de Paris (K. 297), composta por Mozart em 1778, evidenciou o prestígio internacional alcançado pela instituição, enquanto as sinfonias de Haydn passaram a integrar regularmente os programas. O último concerto ocorreu em 13 de maio de 1790, em meio aos acontecimentos da Revolução Francesa, entre 1789 e 1799. No século 20, em 1988, a tradição foi revitalizada pelo maestro e musicólogo francês Hervé Niquet (1957), fundador do conjunto Le Concert Spirituel, dedicado à interpretação do repertório francês dos séculos 17 e 18. Dessa forma, o Concerto Espirituel permanece como um marco na história dos concertos públicos e da consolidação da tradição de concerto que influencia quase todos os países.

Sinta-se convidado à audição do 573º Domingo Sinfônico, deste dia 21, das 22h à 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5 ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante o programa, comentarei a vida, a obra e as contribuições dos compositores italianos Muzio Clementi (1752-1832) e Antonio Salieri (1750-1825) para o desenvolvimento da música de concerto popular.

Kubitschek Pinheiro

Jornalista | kubipinheiro@yahoo.com.br

Deus nos acuda

Venho por meio desta contestar os sábios desígnios e fazer uma sugestão desprezível para, quem sabe, ser usada na próxima fornada de seres ou não seres, que Deus vai despachar para alguma biboca do universo, que estiver em condições de recebê-los, porque aqui, na Terra, não cabe mais ninguém e, na ausência de “nobres” criaturas, os ETs já chegaram.

Caro Deus, escrevo para lhe contar que vi o filme *Dia D*, de Spielberg, mas aqui, na Terra, a desgraça virou *backups* e a busca pelo ego constantemente são referências para medir sucesso, beleza, poder ou reconhecimento. Cada um por si, Deus por todos?

Imagino um disco voando no Centro de João Pessoa (feito o Zeppelin na década de 1930) a gerar sensação momentânea de superioridade ou segurança, coisa e tal. Ai, meu Deus!

Senhor, aqui tem de tudo e chegando mais — sim, estão jogando futebol e a vidente sensível Vó Bahiana está dizendo ter sonhado com uma invasão alienígena no Hard Rock Stadium, em Miami, onde naves abduzirão milhares de pessoas e jogadores, porém a narrativa do sonho é uma cena do filme de ficção científica *A guerra do amanhã*, de Chris McKay.

O senhor fique à vontade para discordar ou puxar minha orelha pela petulância, mas parto do princípio de que me deu cérebro e livre arbítrio e outros estímulos para poder fazer ousadias e ter atitudes contra os imbecis, e poder delirar, delirar muito, senão, qual é a graça?

A vida alheia é um deus nos acuda, nunca esteve tão alheia, e com o auxílio do Zap as focas se aquecem em grupos que trabalham em causa própria, pra ficar na cortiça mais genérica impossível, daquelas escancaradas de quem ajoelha e não reza, e não é novidade, mas eu já falei: aqui, na terra, estão jogando futebol.

Mas, enfim, continuando. Sabe o que é, eu não entendo tanta gente dizendo que viu um disco voador, os pobres de Jó fazendo um menino atrás do outro e em outubro, já foi anunciado, estaremos alcançando a marca claustrofóbica dos sete bilhões na face da Terra. Nem cogito viver infinitamente, acho que seria um porre.

O mundinho está em guerra, misseis pra lá e pra cá, mas nunca foi possível acabar com fome de 30. Você lembra, né? E nada foi feito pelos poderosos, nada foi providenciado pela ONU, e os corruptos — pergunta se eles estão preocupados? — dominam o país protegido por um tal de PCC, mas os ETs estão sabendo.

A família já era. Falta respeito, irmão mata irmão, pai mata filhos e se mata, filhos matam os pais, são presos e depois soltos. Deus do céu, não seria superlegal a pena de morte no Brasil? Em nome do orgulho dos homens (que o senhor criou, vale lembrar), perderam a chance de promover a paz.

Cuidado, não diga que o ET é feio, que cabe processo, danos morais. Sim, as pessoas continuam dizendo: ‘Você sabe com quem está falando?’. Com o cão, né? Não quero ser acusado de dar munição às criaturas adoidadas, mas aqui, na Terra, estão jogando futebol.

Deus, tá difícil pra nós, meros mortais, tá um “Deus nos acuda”, com sua sábia sabedoria (desculpe pela redundância) deveria pensar em maneiras para que a gente viva sem tanto apereio.

Meu Deus, até privilégios estão sendo vendidos, prestígios nem se fala, e ainda chamam a gente de “potência”.

Pra fechar, segue a Movida Madrileña!

Kapetadas

1 – Não controlo meu celular. Temos um acordo em que ele decide tudo.

2 – O chicletinho do Ancelotti dura mais do que qualquer lateral que ele escala.



Cena de Dia D, ficção científica de Steven Spielberg em cartaz

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor | alexjpb@yahoo.com.br

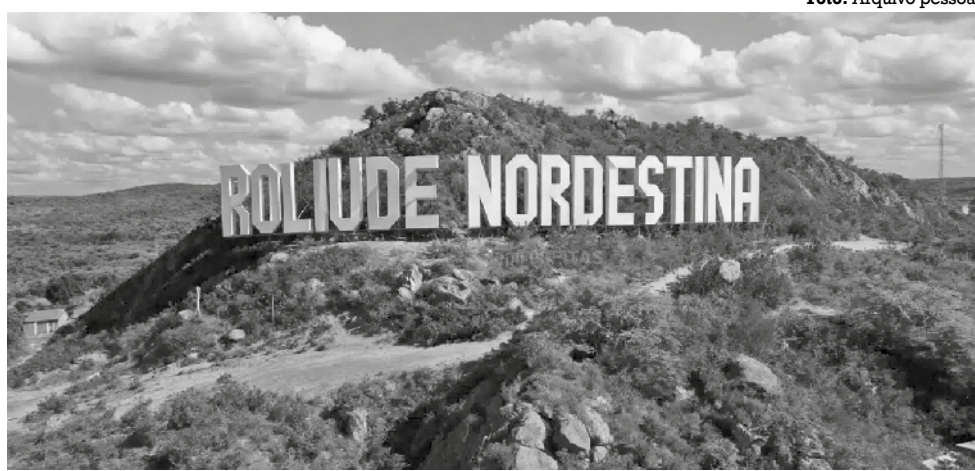
Um tributo que Cabaceiras ainda está a dever

Foto: Arquivo pessoal

Vivemos em um mês de festas juninas. Época em que tudo é cultura popular, e o “trem do forró” teve sua parada estratégica para mobilizar uma comunidade inteira do lugar a interpretar e reviver sua própria cinegrafia e saga de costumes. Tudo atrelado ao mito do Bode Rei, uma das tradições festivas do lugar.

Some-se a isso a Roliúde Nordestina, um marco até hoje reverenciado como um dos mais alegóricos do Cariri paraibano. Tudo graças àquele que soube transcender, no tempo e no espaço, a uma Hollywood americana: o escritor e jornalista Willis Leal, já falecido, um dos primeiros fundadores de nossa Academia Paraibana de Cinema (APC).

Recentemente, a prefeitura de Cabaceiras inaugurou, na Rua do Cinema, a Parede da Fama. Espécie de símbolo para homenagear os profissionais da sétima arte e atores que passaram pela cidade, tanto paraibanos como de outros estados, para gravarem suas imagens na Roliúde Nordestina. O feito teve o apoio do Governo do Estado, com participação de elenco do recente seriado *Cangaço novo*, inclusive da nossa confrade, a atriz paraibana Marcélia Cartaxo. Um evento para lembrar também muitas realizações de consagrada importân-



O letreiro da Roliúde Nordestina em Cabaceiras: uma ideia do jornalista Wills Leal

cia para o cinema nacional, como foi *O auto da Compadecida*, do escritor Ariano Suassuna.

Motivado pelos recentes acontecimentos em Cabaceiras, o confrade de academia Manoel Jayme Xavier, sempre atento às coisas que dizem respeito ao nosso cinema, publicou no WhatsApp da APC um comunicado deveras muito interessante: “A propósito, a mídia tem reservado um generoso espaço à Festa do Bode na Roliúde Nordestina sem uma única referência a Wills Leal, o que não nos surpreende. Passados os festejos juninos, a APC poderia convidar o prefeito de Cabaceiras para uma visita à

nossa sede, ocasião em que se faria a solicitação da instalação de um busto de Wills Leal em um local estratégico da cidade, e assim a memória do autor de inúmeras iniciativas culturais, entre elas a criação da APC, seria permanentemente cultivada”.

Certamente, o nosso confrade de academia de cinema Manoel Jayme tem toda razão ao lembrar o nome “Wills Leal” como um dos articuladores para que existisse a tão famosa Roliúde Nordestina na cidade de Cabaceiras. Quanto ao busto agora proposto, assino embaixo. (Mais “Coisas de Cinema”, acesse no blog www.alex-santos.com.br).



“Péricles Leal, o criador esquecido”

Representando a Academia Paraibana de Cinema (APC), o presidente da entidade, o professor João de Lima Gomes, participou, na sexta-feira passada, juntamente com outros professores, de aula aberta no Cine Aruanda, do Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob o tema “Péricles Leal, o criador esquecido”.

A aula fez parte do Projeto Estratégico Cinemateca Aruanda e teve o apoio da Academia Paraibana de Cinema, Curso de Cinema e Curso de Comunicação em Mídias Audiovisuais, Proex e Nudoc da UFPB.

TELEVISÃO

Só sei que foi assim tem último episódio hoje

Emerson da Cunha
 emerson.aurio@gmail.com

Peça, livro, minissérie televisiva, filmes. Uma história que perpassa pelo menos 70 anos de relação como público espectador e leitor. *O auto da Compadecida*, obra original de Ariano Suassuna, foi publicada como peça teatral inicialmente em 1955, em especial a partir de relatos que já faziam parte do imaginário popular. A história de Chicó e João Grilo, todo mundo parece conhecer, e o bordão “Só sei que foi assim” virou dito popular. O que poucos sabem é aquilo que aconteceu por trás das câmeras, os preparativos e desafios para os filmes, a preparação dos atores e atrizes. É tentando seguir esse caminho que a OmeleteTV, canal disponível gratuitamente no Samsung TV Plus, lançou a minissérie

Só sei que foi assim: os bastidores de O auto da Compadecida, neste que seria o mês de aniversário de Ariano Suassuna. O terceiro e último episódio entra no ar hoje.

A série divide-se em três episódios. No primeiro, “Dois autores, um auto”, que foi ao ar no dia 7 de junho, o professor e pesquisador Carlos Newton Jr. passeia pelos caminhos de Ariano Suassuna na escrita e na publicação da peça ainda na década de 1950: a escrita do *Auto* a partir daquilo que já constava no imaginário popular, a inicial baixa recepção da crítica no Recife, o sucesso que consegue obter no Rio de Janeiro, levando-o a escrever peças para o eixo Rio-São Paulo, e a posterior edição e reedições de *O auto*.

“Tanto é que, já em 1957, ele começa a ser assediado por companhias do eixo Rio-

São Paulo, por grandes companhias para escrever peças. Daí que vem *O santo e a porca*, que ele vai escrever para Cilda Becker. Vem *O casamento suspeito*, que ele vai escrever para a companhia de Sérgio Cardoso. E, ainda em 1957, a peça se transforma em livro”, coloca Newton Jr. na série.

O capítulo também traz para a conversa Renato Aragão, Didi, que atuou em *Os Trapalhões no auto da Compadecida*. “Quando fui fazer esse filme, era para fazer o que os críticos queriam que eu fizesse. A gente foi levando essa brincadeira e deu muito certo. Tudo isso que nós fizemos foi com muita alegria, com muita dinâmica, para levar o filme do Ariano com muito sucesso”, reforça Aragão.

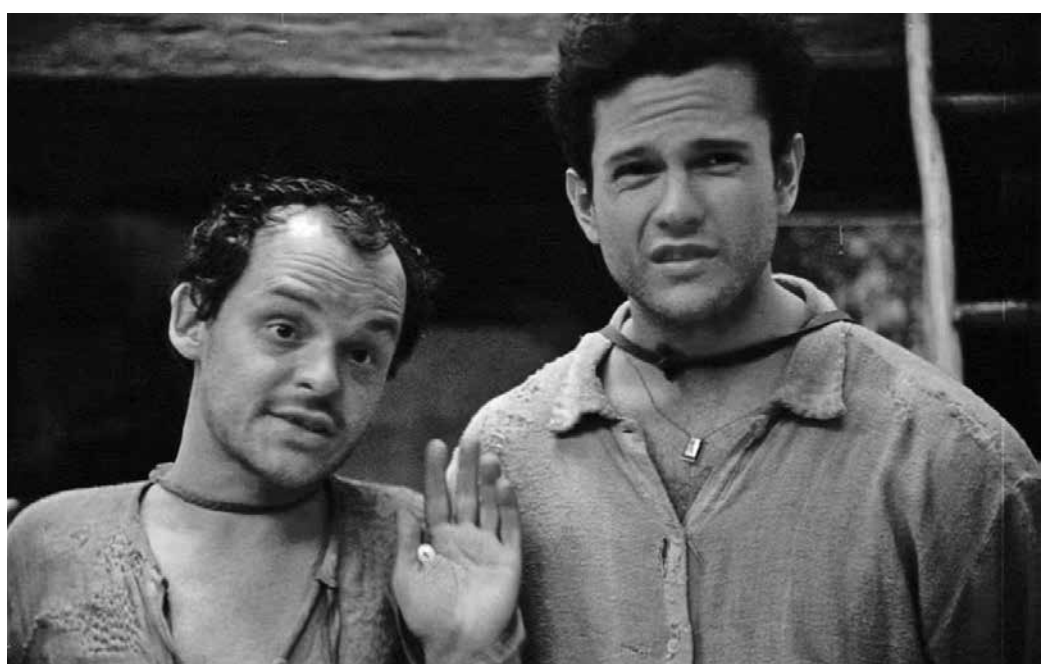
Outro interlocutor é o próprio Matheus Nachtergaele, que comenta sua iniciação no

teatro e as atuações que o aproximaram de Arraes. Uma das vitrines veio a partir de sua participação em *Central do Brasil*, de Walter Sales. “O João Grilo é esse personagem que já vivia na boca do povo e nos cordéis, é o herói da história, e o Ariano deu a ele um amigo, que é o Chicó, que faz essa dupla de palhaços se completar”.

No segundo episódio, o foco é “O filme e a cidade”. “Eu me lembro quando cheguei a Cabaceiras, porque o Nordeste tem uma coisa meio mágica. Eu não sei se as pessoas sentem, mas eu sinto. Eu acho o Nordeste um pouco oriundo de um milagre, sempre”, conta Diogo Vilela.

Para Denise Fraga, ficaram as impressões do Sertão. “Eu fui premiada com o famoso ‘luar do Sertão’. Eu nunca tinha adentrado o Sertão, eu nunca tinha visto aquela mágica que eu vi pela janela daquele carro. Nunca me esqueço o que é essa vegetação ir mudando, você começa a ver o que você tem na sua imagem de *Vidas secas*. Você ter aquela imagem do Sertão, os cactos, todas aquelas árvores retorcidas. E nasce uma lua deste tamanho. A gente ter levado isso para o que a gente ia fazer em Cabaceiras... foi fundamental toda essa primeira parte da emoção”.

A série tem direção de Vic Millan, produção executiva de Isabella Melo, Mariana Uchôa e Thiago Romariz e roteiro de Alexandre Almeida, a partir da pesquisa feita por Luan Alencar.



Série do canal OmeleteTV conta os bastidores de *O auto da Compadecida* em Cabaceiras

Crônica em Destaque

Carlos Azevêdo Filho

Jornalista e professor | Especial para A União

No tempo da reportagem

Parece, ao mesmo tempo, estranho e trágico, mas, para alguns, a reportagem está desaparecendo junto com os jornais impressos e revistas. Justamente um dos gêneros mais fundamentais para o jornalismo, aquele que dá nome ao sujeito que faz sua prática, o repórter. Essa chamada “crise da reportagem”, que a gente escuta há bastante tempo falar, vem justamente numa época de desinformação, uso da ignorância como estratégia política e outros problemas que afetam a vida contemporânea.

A antropóloga Candice Vidal e Souza publicou em 2010 um livro fundamental sobre o assunto, chamado *Repórteres e reportagens no jornalismo brasileiro*, que saiu pela editora da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Nesse livro, Candice faz uma verdadeira arqueologia das origens da reportagem no Brasil, mapeando o nascimento dessa figura chamada “repórter”, um mediador entre os fatos e os leitores. Ela atribui ao jornalismo um papel de integração nacional no qual as elites letradas e cidadinas desconhecem o seu próprio país, principalmente o interior e as periferias. Cabe então ao jornalismo mostrar o Brasil real aos brasileiros.

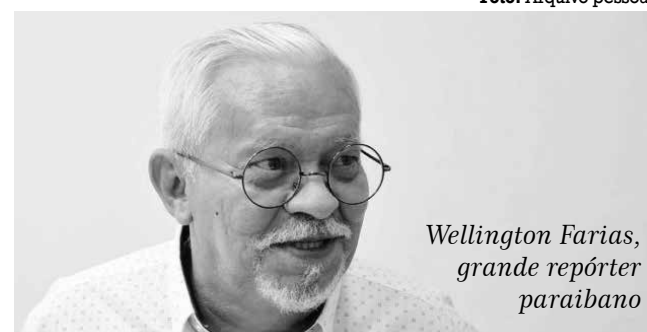
A autora Candice Vidal e Souza atribui a Euclides da Cunha (1866–1909), autor do clássico *Os Sertões* (1902), o pioneirismo de romper com o chamado “jornalismo de gabinete” e adentrar o interior para cobrir como correspondente a Guerra de Canudos, na qual tropas republicanas massacraram uma experiência social das mais interessantes no Brasil. Um outro pioneiro é Paulo Barreto (1881–1921), mais conhecido sob o pseudônimo de João do Rio, autor de *A alma encantadora das ruas* (1908). Unidos, Sertão e mar, numa dialogia tremenda, esses repórteres saíram do conforto das redações e trouxeram ao público realidades pouco conhecidas.

Uma outra experiência que eu destacaria é a revista *Realidade*, da Editora Abril, que circulou no Brasil de 1966 a 1976. Pioneira em muitos aspectos, a revista *Realidade* fundiu jornalismo e literatura no Brasil, sendo responsável pela reinvenção do gênero no nosso país. Sobre ela, destaco o livro do professor José Salvador Faro, da Universidade de São Paulo (USP), autor de *Realidade, 1966–1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira*. Foi a partir de suas ideias que resolvi estudar o chamado “jornalismo literário” de um autor fundamental para o gênero, João Antônio (1937–1996), que trabalhou em *Realidade* e criou o primeiro conto-reportagem do Brasil.

Eu prefiro pensar a questão da reportagem não nesse tom apocalíptico, de que a reportagem está no fim, está se acabando. Eu tive a oportunidade de conviver com grandes repórteres em minha passagem pelas redações do jornal *O Norte e Correio da Paraíba*. Dois deles são falecidos: Adelson Barbosa e Wellington Farias. Adelson era a agilidade em pessoa, conseguia uma apuração clara e rápida, era um modelo de eficiência para a gente que iniciava na profissão. Já Wellington era um erudito em forma de jornalista, sempre acompanhado de um livro, onde quer que ele estivesse. Por fim, nosso compadre José Euflávio, figura das mais enigmáticas e simpáticas que conheci. Hoje o mago Euflávio está aposentado. Ele fazia dupla com o repórter fotográfico Marcus Antonius, um verdadeiro artista das lentes e ângulos. No *Correio da Paraíba*, todo ano de seca, Euflávio e Marcus viajavam em busca de imagens e histórias sensíveis numa grande reportagem.

Hoje, em *A União*, desfila uma nova geração, dando um novo fôlego ao gênero. Destacaria as figuras de Esmejoano Lincol, Daniel Abath, Joel Cavalcante, Marcos Carvalho, Alexsandra Tavares, entre outros. Muitas reportagens longas produzidas por essa nova turma compõem com excelência o nosso “Correio das Artes”, um dos suplementos mais antigos em circulação no Brasil.

Foto: Arquivo pessoal



Wellington Farias, grande repórter paraibano

Hilberberto Barbosa Filho, que escreve aos domingos neste espaço, retorna na semana que vem

LANÇAMENTO

Livro analisa o pensar literatura

Em Crítica para naufragos e outros ensaios, Eduardo Cesar Maia desdobra-se para abrir perspectivas

Eduardo Augusto
Especial para A União

Em um tempo marcado pela pressão das opiniões instantâneas, pelo fascínio das trincheiras ideológicas e pela liquefação dos juízos fundamentados, a publicação de *Crítica para naufragos e outros ensaios* (Cepe Editora, 2026), do professor e crítico Eduardo Cesar Maia, representa um oásis, ou melhor, uma jangada de sobrevivência intelectual. Longe de se apresentar como um manual de boas práticas críticas, o livro reúne 15 ensaios que têm como fio condutor uma aposta vigorosa e necessariamente incômoda: a defesa da autonomia da literatura e da crítica como espaços de dissenso, ambiguidade e, acima de tudo, urbanidade.

A metáfora que dá título à obra, o crítico como um naufrago, é, desde o ensaio de abertura, habilmente desdobrada por Maia. Se o ideólogo ou o teórico dogmático já se encontram em “terra firme imaginária”, seguros de suas certezas esquemáticas, o crítico genuíno seria aquele que flutua entre os restos do naufrágio, ciente de que sua função não é oferecer âncoras, mas, sim, “abrir perspectivas” e “desdobrar situações”, como queria o pernambucano Álvaro Lins, uma das figuras centrais do livro. Essa recusa do pensamento unívoco é o que Maia, inspirado por Unamuno, chama de “combate à ideocracia”, o abando-

no da autonomia individual em favor de qualquer certeza esquemática sobre a realidade.

Um dos grandes méritos do livro é sua capacidade de transitar com desenvoltura entre tradições nacionais e estrangeiras, sem jamais cair no ecletismo vazio. Maia aproxima Gilberto Freyre do ensaísmo hispânico, revisita a leitura orteguiana do Quixote, resgata o humanismo antidogmático de Ernesto Grassi e encontra em José Guilherme Merquior um interlocutor incontornável para pensar um “humanismo crítico” que integre o plano moral ao intelectual. Essa erudição, no entanto, nunca é ostentada como troféu; antes, serve à defesa de uma ideia central: a literatura e sua crítica não são refúgios de pureza, mas práticas impuras, subversivas, que “desrealizam o real convencionado” ao instaurarem outras realidades, conscientes de seus limites ficcionais.

O ensaio *Os limites da teoria diante da arte literária: uma perspectiva humanista* merece destaque especial por sua corajosa revisão das celemas teóricas do século 20, da morte do autor à estética da recepção. Maia não descarta as contribuições de Barthes, Foucault ou Juss, mas as submete a um crivo pragmático e retórico, perguntando para que, de fato, servem ao leitor concreto diante do texto vivo. O crítico resgata o valor da *parole*, a palavra viva da literatura, contra a *langue* ossificada de certas teorias.

Se há uma lacuna pontual nesse percurso, ela reside na ausência de um diálogo mais detido com C.S. Lewis e sua “heresia pessoal”. Ainda assim, a provocação de Mazzafera (Guilherme Mazzafera é doutor em Literatura Brasileira pela FFLCH-USP) de que vivemos hoje menos a “morte do autor” do que a “morte do texto”, sufocado pelo personalismo das redes e pela cultura do cancelamento, encontra eco implícito na própria desconfinança de Maia contra os dogmatismos contemporâneos.

A análise das figuras de Álvaro Lins e Otto Maria Carpeaux é um dos momentos mais altos do livro. Ao recuperar os sete tomos do *Jornal de Crítica* de Lins, Maia mostra como a busca por autonomia estilística e intelectual se deu,

paradoxalmente, em um “católico com nostalgia do ceticismo”, definição de Gilberto Freyre que o crítico abraça com finura. Já no caso de Carpeaux, o conceito de “trans-terrado”, tomado de José Gaos, permite pensar a experiência do exílio não apenas como perda, mas como dupla desprovincialização: o crítico vienense que se reinventa no Brasil não perde sua pregressa cultura; ele a transplanta, a transcultura, ofertando novos jeitos de pensar a seus anfitriões.

O gesto final do livro, e este é seu legado mais precioso, é lembrar, com Carlo Ginzburg, que “nenhuma ilha é uma ilha”. O ensaísta, mesmo falando de seu recôncavo particular, sabe que seu naufrágio é tam-

bém o de sua época. Resta-lhe, como a Maia, “ler a realidade às avessas, partindo de sua opacidade”, recusando o conforto dos esquemas prontos. *Crítica para naufragos* não é um livro para quem busca salvação, mas para quem aprende a nadar em águas turbulentas e, ao fazê-lo, redescobre que a crítica, quando bem exercida, é também uma forma de arte e um ato de coragem.

Recomendadíssimo a estudantes, pesquisadores e, sobretudo, a leitores que ainda acreditam que a literatura não se rende à trincheira porque o mar, afinal, é mais vasto que qualquer terra firme.

Eduardo Cesar
Maia transita entre
tradições nacionais
e estrangeiras da
crítica

Imagem: Divulgação/Cepe

Foto: Divulgação/Cepe

Em Cartaz



Cinema

Programação de 18 a 24 de junho, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira, Remígio e São Bento.

ESTREIAS

QUINZE DIAS. Brasil, 2026. Dir.: Daniel Lief. Elenco: Miguel Lallo, Diego Lira, Débora Falabella. Romance/ comédia. Adolescente inseguro não sabe como agir quando o vizinho, sua primeira paixão, fica hospedado em sua casa. 1h40. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: sáb. a seg.: 14h30, 16h45, 19h, 21h30; qua.: 13h15, 15h30.

TOY STORY 5 (Toy Story 5). EUA, 2026. Dir.: Andrew Stanton. Comédia/ aventura/ animação. Bonecos tentam fazer sua dona voltar a brincar depois que ela se vicia em uma tela. 1h42. 6 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: sáb. seg. e qua.: 15h, 17h15. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): sáb. 14h, 16h15, 18h30, 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: sáb. dom. e seg.: 12h, 14h30; ter.: 13h30, 16h; qua.: 13h30, 16h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: sáb. dom. e seg.: 12h45, 15h15; ter.: 14h45, 17h15; qua.: 15h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: sáb. dom. e seg.: 12h30, 15h; ter.: 14h10, 16h40; qua.: 13h, 15h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: sáb. 3D: dom. e seg.: 13h, 15h30, 17h45; ter.: 13h45, 16h15; qua.: 13h45, 16h. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): sáb. dom. e seg.: 13h20, 15h50; ter.: 14h15, 16h45; qua.: 12h30, 15h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): sáb. dom. e seg.: 13h15, 15h45, 18h15; ter.: 12h30, 14h45, 17h15; qua.: 13h15, 15h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: sáb. a seg.: 14h15, 16h45, 19h15, 21h45; ter.: 11h45, 14h15, 17h; qua.: 11h30, 14h, 16h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: sáb. 3D: sáb. a seg.: 13h15, 15h45; ter.: 13h, 15h45; qua.: 11h45, 14h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: sáb. a seg.: 13h45, 16h15, 18h45, 21h15; ter.: 11h30, 14h, 16h30, 19h; qua.: 11h15, 13h45, 16h15. CINESERCLA TAMBIA 3: sáb. dom.: 14h50, 16h50. CINESERCLA TAMBIA 5 (laser): sáb. 3D: 15h30; 2D: 17h30, 19h30. CINESERCLA TAMBIA 6 (laser): sáb. 14h30, 16h30, 18h30, 20h30. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 1: sáb. 3D: 15h30; 2D: 17h30, 19h30. CINESERCLA PARTAGE 2 (laser): sáb. qua.: 14h30, 16h30, 18h30, 20h30. CINESERCLA PARTAGE 5: sáb. a seg. e dom.: 14h50, 16h50. Patos: CINE GUEDES 1: sáb. seg. e qua.: 14h25, 16h25; ter.: 14h25. CINE GUEDES 2: sáb. 3D: sex. a ter.: 15h, 19h; qua.: 15h. CINE

GUEDES 3: sáb. 17h. PATOS MULTIPLEX 1: sáb. qui. a seg.: 18h40; ter.: 19h10. PATOS MULTIPLEX 3: sáb. ter.: 2D: 15h30; 3D: 18h10. PATOS MULTIPLEX 4: sáb. dom.: 3D: 14h30, 20h; 2D: 17h00; seg.: 3D: 15h, 20h; 2D: 17h20; qua.: 15h. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: sáb. 3D: 15h, 17h15, 19h30. CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: sáb. dom.: 14h, 16h15, 18h30, 20h45; seg. a qua.: 16h, 18h25, 20h45. Remígio: CINE RT: sáb. qui. a seg. e qua.: 14h, 18h30. São Bento: CINE VIEIRA: sáb. dom.: 16h15, 18h30; seg. a qua.: 18h15, 20h30.

PRÉ-ESTREIA

SUPERGIRL (Supergirl). EUA, 2026. Dir.: Craig Gillespie. Elenco: Milly Alcock, Jason Momoa, David Corenswet, Matthias Schoenaerts. Aventura. Primeira do Superman encara uma aventura no espaço para salvar seu cão, Krypto. 1h47. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: ter.: sáb. 2D: 14h30; 3D: 16h50; leg.: 2D: 19h15, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: sáb. ter.: 14h30; leg.: 16h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: sáb. ter.: 14h30, 16h45, 19h. CINESERCLA TAMBIA 2: sáb. ter.: 21h. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: sáb. ter.: 21h. Patos: CINE GUEDES 1: sáb. ter.: 19h. PATOS MULTIPLEX 4: sáb. 3D: 19h; 2D: 21h10. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: sáb. ter.: 19h20.

ESPECIAL

JACKSON – NA BATIDA DO PANDEIRO. Brasil, 2019. Dir.: Marcus Vilar e Cacá Teixeira. Documentário. A trajetória de Jackson do Pandeiro, o rei do ritmo. Curta de abertura: *Era uma Noite de São João*, de Bruna Velden. 1h37. Livre.

João Pessoa: ESPAÇO CINEMA PASSEIO: dom.: 16h. Entrada franca.

PELE FINA. Brasil, 2025. Dir.: Arthur Lins. Drama. Dramaturga viaja para uma praia deserta para adaptar uma peça. Curta de abertura: *Rafameia*, de Mariah Teixeira e Nanda Félix. 1h. 16 anos.

João Pessoa: ESPAÇO CINEMA PASSEIO: dom.: 19h. Entrada franca.

REAPRESENTAÇÃO

O GÊNIO DO CRIME Brasil, 2026. Dir.: André Felipe Binder. Elenco: Francisco Galvão, Bella Alelaf, Breno Kaneto, Samuel Estevam, Marcos Veras, Ailton Graça, Douglas Silva. Aventura/comédia. Quatro crianças investigam a falsificação de uma figurinha rara do álbum da Copa do Mundo. 1h30. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 12h50.

CONTINUAÇÃO

BACKROOMS – UM NÃO-LUGAR (Backrooms). EUA, 2026. Dir.: Kane Parsons. Elenco: Chiwetel Ejiofor, Renate Reinsve, Lukita Maxwell. Terror. Homem desaparece através de um portal em labirinto de corredores e sua terapeuta vai tentar encontrá-lo. 1h50. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4: sáb. a seg.: sáb. 18h30; leg.: 21h.

CORDÉLICOS – A ORIGEM DO CARRA DA PESTE. Brasil, 2026. Dir.: Ale McHaddo. Vozes: Bruno Garcia, Falcão, Raissa Xavier, Marcelo Mansfield, Tadeu Mello. Comédia/ animação. Cangaceiros viajam no tempo até o ano 3333 e enfrentam aventuras enquanto tentam voltar para sua época. Sequência da série animada de 2021. 1h08. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 12h10. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 13h.

DIA D (Disclosure Day). EUA, 2026. Dir.: Steven Spielberg. Elenco: Emily Blunt, Josh O'Connor, Colin Firth, Eve Hewson, Colman Domingo. Ficção científica. Duas pessoas que não se conhecem são misteriosamente conectadas e se envolvem em uma conspiração para esconder que a Terra já teve contato com alienígenas. 2h25. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: sáb. 15h; leg.: 18h, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: sáb. a seg.: 15h10, 18h20, 21h30; ter. e qua.: 15h10. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: sáb. a seg.: 13h40, 16h45, 19h50; ter.: 13h15, 16h30; qua.: 12h, 15h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: sáb. a seg.: 15h30, 18h30, 21h30; ter.: 16h15; qua.: 12h30, 15h45. CINESERCLA TAMBIA 4: sáb. 14h50, 17h35, 20h15. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 3: sáb. 14h50, 17h35, 20h15. Patos: CINE GUEDES 2: sáb. qui. a ter.: 16h30; qua.: 16h20. PATOS MULTIPLEX 1: sáb. qui. a seg. e qua.: 15h40. PATOS MULTIPLEX 3: sáb. a ter.: 20h30. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: sáb. a seg. e qua.: 15h30, 21h; ter.: 21h10. Remígio: CINE RT: sáb. seg.: 20h15; ter.: 15h45.

MESTRES DO UNIVERSO (Master of the Universe). EUA, 2026. Dir.: Travis Knight. Elenco: Nicholas Galitzine, Camilla Mendes, Idris Elba, Jared Leto, Alison Brie, Morena Baccarin, Kristen Wiig (voz). Aventura. Príncipe que caiu na Terra quando criança consegue voltar a seu planeta para enfrentar o vilão Esqueleto como o herói He-Man. 2h12. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dom., seg. e qua.: sáb. 14h30; leg.: 17h30, 20h30. CENTERPLEX MAG 2: ter.: sáb. 14h30; leg.: 17h30, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: sáb. a seg.: 15h30,

18h40, 21h50; ter.: 15h30; qua.: 12h30, 15h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: sáb. a seg.: 14h45, 17h45, 20h45; ter.: 13h15; qua.: 13h, 16h. CINESERCLA TAMBIA 2: sáb. 17h50. CINESERCLA TAMBIA 3: sáb. 20h40. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: sáb. 17h50. CINESERCLA PARTAGE 5: sáb. 20h40. Patos: CINE GUEDES 1: sáb. 18h30. PATOS MULTIPLEX 3: sáb. qui. a seg.: 17h35; ter.: 16h. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: sáb. qui. a seg. e qua.: 18h25; ter.: 16h. Remígio: CINE RT: sáb. dom. e qua.: 15h45. São Bento: CINE VIEIRA: sáb. dom.: 20h45.

OBSESSÃO (Obsession). EUA, 2026. Dir.: Curry Barker. Elenco: Michael Johnston, Inde Navarrette, Cooper Tomlinson. Terror. Rapaz tem desejo atendido de que o alvo de sua paixão se apaixone por ele, mas com desdobramentos sombrios. 1h48. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: sáb. a seg. e qua.: 21h30.

TODO MUNDO EM PÂNICO (Scary Movie). EUA, 2026. Dir.: Michael Tiddes. Elenco: Anna Farris, Regina Hall, Marlon Wayans. Comédia. Amigos voltam a ser ameaçados por um assassino mascarado. Sexto da série iniciada por *Todo Mundo em Pânico* (2000). 1h35. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: sáb. a seg. e qua.: 19h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: sáb. a seg.: 14h, 16h20, 18h50, 21h10; ter.: 14h, 16h20; qua.: 14h, 16h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: sáb. a seg.: 18h15, 20h30; ter.: 18h; qua.: 16h45. CINESERCLA TAMBIA 2: sáb. qui. a seg. e qua.: 16h, 21h; ter.: 16h. CINESERCLA TAMBIA 3: sáb. 18h50. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: sáb. qui. a seg. e qua.: 16h, 21h; ter.: 16h. CINESERCLA PARTAGE 5: sáb. 18h50. Patos: CINE GUEDES 2: sáb. sex. a ter.: 14h45, 19h10; qua.: 14h30. PATOS MULTIPLEX 1: sáb. a seg.: 21h; ter.: 21h20. PATOS MULTIPLEX 3: sáb. qui. a seg. e qua.: 15h15; ter.: 16h50. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: sáb. 21h30. Remígio: CINE RT: sáb. dom. e qua.: 20h30; seg.: 16h.

Música

HOJE

SÃO JOÃO DE BANANEIRAS. Shows de ritmos variados. **Domingo, 21/6:** Raynel Guedes, Xand Áviao, Eliane.

Bananeiras: BANANEIRAS PARQUE (Rodovia PB-103). De 20/6 a 23/6. In-

gressos: de R\$ 160 (frontstage/ meia/ segunda) a R\$ 360 (frontstage/ inteira).

SÃO JOÃO DE CAMPINA. Shows de ritmos variados. **Domingo, 21/6:** Ferdinando, Samyra Show, Amazan, Raphael Moura.

Campina Grande: PARQUE DO POVO (R. Sebastião Donato, s/nº, Centro). De 3/6 a 5/7. Entrada franca.

SÃO JOÃO DE JOÃO PESSOA. Shows de ritmos variados. **Domingo, 21/6:** Cavalão de Pau, Luka Bass, Fabricio Rodrigues. **João Pessoa:** LAGOA (Parque Sólton de Lucena, Centro). De 19/6 a 24/6, 20h. Entrada franca.

SÃO JOÃO DE PATOS. Shows de ritmos variados. **Domingo, 21/6:** Nattan, Wesley Safadão, Nuzio.

Patos: TERREIRO DO FORRÓ (R. Feneleon Bonavides, Brasília). De 19/6 a 23/6. Entrada franca.

AMANHÃ

SÃO JOÃO DE BANANEIRAS. Shows de ritmos variados. **Segunda, 22/6:** Zé Cantor, Leonardo, Rainniery Gomes. **Terça, 23/6:** Luan Santana, Falamansa.

Bananeiras: BANANEIRAS PARQUE (Rodovia PB-103). De 20/6 a 23/6. Ingressos: de R\$ 160 (frontstage/ meia/ segunda) a R\$ 360 (frontstage/ inteira).

SÃO JOÃO DE CAMPINA. Shows de ritmos variados. **Segunda, 22/6:** Eliane, Os 3 do Nordeste, Amanda Rainha da Farra. **Terça, 23/6:** Elba Ramalho, Guilherme Dantas, Lucy Alves, Capilé. **Quarta, 24/6:** Murilo Huff, José Augusto, Waldonys, Fabiana Souto. **Quinta, 25/6:** Toinho Dez, Nuzio Medeiros, Kadu Martins, Jefferson Arretado.

Campina Grande: PARQUE DO POVO (R. Sebastião Donato, s/n, Centro). De 3/6 a 5/7. Entrada franca.

SÃO JOÃO DE JOÃO PESSOA. Shows de ritmos variados. **Segunda, 22/6:** Osmídio Neto, Amanda Rainha da Farra, Forró Pegado. **Terça, 23/6:** Gitana Pimentel, Raphaela Santos, Danieze Santiago. **Quarta, 24/6:** Banda Encantada, Banda Libanos.

João Pessoa: LAGOA (Parque Sólton de Lucena, Centro). De 19/6 a 24/6, 20h. Entrada franca.

SÃO JOÃO DE PATOS. Shows de ritmos variados. **Segunda, 22/6:** Iguinho e Lulinha, João Gomes, Mestrinho & Jota.Pê, Léo Fogueira, Raynel Guedes. **Terça, 23/6:** Gustavo Lima, Calcinha Preta, Mari Fernandez.

Patos: TERREIRO DO FORRÓ (R. Feneleon Bonavides, Brasília). De 19/6 a 23/6. Entrada franca.

ORÇAMENTO SOB PRESSÃO

Municípios apelam por mais suporte

Em tramitação na Câmara Federal, PEC pode injetar R\$ 11,2 bilhões nos cofres das prefeituras a partir de 2028

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

A Câmara dos Deputados discute uma proposta de emenda à constituição (PEC) que afeta diretamente os municípios brasileiros: a PEC nº 231/2019 altera o artigo 159 da Constituição Federal, criando um adicional de 1% do Fundo de Participação dos Municípios (FPM) repassado no mês de maio. Se aprovada neste ano, a medida pode aplicar R\$ 10,7 bilhões nas contas municipais em 2027 e R\$ 11,2 bilhões nos anos posteriores.

Proposta pelos deputados Pedro Uczai (PT-SC) e Reginaldo Lopes (PT-MG), a PEC tramita em comissão especial relatada por Arnaldo Jardim (Cidadania-SP). A matéria teve outras duas propostas anexadas: a PEC nº 25/2022 e a PEC nº 27/2023. A primeira prevê um adicional de 1,5% do FPM transferido no primeiro decêndio de março, enquanto a segunda estabelece a criação de Fundos Constitucionais de financiamento para as regiões Sul e Sudeste, com a destinação de 1% da arrecadação do Imposto de Renda (IR), do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e do Imposto Seletivo (IS) — novo tributo federal instituído pela Reforma Tributária aos produtos e serviços que são nocivos à saúde humana ou ao meio ambiente. No último dia 10, o relator solicitou vista, o que acabou adiando a votação de seu parecer.

A articulação pela aprovação da matéria ganhou força recentemente, na 27ª Marcha a Brasília em Defesa dos Municípios, também chamada de “Marcha dos Prefeitos”, com a atuação da Federação das Associações de Municípios da Paraíba (Famup) e da Confederação Nacional de Municípios (CNM). Presidente da Câmara dos Deputados, o paraibano Hugo Motta (Republicanos) comprometeu-se a levar a proposta para debate com as lideranças da Casa Legislativa, visando sua votação em plenário.

O secretário-executivo da Famup, Pedro Dantas, defende a alíquota de 1,5% da PEC nº 25/2022 e menciona a importância do incremento dos repasses aos municípios pelo FPM. “É



Foto: Fabio Rodrigues-Pozzebom/Agência Brasil

Proposta deve ser levada para votação em plenário, segundo prometeu o presidente da Casa Legislativa, Hugo Motta

muito importante ressaltar que essa PEC ganhou mais força nessa marcha, porque os municípios de todo o Brasil tiveram impacto financeiro muito grande, com essa nova isenção do Imposto de Renda [para quem ganha] até R\$ 5 mil, e até agora não se mostrou a forma de compensação para os municípios”, justifica.

Além da nova regra no Imposto de Renda, o secretário aponta mais dois desafios aos municípios para manterem suas contas em dia e não suspenderem os serviços básicos oferecidos à população: os atrasos no cronograma de pagamento de emendas parlamentares e a aprovação de pisos salariais nacionais sem a indicação de fontes de custeio. “É inconstitucional, porque toda receita, se está prevista, precisa ser compensada, e, com o Imposto de Renda, ainda não foi feito isso. Qualquer piso que o Estado for implementar precisa ter a fonte de pagamento deste novo piso; contudo, as matérias estão sendo votadas sem acontecer isso”, complementa o secretário-executivo.

O advogado e consultor jurídico da Associação dos Municípios do Cariri e do Agreste Paraibano (Amcap), Emerson Vasconcelos, endossa a posição da Famup e da CNM sobre o incremento dos repasses do FPM, destacando que a geração de encargos para a

■ **Isenção do Imposto de Renda para quem ganha até R\$ 5 mil gerou impacto financeiro nos repasses federais via FPM**

administração pública sem sua fonte de custeio pelo Executivo ou pelo Legislativo federal ignora a capacidade financeira dos entes locais. “Vemos, a cada dia, a autonomia [da gestão] municipal ser esvaziada, transformando os municípios em meros executores de despesas federais e colocando em risco a entrega dos serviços de saúde, educação, assistência social e infraestrutura ao cidadão”, alerta o advogado, ao acrescentar que o cenário é especialmente crítico nos municípios de pequeno porte.

O peso do FPM

Segundo dados da Famup, aproximadamente 65% dos municípios paraibanos sobrevivem, exclusivamente, por conta dos recursos oriundos do FPM. O secretário-executivo da entidade pondera que a arrecadação própria dos municípios tem aumentado, principalmente devido ao planejamento das gestões municipais, ao auxílio técnico oferecido pela própria entidade e às orientações realizadas pelo Tribunal de Contas do Estado da Paraíba (TCE-PB) e pelo Ministério Público da Paraíba (MPPB). “Se a gente não tivesse uma leva tão competente de prefeitos, já haveria atraso de salário e interrupção de serviços básicos. O pessoal tem feito muito planejamento, tem se virado nos 30, tem trabalhado com redução de custo, mas a situação é muito delicada e as pessoas não estão ven-

do isso”, ressalta.

Como alternativa para mitigar essa dependência do FPM, Emerson Vasconcelos aponta a importância da promoção do setor empresarial. Segundo o consultor jurídico da Amcap, a região do Cariri, por exemplo, já oferece as três garantias fundamentais exigidas pelos investidores: segurança viária, segurança pública e segurança hídrica. “Temos o Novo Pacto do Cariri, que já vem mostrando justamente as potencialidades que nossa região tem: a criação de animais, o plantio com rios perenizados, o turismo, a confecção de roupas, que é muito forte. Então, a Amcap defende essas potencialidades para avançarmos na área empresarial da região”, relata.

O Governo da Paraíba também tem adotado uma postura de fortalecimento do municipalismo, viabilizando projetos locais, por meio de convênios e outras parcerias. Conforme o secretário de Desenvolvimento e Articulação Municipal, George Coelho, ao descentralizar os investimentos e aplicar recursos diretamente nas cidades, o Governo Estadual estimula a geração de renda local. “Quando você faz isso, começa a gerar mais qualidade de vida para o cidadão e o município começa a ter renda, diminuindo a dependência do FPM, porque começa a gerar também uma tranquilidade de não ficar dependente só do Governo Federal no tocante à transferência constitucional de valores”, declara.

Metodologia

Criado na década de 1960, o Fundo de Participação dos Municípios redistribui impostos federais e dita o ritmo de investimentos e do pagamento da folha na esmagadora maioria das prefeituras. Mais do que uma simples transferência, o FPM atua como o principal mecanismo constitucional de redistribuição

de riquezas do país, rateando parte da arrecadação federal com os entes municipais.

Atualmente, a União é obrigada a destinar 25,5% de toda a arrecadação líquida do Imposto de Renda e do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para formar o FPM. Esse bolo tributário é repassado ao longo dos 12 meses do ano (22,5%), mas conta com reforços estratégicos de 1% em julho, 1% em setembro e 1% em dezembro. Esse último repasse extra é, tradicionalmente, o alívio que permite aos gestores fechar a conta do 13º salário do funcionalismo.

Segundo dados da CNM, o FPM repassou mais de R\$ 420 milhões líquidos para a Paraíba em

junho. No primeiro decêndio, pago no dia 10, foram R\$ 250 milhões, e no segundo, repassado no dia 19, foram mais de R\$ 170 milhões. No total, foram repassados mais de R\$ 9 bilhões no primeiro decêndio para todos os municípios brasileiros. No segundo decêndio do mesmo mês, os repasses alcançaram a cifra de R\$ 6,6 bilhões.

De acordo com os dados da Secretaria do Tesouro Nacional (STN), o primeiro decêndio de junho deste ano, comparado com o mesmo decêndio de 2025, apresentou crescimento de 13,42%, enquanto o segundo decêndio apresentou crescimento de 11,46%.

Os números positivos de junho oferecem um fôlego temporário, mas não resolvem o problema estrutural exposto pelas entidades municipalistas. Nas próximas semanas, a articulação de lideranças paraibanas no Congresso será colocada à prova, definindo se as prefeituras conquistarão a aguardada blindagem financeira por meio da PEC.



Se a gente não tivesse uma leva tão competente de prefeitos, já haveria interrupção de serviços

Pedro Dantas



Foto: Julio Cezar Peixes

Secretário-executivo da Famup defende repasse extra

Saiba Mais

Confira o ranking de municípios paraibanos que receberam os maiores repasses de FPM neste ano:

Município	Valor recebido em 2026
João Pessoa	R\$ 380.279.023,92
Santa Rita	R\$ 85.729.197,97
Campina Grande	R\$ 85.729.197,31
Patos	R\$ 89.935.091,39
Bayeux	R\$ 36.545.471,41
Cabedelo	R\$ 29.951.318,59
Cajazeiras	R\$ 29.951.318,59
Sousa	R\$ 29.951.318,59
Guarabira	R\$ 27.455.375,40
Sapé	R\$ 27.455.375,40
Mamanguape	R\$ 24.959.432,20
Queimadas	R\$ 24.959.432,20
Catolé do Rocha	R\$ 19.967.545,77
Esperança	R\$ 19.967.545,77
Monteiro	R\$ 19.967.545,77

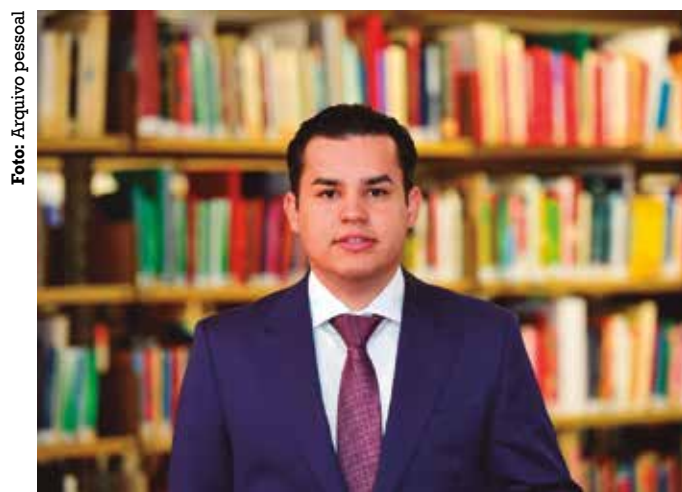


Foto: Arquivo pessoal

Emerson Vasconcelos aponta redução da autonomia municipal

EFICIÊNCIA

Novo sistema moderniza ações no serviço público

Plataforma DesenvolveGov será disponibilizada a partir do próximo mês

Da Redação
com Agência Gov

O Governo Federal adotará uma nova plataforma digital para planejar e acompanhar as ações de capacitação dos servidores públicos federais. Criado pelo Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos (MGI) e pela Escola Nacional de Administração Pública (Enap), o DesenvolveGov estará disponível a partir de julho e será usado na elaboração do Plano de Desenvolvimento de Pessoas (PDP) 2027. A iniciativa beneficiará mais de 200 órgãos e entidades e alcançará cerca de 570 mil servidores públicos federais. Espera-se que, em médio e longo prazo, a iniciativa resulte em mais eficiência para a administração pública.

O DesenvolveGov reunirá, em um único ambiente, as etapas de planejamento, execução, monitoramento e revisão das ações de desenvolvimento. A solução foi criada para simplificar processos, automatizar fluxos, ampliar o uso estratégico de dados e tornar o PDP mais dinâmico, integrado e orientado por evidências.

A plataforma foi apresentada, oficialmente, na última semana, durante o Encontro Nacional de Gestão de Pessoas (ENGP) 2026, em Brasília (DF). A mudança integra o processo de modernização da Política Nacional de Desenvolvimento de Pessoas (PNDP) e fortalece a capacidade dos órgãos federais de identificar necessidades de aprendizagem, definir prioridades, planejar ações e acompanhar resultados conectados aos objetivos institucionais.

Transição

O DesenvolveGov substituirá gradualmente o Portal do Sistema de Pessoal Civil da Administração Federal (Sipec). A primeira etapa, prevista para o próximo mês, contemplará os recursos voltados à elaboração dos PDPs, incluindo cadastro de usuários, registro de necessidades de desenvolvimento, valida-

ção, priorização e aprovação dos planos. A partir de janeiro de 2027, serão disponibilizados os módulos de execução, revisão, informe de execução das necessidades de desenvolvimento e consolidação dos relatórios da PNPD.

Para apoiar os órgãos e entidades, serão disponibilizados guias, manuais, vídeos tutoriais, webinários, ações de capacitação e suporte técnico. Também está prevista uma *live* de apresentação do sistema, com demonstração das principais funcionalidades, fluxos de uso e orientações práticas para cada perfil envolvido na elaboração do PDP.

Para a coordenadora-geral de Desempenho e Desenvolvimento de Pessoas do MGI, Priscila Aquino, a nova interface digital representa um avanço importante para a PNPD. "O DesenvolveGov foi projetado para apoiar uma gestão mais estratégica do desenvolvimento de pessoas no serviço público federal. O novo ambiente fortalece a integração entre planejamento, execução e monitoramento das ações de desenvolvimento, amplia a qualidade das informações disponíveis para tomada de decisão e contribui para que os órgãos e as entidades direcionem seus esforços para o desenvolvimento das competências que realmente impactam os resultados institucionais", destaca.

Simplificação

Segundo a chefe substituta da Divisão de Soluções Tecnológicas do MGI, Cristiana Amaral, responsável pelo desenvolvimento da solução em parceria com a Enap, a ferramenta vai além da digitalização de procedimentos existentes. "O DesenvolveGov nasce para substituir uma lógica baseada em processos fragmentados por uma experiência digital integrada, conectando pessoas, dados e decisões em um único ambiente. A solução foi concebida para simplificar a gestão do PDP, ampliar a transparência das informações e criar condições para que as equipes possam dedicar mais

tempo à análise estratégica e menos às atividades operacionais", afirma.

Cristiana explica que o DesenvolveGov contará com integração a sistemas estruturantes do Governo Federal, como Siape e SouGov, além de formulários mais intuitivos, consolidação automatizada de informações, relatórios gerenciais e painéis de acompanhamento em tempo real. A plataforma também utilizará recursos de inteligência artificial para apoiar a análise das necessidades de desenvolvimento e tornar mais assertiva a identificação de ações alinhadas às demandas institucionais.

Mais eficiência

De acordo com o analista de negócios da Enap, Carlos Henrique Melo, a nova solução trará mais agilidade à gestão dos PDPs, com navegação facilitada e fluxos mais organizados para cadastro, validação, priorização e aprovação das necessidades de desenvolvimento.

"A nova solução também traz mais agilidade na gestão dos PDPs, padronizando etapas, otimizando o tempo das equipes e facilitando o acompanhamento das demandas pelos diferentes perfis de usuários e gestores. Além disso, o sistema foi construído com foco em melhoria contínua baseada em evidências, considerando dados, *feedbacks* dos usuários e a evolução permanente das funcionalidades. Com a modernização do processo, a expectativa é garantir maior eficiência na elaboração dos PDPs, mais assertividade nas devolutivas e uma gestão mais estratégica das ações de desenvolvimento de pessoas", conta.

Processos conectados

Segundo Thiago Cantalice, servidor da Enap e um dos responsáveis pela concepção da ferramenta, o DesenvolveGov terá agrupamento automático de necessidades de desenvolvimento, organizando demandas semelhantes em categorias estruturadas. A funcionalidade simplifica a análise pelas

chefias e unidades de gestão de pessoas, facilita a identificação de necessidades transversais e apoia diagnósticos mais qualificados.

"A estruturação das necessidades de desenvolvimento torna o mapeamento mais objetivo e gera diagnósticos mais qualificados, permitindo que escolas de governo e unidades de gestão de pessoas planejem soluções de aprendizagem alinhadas aos desafios reais enfrentados pelos servidores. O processo também ficou mais participativo e acessível. Pela primeira vez, por meio do *login* no SouGov, os servidores poderão registrar diretamente suas necessidades de desenvolvimento no sistema, contribuindo para a construção de diagnósticos mais consistentes e aderentes às demandas do serviço público federal", destaca.

Outros benefícios

O DesenvolveGov foi construído para atender os diferentes perfis envolvidos no ciclo da PNPD. Para os servidores, a plataforma permitirá participação mais ativa no planejamento do desenvolvimento profissional. Para as chefias, dará mais clareza na validação e priorização das necessidades das equipes. Para as unidades de gestão de pessoas, reduzirá retrabalho operacional, ampliará a qualidade dos dados e fortalecerá a capacidade analítica para tomada de decisão.

Na avaliação de Priscila Aquino, o DesenvolveGov representa um marco na modernização da gestão do desenvolvimento de pessoas na administração pública federal. "A plataforma amplia a capacidade dos órgãos e das entidades de identificar necessidades de desenvolvimento estratégicas, planejar ações mais efetivas e desenvolver competências alinhadas aos desafios institucionais. O resultado esperado é um Estado mais preparado para responder às demandas da população, formular melhores políticas públicas e entregar serviços cada vez mais eficientes, acessíveis e de qualidade à sociedade", reforça.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (48)

Carta de um leitor: "Já li poesia mais ruim do que a sua. Você não é dos piores. Seus guias espirituais já o devem ter orientado que você não pode esperar muita coisa da vida. Pelo menos no campo minado das letras dissimuladas".

Sim, porque poesia é isso. Como toda literatura, não passa de leituras farsantes, suposto *insight* acima da média, fingimentos de pessoinhas fantasiosas deslumbradas, reivindicando todos os papéis da peça.

Acho importante também evitar que as pessoas me chamem de poeta. Por duas razões: primeiro que poeta só pode vestir a camisa de poeta se tiver livro reconhecido e apadrinhado por críticos do naipe de Damião Ramos Cavalcanti ou Kuby Pinheiro.

Segundamente, e não menos importante, o poeta tem que ter aceitação popular. Ou ser apreciado e declamado por todo alcoolista boêmio intelectual que se preze e se sustente em pé, ou sentado na cadeira do botequim, altas horas das noites desregradas e farristas.

Isso fica para Ronaldo Cunha Lima, Manoel Xudu e Augusto dos Anjos. Eu próprio já comecei uma carreira de pseudo poeta, mas consegui ser salvo a tempo.

"Toda criança é um poeta pagão, mas que o mundo se ocupa de apeguar" (Eduardo Galeano).

Só 1% dos brasileiros lê poesia. O poeta W. J. Solha escolhe os leitores e manda seu livro para quem realmente lê. É a busca ativa do leitor.

Dez por cento dos brasileiros escreve poesia. Sem ler poesia. "O povo gosta de de putaria" (Rui Vieira).

Que época terrível é esta, onde idiotas conduzem cegos" (W. Shakespeare).

Sigamos aprendendo a colher gerânios em jardins improváveis, nesse pantanal cheio de jacarés de sonhos minúsculos.

Estatisticamente, as mulheres dirigem melhor do que os homens. E esteticamente também.

Ouvi de um cabra em Itabaiana: "Minha cidade tá encruada". Fui ver no Aurélio, "encruado": que não cresce, não progride.

Dizem que a Copa do Mundo é como o sexo na vida dos ingleses: acontece de quatro em quatro anos, e o resultado nem sempre é satisfatório.

Leminski foi um poeta que morreu de tanto viver. Lembra o amigo João de Deus Rafael. Não pela poesia, mas pela jornada de festa absoluta pela vida afóra.

Um pensamento maluco que me ocorreu às 3h da madrugada: acho que quem dorme demais está roubando o sono da gente que tem insônia.

"Eu não sou esse monstro que eles dizem que eu sou. Eu sou muito pior" (De um romance que li, cujo autor esqueci).

Sou um cabra sem fé, mas invejo as pessoas que acreditam em divindades, incluindo o Filho do Homem, um super-herói nascido na manjedoura, Ele que salva as pessoas de uma vida banal, medíocre, vazia, sem amor e sem graça.

Essa antiga magia da imaginação coletiva, o "amigo imaginário" dos adultos, tem ajudado a construir muitos homens e mulheres de bem. Não há maior bravura na vida do que ser um bom homem e uma mulher nobre, leal e generosa.



Foto: Fábio Rodrigues-Pozebom/Agência Brasil

Sistema integrará, em um só ambiente, o planejamento, a execução e o acompanhamento da capacitação de servidores

Colunista colaborador

UNESCO

País busca homenagem a Luiz Gama

Material que pertenceu ao abolicionista pode ser reconhecido como Patrimônio Documental da Humanidade

Cristina Índio do Brasil
Agência Brasil

Documentos, manuscritos e textos publicados na imprensa pelo abolicionista Luiz Gama foram submetidos à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) para obter o reconhecimento como Patrimônio Documental da Humanidade.

A candidatura ao edital 2026-2027 do Programa Memória do Mundo foi oficializada em 26 de novembro de 2025 pelo Ministério das Relações Exteriores e pelo Arquivo Nacional. O resultado deverá ser revelado no fim de 2027, durante a Conferência Geral da Unesco.

Figura histórica inscrita no *Livro de Heróis e Heroínas da Pátria*, Luiz Gama libertou mais de 500 pessoas escravizadas com sua atuação jurídica em defesa da população negra brasileira.

Nascido livre e vendido pelo pai como escravo, Gama aprendeu a ler e escrever aos 17 anos, mas foi impedido, pelo preconceito racial, de se formar em Direito. Mesmo assim, ele assistiu às aulas do curso como ouvinte e se tornou rábula, pessoa com direito de atuar nos tribunais. A partir daí, destacou-se na defesa da libertação de negros escravizados e na concessão de registros de identidade para ex-escravizados.

Defensor da liberdade

Pesquisadora e professora da Universidade Federal do Estado de São Paulo (Unifesp), Lígia Fonseca Ferreira explica que Luiz Gama tam-

bém se destaca entre os abolicionistas por ter vivenciado a escravidão.

“Tudo que escreveu e a maneira como, depois, se voltou para a libertação de indivíduos tem um olhar particular, quase de caso a caso, entendendo aqueles com quem tratou”, acrescentou.

Lígia Ferreira é pesquisadora da trajetória de Luiz Gama e autora dos livros *Com a palavra, Luiz Gama e Lições de resistência: Artigos de Luiz Gama na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro*, que reúnem textos, cartas e poemas do abolicionista.

Por ser negro, Gama foi impedido de frequentar o curso da Faculdade de Direito do Largo do São Francisco, no qual tinha tentado ingressar em 1850. Segundo a professora, ele começou a atuar em meados dos anos 1860, após receber autorização para advogar em primeira instância.

Em reconhecimento ao trabalho que desenvolveu, Luiz Gama foi homenageado, em 2015, pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), com um título póstumo de advogado e carteirinha com registro profissional da instituição.

Luiz Gama nasceu liberto, filho da africana Luiza Mahin, que foi trazida à força da região africana atualmente pertencente ao Benim. Aos 10 anos, no entanto, foi vendido em Salvador, como escravizado, pelo próprio pai, o fidalgo português branco Antônio Agostinho Carlos Pinto da Gama, em troca de dinheiro para saldar uma dívida. O menino foi levado para São Paulo, onde viveu a escravidão.

“Nos seus escritos jornalísticos em primeira pessoa, em que fala das origens, ele se refere aos escravizados não como ‘os outros’; ele diz ‘meus irmãos de infortúnio’. Ele fala em ‘nós’”, completou Lígia Fonseca Ferreira.

Só aos 18 anos, Gama conseguiu provar que tinha direito à liberdade e saiu do cativeiro.

Patrimônio documental

O título da candidatura apresentada à Unesco é “Presença Negra no Arquivo: Luiz Gama, articulador da liberdade (1830-1882)”. O material foi organizado pelo Arquivo Público do Estado de São Paulo (Apesp), responsável pelo acervo, que já foi inscrito no Programa Memória do Mundo pelo Comitê Regional para a América Latina e o Caribe (MoWLAC) da Unesco.

Conforme os critérios estabelecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU), o Brasil pôde inscrever, na organização internacional, uma segunda candidatura, Coleção Documental: Passaportes de Pessoas Escravizadas, Libertas, Pessoas Livres e Africanos Repatriados (1821-1889), produzida pelo Arquivo Público do Estado da Bahia.

Entre os mais importantes documentos do acervo de Luiz Gama, estão as cartas de alforria guardadas no Arquivo Público do Estado de São Paulo. Segundo o pesquisador Marcelo Quintanilha, do Apesp, o material foi produzido na época em que Gama era escravo de uma delegacia de São Paulo.

De acordo com Quintanilha, a equipe do Apesp envolvida na produção do dossiê de



Luiz Gama utilizou seus conhecimentos jurídicos para libertar mais de 500 escravizados

candidatura levou entre sete e oito meses para juntar os documentos.

O diretor do arquivo público paulista, Thiago Nicodemo, contou que, após o envio da candidatura, o Apesp conseguiu, por meio da inteligência artificial, dar rostos às pessoas que Gama libertou.

“É uma questão de reparação importante, mas também de alcance público importante”, pontuou. “É como se tivéssemos devolvendo para elas a sua condição de gente”.



Certificado emitido pela Unesco oficializando a candidatura

Ex-escravizado retia passaportes para salvar vítimas do tráfico de pessoas

Mesmo liberto e alfabetizado, Gama teve dificuldade em encontrar emprego por ser negro e ex-escravizado no Brasil do século 19. Ele acabou aceitando uma vaga no chamado “corpo policial”, primeiro como porteiro da delegacia e, depois, como escrivão e amanuense, função dada à pessoa que escreve os documentos à mão.

“Um escravo liberto e novo como ele, apesar de alfabetizado, não tinha emprego. Então, ele entrou para o corpo policial e ganhava bem pouco”, contou Marcelo Quintanilha.

Foi nesse cargo, considerado de confiança, que sua luta a favor do abolicionismo ganhou força. Com acesso aos passaportes de negros escravizados, Gama pôde constatar que muitos deles eram africanos trazidos ilegalmente para o Brasil. Na época, o tráfico de pessoas escravizadas já havia sido proibido.

“Quando vinha o dono dos escravizados pedir o passaporte [na delegacia], ele notava que o escravizado era muito novo e não falava nem português. Ele perguntava de onde [o escravizado] era e, então, [Gama entendia que] era um escravo ilegal, contrabandeado”, afirmou.

Nesses casos, Gama não en-



Como escrivão da polícia, Gama tinha acesso aos documentos

tregava o passaporte e apreendia a pessoa escravizada, para que não permanecesse com quem se intitulava “dono” de forma ilegal.

“Como o delegado, o chefe dele, era permissivo, esses escravizados acabaram se tornando libertos. Aí, ele foi criando inimizades, pegando [escravizados] de gente poderosa”, explicou.

A partir desse trabalho, o abolicionista começou a fazer os registros dessas pessoas, e elas passaram a ter uma identidade no país. Essa atuação resultou em sua expulsão da polícia, em 1869.

Segundo o pesquisador, tudo está documentado em um livro escrito por Luiz Gama, com

a lista de 123 africanos livres. O livro é um dos documentos importantes que estão no dossiê da candidatura na Unesco e faz parte do acervo do Apesp.

“Foi feito à mão por ele. A gente nota que ele se esforçou muito na descrição, para contar a história desses escravos. É muito interessante o livro”, apontou.

Quintanilha destacou que, para incluir pessoas escravizadas que tinham sido contrabandeadas, Luiz Gama fez uma interpretação do que significava o conceito de cidadão.

“Ele era um jurista muito inteligente. Criava soluções naquela sociedade conservadora que, até então, ninguém tinha aventado”, concluiu.

Família de comendador tentou impedir libertação em massa

O advogado Bruno Rodrigues de Lima, pesquisador da história de Luiz Gama, destacou outra luta do abolicionista, que ficou conhecida como a “Questão Netto”, considerada por historiadores como a maior ação coletiva de libertação de escravizados das Américas.

O processo tratava da liberdade de pessoas que constavam como patrimônio do comendador português Manoel Joaquim Ferreira Netto, um dos homens mais ricos do Império. Ao fazer o testamento, o escravista determinou a libertação de 217 escravizados após a sua morte.

Ao saber disso, Gama procurou verificar se a ordem tinha sido cumprida e teve que enfrentar uma batalha com a família do comendador, que disputava os bens dele e não queria dar liberdade às pessoas escravizadas.

Bruno Lima analisou os documentos guardados no Arquivo Público do Estado de São Paulo que desvendaram a atua-

ção de Gama para a libertação e identificação desses escravizados.

Esse trabalho contribuiu para embasar a candidatura que, em 2025, conquistou o registro do Comitê Regional para a América Latina e o Caribe (MoWLAC) da Unesco. Agora, a pesquisa também serve de base para a candidatura mundial.

Primeiro caso

O reconhecimento da Unesco aos documentos, segundo Lima, representa muito para o Brasil, porque será a primeira vez que uma obra abolicionista do país que mais teve pessoas escravizadas no mundo será incluída.

“Uma obra abolicionista é uma obra de afirmação da liberdade, da emancipação humana e da igualdade entre todos e todas em um país que mais afirmou o contrário disso: a desigualdade, a violência e a escravidão, que, no limite, é a forma mais brutal de exploração do homem e da mulher”, observou.

Bruno é autor de *Luiz Gama contra o Império: a luta pelo direito no Brasil da Escravidão* e organizador dos 11 volumes das *Obras Completas de Luiz Gama*. Em 2024, ganhou o Prêmio Jabuti Acadêmico, categoria Direito, com o volume *Direito, 1870-1875*, um dos 11 que compõem *Obras Completas de Luiz Gama*.

“

Uma obra abolicionista é uma obra de afirmação da liberdade, da emancipação humana e da igualdade

Bruno Rodrigues de Lima

NORDESTE

Editais somam 275 oportunidades

Vagas das prefeituras de Taperoá e de Campina Grande e da AL do Ceará são para níveis médio, técnico e superior

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Na semana em que a Paraíba entra, definitivamente, no compasso do São João, os concurseiros também têm compromisso marcado com os estudos. Na Paraíba, as oportunidades estão nas prefeituras de Taperoá e Campina Grande, com vagas em áreas como educação, saúde, administração, segurança e trânsito. Já fora do estado, o destaque é a Assembleia Legislativa do Ceará, que oferece 200 vagas imediatas. Os salários variam de R\$ 1,6 mil a R\$ 6,1 mil, sem contar os adicionais previstos nos editais.

Gestão municipal

Em Taperoá, no Cariri paraibano, a prefeitura abriu um novo concurso público, com 35 vagas para cargos de níveis médio, técnico e superior. As oportunidades contemplam diferentes áreas da gestão municipal, com chances para agente comunitário de saúde, guarda municipal, agente administrativo, assistente social, biomédico, psicólogo, técnico em laboratório e professores de diferentes disciplinas. As remunerações variam de R\$ 1,6 mil a R\$ 4,5 mil, com jornadas de 30 a 40 horas semanais, conforme o cargo escolhido. Para participar, os candidatos devem realizar a inscrição até 10 de julho, exclusivamente, pelo site

da Ápice Consultoria. As taxas foram fixadas em R\$ 60 para cargos de nível médio e técnico, e R\$ 75 para nível superior.

Comum a todos os candidatos, a prova objetiva está prevista para 30 de agosto. Também haverá análise de títulos, de caráter classificatório, para os cargos de nível superior e magistério, além de comprovação de residência para os aspirantes a agente comunitário de saúde. Já no caso da Guarda Municipal, a seleção inclui, ainda, etapas adicionais, como teste de aptidão física, avaliação psíquica e investigação social e comportamental. Todo o processo será realizado no município de Taperoá.



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de Taperoá

Trânsito

Em Campina Grande, por sua vez, a oportunidade da semana é voltada para quem deseja atuar no trânsito da cidade. A prefeitura local abriu 40 vagas imediatas para o cargo de agente de trânsito, sen-



No Ceará, são 200 vagas, além de cadastro de reserva, nos cargos de analista e técnico legislativos

Foto: Divulgação/Assembleia Legislativa do Ceará

do 36 de ampla concorrência e quatro reservadas para pessoas com deficiência. A exigência é diploma de nível superior em qualquer área de formação, além de Carteira Nacional de Habilitação (CNH) na categoria AB. A jornada de trabalho será de 30 horas semanais, com remuneração inicial de R\$ 3,1 mil. O edital também prevê adicional de periculosidade de 30% sobre o vencimento.

As inscrições seguem abertas até amanhã, pelo site do Instituto de Desenvolvimento Educacional, Cultural e Assistência Nacional (Idecan), banca responsável pelo certame. A taxa custa R\$ 150.

Quanto à avaliação, a prova objetiva será aplicada em 30 de agosto, na cidade de Campina Grande. Segundo o edital, o processo também contará com teste de aptidão física, avaliação psicológica, avaliação de saúde, investigação social e funcional, além de cur-



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de CG

so de formação profissional.

Legislativo

Fora da Paraíba, mas ainda no radar de quem busca uma vaga no serviço público, o concurso da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (Alecce) reúne o maior número de oportunidades da semana. Ao todo, são 200 vagas imediatas, além de cadastro de reserva, nos cargos de analista legislativo, de nível superior, e técnico legislativo, de nível médio. No caso de analista, há vagas em áreas como direito, jornalismo, ciências contábeis, serviço social, análise de dados, arquivologia, audiovisual, design gráfico,

engenharia mecânica e marketing, entre outras especialidades. Já os salários variam de R\$ 3 mil a R\$ 6,1 mil, por uma jornada semanal de 30 horas.

Se você pretende disputar uma das vagas, é preciso ficar atento ao prazo, já que as inscrições terminam amanhã, também pelo site do Idecan. As taxas custam R\$ 137 para nível superior e R\$ 97 para nível médio. Sobre a seleção, a primeira fase está marcada para 16 de agosto e será composta por provas objetiva e discursiva, aplicadas a todos os candidatos. No caso de analista, a disputa contará, ainda, com análise de títulos. E atenção: embora a lotação dos aprovados seja em Fortaleza, as provas não ficarão concentradas apenas na capital. O edital prevê aplicação nas cidades de Juazeiro do Norte, Sobral, Iguatá, Quixadá, Russas e Itapipoca, entre outras regiões do estado.



Use o QR Code para acessar o edital da Assembleia Legislativa do Ceará

Engenheiro mecânico projeta máquinas e soluções versáteis

Nem só de motores vive a Engenharia Mecânica. Embora máquinas e ferramentas façam parte do dia a dia e do próprio imaginário da profissão, a área chama atenção por sua versatilidade. Para além da graxa, um engenheiro mecânico pode atuar com projeto, manutenção, produção, conforto térmico, refrigeração, mecatrônica e até informática. Foi essa pluralidade que atraiu o engenheiro

mecânico Ricardo Cabral, professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Antes de chegar à sala de aula, ele trabalhou em obras de rodovias no Ceará e em Alagoas, experiência que o ajudou a entender como a profissão transita por diferentes setores.

A relação dele com a Engenharia Mecânica começou em casa, antes mesmo de pensar na faculdade que

faria depois. Ricardo conta que, quando alguma coisa quebrava, ele sempre tentava encontrar uma solução para o problema. Era curioso, como todo bom engenheiro, mas também gostava de história antiga, interesse que o fez cogitar Arqueologia. Mas foi a influência do irmão mais velho, formado em Engenharia Mecânica na primeira turma da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que acabou sendo determinante para sua escolha profissional.

Após concluir o curso, no início da década de 1980, o engenheiro foi trabalhar em uma construtora que atuava com obras de viadutos, condomínios residenciais e rodovias. Segundo Ricardo, a experiência nas estradas mostrou, na prática, que a formação do engenheiro mecânico era mais variada do que ele imaginava. “Eu costumava dizer que a Engenharia Mecânica se espalha pelas mais variadas engenharias”, afirma. Não à toa, essa diversidade aparece em diferentes frentes. Em empresas de grande porte, por exemplo, o engenheiro mecânico costuma ter um papel importante na manutenção, recuperação e operação de máquinas e equipamentos.

Mas sua atuação não para aí. A profissão também envolve desenvolvi-

mento de projetos, criação de maquinários, acompanhamento de processos produtivos e soluções ligadas à eficiência energética. Como explica Ricardo, a área dialoga até com o conforto térmico, por meio de sistemas de refrigeração e calefação, além de aproximar-se cada vez mais da computação. “Tanto isso é verdade que, de uns anos para cá, surgiu a mecatrônica, um ramo que liga a mecânica com elétrica e informática”, observa.

Habilidades

Para Ricardo, porém, não basta ser bom em cálculo para ser um engenheiro excepcional. Domínio técnico precisa vir acompanhado de outras competências. Na sala de aula, ele costumava dizer aos alunos que era necessário ler bastante, inclusive fora da literatura técnica. A razão é simples: a leitura amplia repertório, melhora o raciocínio e ajuda o profissional a compartilhar suas ideias. “Ela abre a mente”, pontua o especialista. A capacidade de comunicação, inclusive, faz toda a diferença para quem precisa apresentar projetos e defender soluções. “O engenheiro mecânico precisa se comunicar bem para expor o seu trabalho e mostrar que a proposta que ele está apresentando é a melhor”, resume.



A tecnologia está se desenvolvendo rapidamente e é preciso acompanhar esse progresso

Ricardo Cabral

Além disso, ele cita como habilidades desejáveis o domínio da língua inglesa e a familiaridade com programas e equipamentos mais tecnológicos.

O desafio, portanto, não termina com o diploma. Pelo contrário. Na visão do professor, a atualização constante é uma das principais exigências da carreira. Novos materiais, processos de fabricação, softwares e tecnologias surgem em velocidade tão acelerada que obrigam o profissional a acompanhar o ritmo dessas transformações — sob o risco de ficar para trás. Para ele, essa é uma diferença importante em relação a outras épocas. “A tecnologia está desenvolvendo-se rapidamente e ele precisa acompanhar esse progresso. Um exemplo disso

é a inteligência artificial. Não tem como não seguir por esse caminho”, reflete o professor. Na avaliação de Ricardo, ignorar esses avanços já não é uma opção, mas, para que a tecnologia funcione como uma aliada, precisa haver critério.

Oportunidade

Para quem já atua na área e deseja ingressar no serviço público, o concurso da Assembleia Legislativa do Ceará (Alecce) pode ser uma possibilidade. O edital prevê uma vaga imediata para analista legislativo na especialidade de engenharia mecânica, além de cadastro reserva. A função exige formação superior na área e registro no Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (Crea), com jornada semanal de 30 horas e remuneração inicial de R\$ 6,1 mil.

■ O engenheiro mecânico costuma ter um papel importante na manutenção, recuperação e operação de máquinas e equipamentos

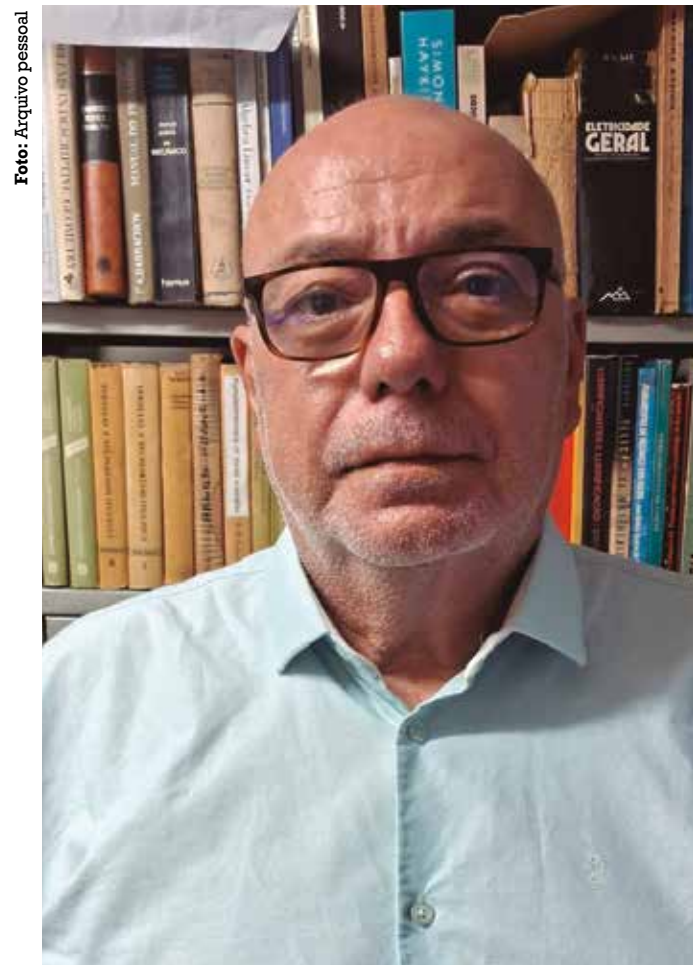


Foto: Arquivo pessoal

Pluralidade de possibilidades atraiu Ricardo Cabral

Selic

Fixado em 17 de junho de 2026

14,25%

Sálário mínimo

R\$ 1.621

Dólar \$ Comercial

-0,17%

R\$ 5,165

Euro € Comercial

+0,02%

R\$ 5,928

Libra £ Esterlina

-0,27%

R\$ 6,831

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Maior/2026 0,58

Abril/2026 0,67

Março/2026 0,88

Fevereiro/2026 0,7

Janeiro/2026 0,33

Ibovespa

168.333,61 pt

+0,03%

TRADIÇÃO

Do milho nasce o sustento que acompanha gerações

Comidas típicas do São João transformam a vida de famílias paraibanas

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

“Somos do interior do milho”, diz a canção “Uma Brasileira”, interpretada pela banda Os Paralamas do Sucesso. O vocalista e um dos compositores da música, Herbert Vianna, é da Paraíba — estado onde a tradição junina é forte e as comidas à base de milho ocupam lugar central na cultura e na mesa das famílias. Durante o São João, essas tradições ganham ainda mais força, movimentando a economia popular e alimentando as expectativas de quem encontra no milho uma forma de sustento e ascensão financeira.

Em pequenas empresas familiares, como o Empório Sertão, em João Pessoa, o faturamento cresce 40% nesse período. Em bancas de feira como a da Pamonha da Marta, os trabalhos começam em abril e triplicam as vendas até o São João.

Aos 31 anos, Elizabeth Guimarães trabalha ao lado da mãe, Marta, que comanda a produção de 18 produtos à base de milho e outras receitas nordestinas. O negócio familiar — que nasceu há quase duas décadas e faz sucesso na tradicional Feira de Jaguaribe — reúne, ainda, o pai e as irmãs de Elizabeth, além de dois funcionários que são contratados para dar conta da alta procura. A empresa chega a produzir até duas mil pamonhas para atender às encomendas do dia 23 de junho.

O ritmo de produção é acelerado, mas nem assim a família consegue manter o estoque por muito tempo. “Antes das 19h já não tem mais pamonha nem canjica na feira”, relata a comerciante. A procura também obriga a família a estabelecer um limite para as encomendas de São João. “Quando [a gente] vê que já atingiu a quantidade para trabalhar com tranquilidade, infelizmente, não pegamos mais encomenda”, explica.

Mas a história que hoje mobiliza uma verdadeira força-tarefa familiar começou com Marta Guimarães, de 63 anos, que trabalha na feira desde os 14 anos de idade. Durante décadas, seu sustento veio da venda de frutas. Foi há 19 anos, por causa de um acaso junino, que o destino da família mudou de rumo. Naquele ano, o dia de São João caiu justamente em uma quarta-feira, dia de feira. Marta preparou uma panela de canjica para levar para casa, mas o aroma da receita chamou a atenção dos fregueses antes que ela pudesse voltar para a família.

“Os clientes sentiam o cheiro e queriam comprar. Quando vi, tinha vendido tudo e não tinha sobrado nada para levar para casa”, relembra Elizabeth. O episódio repetiu-se nas semanas seguintes. O que começou como uma receita para consu-



Foto: Roberto Quecêdes

Banca tradicional da Feira de Jaguaribe triplica as vendas de comidas de milho no período

mo próprio revelou uma oportunidade de negócio capaz de transformar a realidade da família. Aos poucos, as comidas de milho foram ocupando mais espaço do que as frutas. A procura aumentava a cada semana, exigindo mais produção e mais dedicação.

Até que Marta decidiu apostar definitivamente na nova ati-

vidade. Elizabeth cresceu acompanhando essa transformação. Quando chegou à adolescência, começou a ajudar a mãe depois da escola. A residência da família, em Bayeux, também funciona como local de produção e venda. Das panelas que saíram dali, nasceu a principal fonte de renda da casa. “Hoje é o sustento 100% da família. Sustenta mi-

nha mãe, meu pai e todo mundo que trabalha com a gente”, afirma Elizabeth.

As receitas tradicionais ajudaram a construir estabilidade financeira. “Através disso, a gente conquistou as nossas coisas. Quando o cliente diz que não passa um São João sem comprar com a gente, dá um orgulho muito grande”, completa.

Redes sociais modernizam as vendas dos produtos sertanejos

Se a história da Pamonha da Marta nasceu do cheiro da canjica espalhado pela feira, a do Empório Sertão cresceu em tempos mais digitais. Em Mangabeira, Thiago Lucena Arnaud encontrou nas redes sociais uma forma de aproximar milhares de consumidores dos sabores sertanejos. O perfil da empresa no Instagram reúne mais de 71 mil seguidores e tornou-se a principal vitrine do negócio. Segundo ele, cerca de 90% dos novos clientes chegam à loja depois de assistir aos vídeos que produz mostrando queijos, manteigas, carnes e comidas típicas.

O seu pai é de Catolé do Rocha; a mãe, de Teixeira; a esposa, de Bom Jesus. Ele está na estrada há muitos anos, circulando entre as cidades sertanejas. “Meu pai sempre trouxe essa cultura para dentro de casa. A gente cresceu aprendendo a conhecer produto bom e a valorizar os produtos regionais”, diz Thiago. A procura pelos produtos da loja é movida, em boa parte, pela memória afetiva de quem saiu do interior, mas não abriu mão dos sabores da terra. Foi necessário um susto para os rumos de Thiago mudarem. A história do Empório Sertão começou durante a pandemia. Até então, Thiago trabalhava havia 12 anos como supervisor no Armazém Paraíba.

Em 2020, após enfrentar um problema cardíaco, pre-

cisou se afastar do trabalho. O período acabou abrindo espaço para uma experiência que mudaria sua vida. “Eu estava em recuperação em casa e conhecia um pessoal de Bom Jesus que produzia mel. Trouxe uma caixa com 15 garrafas para vender aos amigos. Quando foi no outro dia, tinha vendido tudo. Aí pedi mais. Depois trouxe manteiga da terra de Emas. Quando vi, uma coisa foi puxando a outra”, recorda.

O sucesso das primeiras vendas despertou a vontade de ampliar a oferta de produtos. Vieram os queijos artesanais, manteigas, doces e outras especialidades regionais, como pamonha e canjica. Durante cerca de um ano, o negócio funcionou apenas por entrega. O próprio Thiago retribuiu os pedidos e fazia as entregas de moto, enquanto a esposa trabalhava na operação. A oportunidade de transformar a atividade em empresa surgiu quando percebeu que as vendas cresciam mesmo sem uma loja física. Ainda assim, deixar um emprego estável foi uma das decisões mais difíceis que já tomou.

“Era um risco muito grande. Eu tinha um emprego muito bom, recebia bem. Passei várias noites sem dormir direito, com ansiedade e medo de tomar a decisão errada. Mas sentia que era a hora”, conta. Mesmo depois de abrir

o Empório Sertão, a transição não foi simples. Nos primeiros meses, Thiago acordava às 5h para trabalhar como motorista por aplicativo e complementar a renda da família. Enquanto isso, a esposa abria a loja e mantinha todo o negócio funcionando.

Aos poucos, a clientela cresceu e a renda passou a vir exclusivamente do empreendimento. Hoje, o trabalho que desempenha em seu perfil para o Instagram se tornou uma ferramenta tão importante quanto o cuidado com a qualidade dos produtos. “Todos os vídeos são produzidos por mim. Se tem uma carne assada, sou eu que faço. Se tem uma galinha cozinhada, sou eu que filmo. Quando a gente pergunta aos clientes como conheceram a loja, a maioria responde que foi pelo Instagram”, afirma.

Mais do que um negócio, ele vê no Empório Sertão uma forma de preservar as referências que herdou da família. “Tenho muito orgulho de vender produtos que representam a nossa região e a nossa cultura”.

Histórias como as de Elizabeth e Thiago ajudam a explicar o motivo de o milho ocupar um lugar tão especial na cultura paraibana. Não apenas pelo sabor ou pela memória afetiva que carrega, mas pelas oportunidades que cria para quem vive desse trabalho.

Economia em Desenvolvimento

Marcílio Correia
marciliorcorreia.professor@gmail.com | Colaborador

São João: a força econômica da tradição paraibana

Quando junho chega, a Paraíba vivencia um fenômeno singular: a união entre tradição cultural e dinamismo econômico. Impulsionado pela grandiosidade de Campina Grande e pelas festividades espalhadas pelo interior do estado, o São João deixou há muito tempo de ser apenas uma celebração popular para consolidar-se como um dos principais motores temporários de geração de renda, emprego e circulação de riqueza no Nordeste.

Em 2026, essa força econômica torna-se ainda mais evidente. Segundo a Secretaria de Desenvolvimento Econômico (Sede) do município de Campina Grande, a expectativa é que O Maior São João do Mundo receba mais de 3,5 milhões de visitantes ao longo dos 33 dias de programação e movimento cerca de R\$ 800 milhões na economia local. Os números demonstram a capacidade da cultura de impulsionar o crescimento econômico e de fortalecer diversos setores simultaneamente, como turismo, comércio, serviços, transporte e alimentação.

De acordo com projeções da Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) e da Sede, a movimentação econômica prevista para este ano aponta crescimento de aproximadamente 10% em relação a 2025, quando os festejos juninos movimentaram mais de R\$ 780 milhões. Esse avanço confirma a expansão do evento e sua importância para o desenvolvimento da Paraíba.

Esse crescimento reflete-se em diferentes setores da economia local, especialmente no turismo. Milhares de visitantes chegam ao estado durante o período junino, impulsionando hotéis, pousadas, bares, restaurantes, transportes e o comércio. A expectativa da CDL de Campina Grande é de crescimento entre 3% e 5% nas vendas durante a festa.

Mas o efeito econômico não se limita aos grandes empreendimentos. Um dos aspectos mais relevantes da festa é sua capacidade de distribuir renda. Costureiras, artesãos, ambulantes, músicos, decoradores, profissionais de eventos e pequenos empreendedores encontram nesse período uma oportunidade concreta de ampliar ganhos e movimentar seus negócios.

Outro ponto importante é o fortalecimento das cadeias produtivas locais. A demanda por alimentos típicos movimentou agricultores familiares, produtores de milho, comerciantes e pequenos fornecedores espalhados pelo interior paraibano. O resultado é uma rede econômica que conecta o campo às cidades, ampliando os benefícios da festa para além dos grandes centros urbanos.

Os reflexos também alcançam a arrecadação pública. O aumento das vendas e da atividade econômica gera mais receitas para municípios e para o Estado, fortalecendo a capacidade de investimento em infraestrutura, qualificação profissional e promoção turística. Quando bem administrados, esses recursos contribuem para ampliar os benefícios gerados pela própria festa.

Entretanto, o principal desafio continua sendo transformar o sucesso sazonal em fortalecimento da economia permanente. Experiências bem-sucedidas mostram que grandes eventos podem servir como porta de entrada para a construção de uma marca turística forte e duradoura. Nesse aspecto, a Paraíba possui uma oportunidade estratégica de utilizar a visibilidade do São João para promover seus atrativos culturais, históricos, gastronômicos e naturais ao longo de todo o ano.

Mais do que movimentar a economia, o São João destaca o valor da identidade cultural como diferencial competitivo em um mercado cada vez mais voltado para experiências autênticas. Na Paraíba, a festa mostra que tradição e desenvolvimento podem caminhar juntos, preservando raízes, gerando oportunidades, fortalecendo a identidade coletiva e impulsionando o desenvolvimento regional.

EFEITOS NA INDÚSTRIA

CNI: frete sobe 16% com piso mínimo

Levantamento mostra que impacto é mais sentido pelas pequenas e médias empresas; setor defende livre negociação

Diego Abreu
Portal da Indústria

O tabelamento do frete continua provocando impactos relevantes sobre a competitividade da indústria brasileira. Sondagem realizada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) mostra que 94% das empresas industriais que contratam o serviço de transporte rodoviário de cargas identificam efeitos negativos sobre seus custos de frete.

A pesquisa também revela preocupação do setor com a Medida Provisória nº 1.343/2026, que ampliou os mecanismos de fiscalização e endureceu as penalidades para o descumprimento das tabelas fixadas pela Política Nacional de Pisos Mínimos do Transporte Rodoviário de Cargas (PNPM-TRC).

O levantamento aponta que 86% das empresas que utilizam o transporte rodoviário para escoar suas mercadorias contratam serviços de frete, seja de forma exclusiva ou combinada com frota própria. O resultado evidencia a abrangência dos

efeitos da política e das novas exigências regulatórias sobre o setor produtivo.

Para o diretor de Relações Institucionais da CNI, Roberto Muniz, os resultados reforçam a necessidade de aperfeiçoar o ambiente regulatório do transporte de cargas no país e preservar condições que favoreçam a competitividade da economia. “O gasto com transporte e logística é um dos principais componentes do Custo Brasil. Quando intervenções regulatórias limitam a livre negociação entre embarcadores e transportadores, toda a cadeia produtiva é impactada. Precisamos avançar para um ambiente regulatório que promova eficiência, segurança jurídica e previsibilidade para quem produz, investe e gera empregos no país”, afirma Muniz.

Segundo a sondagem, 64% das empresas classificam os impactos da política de pisos mínimos sobre os custos de transporte como altos ou muito altos. Entre as pequenas e médias empresas, a percepção é ainda mais intensa: cerca de sete em cada 10 avaliam que os

efeitos do tabelamento têm elevada magnitude.

Outro resultado que chama atenção é a avaliação da metodologia utilizada para definição dos pisos mínimos. Oito em cada 10 empresas consideram que as regras de cálculo adotadas pela Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT) estão parcial ou totalmente desalinhas da realidade operacional do transporte rodoviário de cargas.

“Os empresários apontam que a metodologia atualmente utilizada não consegue refletir, adequadamente, a diversidade das operações de transporte realizadas no país. Esse aspecto torna-se ainda mais relevante, uma vez que a tabela é referência para fiscalização e aplicação de sanções”, aponta a analista de infraestrutura da CNI, Paula Bogossian.

As empresas estimam ainda que a política elevou, em média, em 16,4% os custos do frete rodoviário em comparação a um cenário de livre negociação. Os impactos, contudo, não são homogêneos. A magnitude dos efeitos varia conforme o porte da empresa, a região do país e o setor produtivo.

Porte

Os impactos da política de pisos mínimos são mais severos para empresas de menor porte. Segundo a sondagem, as pequenas empresas estimam aumento médio de 19% nos custos de transporte em razão do tabelamento, enquanto as médias apontam elevação de 18%. Entre as grandes empresas, o percentual é de 14%. Além disso, cerca de sete em cada 10 empresas de pequeno e médio portes classificam os efeitos da po-



Indústrias localizadas no Nordeste sentiram pesar mais o aumento do transporte

lítica sobre o valor do frete como altos ou muito altos.

Região

A percepção dos impactos também varia entre as regiões do país. As empresas localizadas no Nordeste registram o maior aumento médio nos custos de transporte, de 20,3%, seguidas pelas do Norte, com 17,2%. Os resultados sugerem que características logísticas dessas regiões, como a maior dependência do transporte rodoviário e a relevância das operações de frete de retorno, ampliam os efeitos da política de pisos mínimos sobre os custos das empresas.

Segmentos

A sondagem mostra que os efeitos do tabelamento são mais expressivos em setores cuja logística representa parcela relevante dos custos de produção. Os maiores impactos foram observados nos segmentos de extração mineral e de produtos minerais não metálicos — que incluem fertilizantes, sal, gesso e cerâmica —, com aumento médio próximo de 23% nos custos de transporte. Também apresentaram elevação acima da média nacional setores como produtos alimentícios e máquinas e equipamentos, evidenciando que a política afeta de forma desigual as diferentes cadeias produtivas.

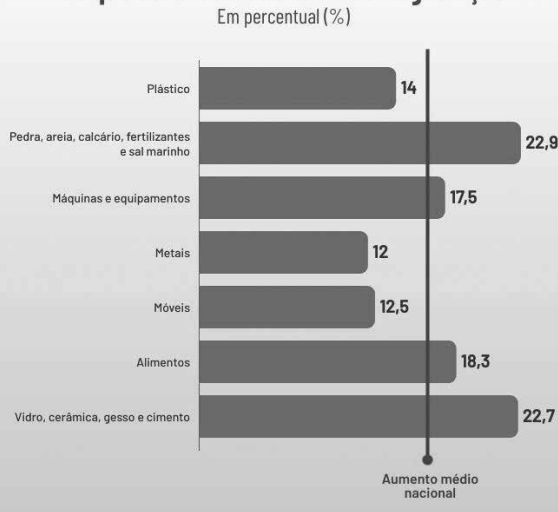
“

Quando intervenções regulatórias limitam a livre negociação entre embarcadores e transportadores, toda a cadeia produtiva é impactada

Roberto Muniz

Imagem: Divulgação/CNI

Percepção de setores produtivos selecionados em relação a quanto o piso mínimo de frete está acima do que seria cobrado em livre negociação



Gasto com logística é relevante nos setores mais afetados

MP amplia preocupações com custos e segurança jurídica

Além dos impactos já percebidos com a Política Nacional de Pisos Mínimos do Transporte Rodoviário de Cargas (PNPM-TRC), os empresários demonstram preocupação com os efeitos da MP nº 1.343/2026. A norma amplia os mecanismos de fiscalização do piso mínimo de frete, introduz novas obrigações regulatórias e endurece as sanções aplicáveis em caso de descumprimento das regras.

Entre as empresas industriais que têm conhecimento da medida provisória, a principal preocupação se dá com a elevação dos custos de transporte, apontada por 85% dos respondentes. Em seguida, aparecem a perda de competitividade (57%) e a insegurança jurídica (35%). Também foram mencionados riscos de comprometimento das operações, com atrasos ou interrupções (25%), e a desproporcionalidade das sanções previstas na norma (17%).

Paula Bogossian ressalta que a MP nº 1.343/2026 representa um endurecimento inadequado da política de pisos mínimos ao reforçar um modelo de tabelamento que já

produz impactos negativos para a competitividade da economia brasileira.

Segundo a analista, as preocupações manifestadas pelas empresas tornam-se ainda mais relevantes diante das fragilidades identificadas na metodologia utilizada para definição dos pisos mínimos.

“É inadequado ampliar o rigor do modelo sancionador sem que haja, previamente, uma revisão da metodologia que serve de base para a própria política de pisos mínimos. Quando as sanções passam a se apoiar em parâmetros considerados pouco aderentes à realidade das operações, aumenta-se o risco de insegurança jurídica, distorções econômicas e prejuízos para toda a cadeia produtiva”, destaca Paula.

Na semana passada, foi instalada a comissão mista para análise da medida provisória apresentada pelo governo. A perspectiva é de que o relatório seja protocolado em breve pelo deputado Zé Trovão (PL-SC), relator da matéria na comissão que analisa a proposta no Congresso Nacional. O parlamentar divulgou po-

tenciais modificações ao texto original, mas ainda não há parecer oficial.

Dentre as inovações em análise para incorporação ao texto da MP, está a criação de um piso salarial de R\$ 5 mil mensais ao motorista profissional que atuar em operações de longa distância, assim consideradas aquelas em que o

caminhoneiro ficar por período superior a 24 horas fora de sua base.

A mudança deve afetar não apenas as empresas que atuam com frota própria — sejam as indústrias ou as empresas de transporte —, como também aquelas empresas que terceirizam esse serviço, já que o setor tende a recompor esse cus-

to via reajuste do frete cobrado. Na prática, isso significa onerar ainda mais o transporte rodoviário das cargas industriais, refletindo diretamente sobre os custos ao consumidor final.

Assim, para além da própria política de pisos mínimos do frete, seria instituída uma remuneração mínima ao motorista empregado nas opera-

ções de longa distância. O frete mínimo obrigatório é, desde 2018, tema objeto da Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 5.964, de autoria da CNI, que questiona a constitucionalidade da Lei nº 13.703/2018, que instituiu a política de pisos mínimos do frete, bem como requer a suspensão da MP nº 1.343/2026.



86% das empresas que escoam mercadorias com transporte rodoviário contratam serviços de frete, aponta pesquisa

Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil

INTERCÂMBIO

Paraíba sem Fronteiras forma mais 25 estudantes

Concluintes bolsistas encerraram os estudos na última semana, no Reino Unido

Márcia Dementshuk
Especial Ascom Secties

Qual estudante de graduação poderia realizar o sonho de ter uma experiência acadêmica no exterior com todas as despesas pagas e voltar com formação qualificada e estratégica na bagagem? Essa oportunidade é uma realidade na Paraíba, como comprovam os 25 bolsistas que encerraram, na última semana, o período de estudos em uma universidade no Reino Unido. Eles foram contemplados no Programa Paraíba sem Fronteiras (PBsF), executado pela Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba (Secties-PB), em parceria com a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq-PB).

Para o secretário Claudio Furtado, "este é mais um momento importante para o Programa Paraíba sem Fronteiras. Estamos formando mais uma turma de 25 estudantes que tiveram a oportunidade de vivenciar uma experiência internacional e ampliar seus conhecimentos. Além do aprendizado acadêmico, o intercâmbio proporciona uma importante imersão cultural e contribui para a formação profissional desses jovens. Essa iniciativa reforça o compromisso do Governo do Estado com a qualificação dos estudantes e com o fortalecimento do Ensino Superior. Ficamos muito felizes em celebrar mais essa conquista".

A efusão de sentimentos como alegria e gratidão dos estudantes durante a cerimônia de formatura dos cursos ocorrida, no dia 21 de maio, na Inglaterra, era visível. Foi um momento singular no qual o secretário de Estado da Secties, Claudio Furtado, e o presidente da Fapesq-PB, Amílcar Queiroz, estiveram presentes. Um tempo de integração que reuniu ainda os professores da Warwickshire College and University Centre (WCUC) e integrantes da Education Together UK (ETUK), instituições parceiras do programa onde os paraibanos estudaram.

O evento marcou a conclusão das atividades acadêmicas dos estudantes contemplados pelo Edital nº 43/2025, voltado à formação e ao desenvolvimento científico e tecnológico no exterior. As bolsas foram concedidas na modalidade Graduação Sanduíche para Mobilidade In-

ternacional, destinada a estudantes de instituições públicas de Ensino Superior da Paraíba.

Durante o período na Inglaterra, os estudantes mergulharam na cultura das cidades de Coventry, onde eram as acomodações, e Leamington Spa, onde fica o campus da universidade, a cerca de 155 km de Londres. As disciplinas foram ministradas na língua do país, nas áreas de Business and Management (Administração e Negócios), Computer Networks and Cybersecurity (Redes de Computadores e Cibersegurança), Early Years Development and Education (Desenvolvimento e Educação na Primeira Infância) e Media Content Creation and Graphic Design with Photography (Criação de Conteúdo para Mídias e Design Gráfico com Fotografia).

"É difícil para mim encontrar palavras para descrever como eu estou me sentindo depois da cerimônia de hoje, mas, se eu tivesse que sintetizar usando uma palavra só, seria gratidão", resumiu Igor de Moura Mota (UFPB), formado em Early Years Development and Education.

A mesma expressão de apreço pelo programa "que fez acontecer essa experiência que muda vidas" está na fala de Brenna Flora Xavier Viana da UFPB, bolsista no curso de Media Content Creation and Graphic Design with Photography. Júlio César da Silva Alcântara da UFCG, que cursou Computer Networks and Cybersecurity, e Ana Flávia Santos Omena de Freitas da UFPB, de Business and Management, também declararam a "emoção muito grande ter esse esforço reconhecido e celebrado".

Os estudantes retornaram ao Brasil neste mês, a fim de dar continuidade às suas gra-

duações nas universidades de origem.

"Eu venho de uma realidade desfavorecida e eu reconheço que pessoas como eu só podem chegar ao ponto de estudar em outro continente graças a programas como Paraíba sem Fronteiras", revelou Igor de Moura Mota. O depoimento revela a importância do Programa Paraíba sem Fronteiras ao abrir oportunidades equânimes não apenas para enviar estudantes ao exterior, mas para utilizar a cooperação internacional como instrumento de desenvolvimento econômico, científico e social da Paraíba.

O PBsF nasceu em 2023 para transformar a internacionalização em uma política pública de desenvolvimento, conectando a Paraíba às redes globais de ciência, tecnologia, inovação, educação e negócios. Já foram lançados 18 editais, possibilitando que estudantes, pesquisadores, professores e empreendedores paraibanos tivessem acesso a centros de excelência no exterior e trouxessem esse conhecimento de volta para a Paraíba.

Considerando os investimentos de R\$ 41 milhões, segundo a coordenação do programa, esta política tornou-se uma das maiores iniciativas estaduais de internacionalização científica já implementadas no Nordeste brasileiro.

O Edital nº 43/2025, que contemplou os 25 bolsistas enviados ao Reino Unido, estabelece como contrapartida ao programa que cada participante deverá desenvolver um produto educacional baseado nos conhecimentos e experiências adquiridos durante o intercâmbio acadêmico. Os trabalhos serão apresentados durante o III Fórum de Internacionalização Paraíba sem Fronteiras (FIPBSF),

evento realizado anualmente.

A iniciativa integra as ações do Programa Paraíba sem Fronteiras, que, além da realização do fórum, prepara a publicação de um livro destacando seu papel essencial no fortalecimento da ciência, da tecnologia e da inovação.

A terceira edição do FIPBSF acontecerá de 26 a 28 de agosto de 2026, no Hotel Manaíra, em João Pessoa, onde também acontecerá o XXX Encontro Regional Nordeste da Faubai (Associação Brasileira de Educação Internacional). O evento reunirá instituições, especialistas e parceiros nacionais e internacionais em torno do fortalecimento da cooperação acadêmica e da internacionalização no Nordeste brasileiro.

Outra ação em andamento é a publicação do livro *Paraíba Sem Fronteiras: Educação Superior, Ciência e Conexões Globais* apresenta o avanço da internacionalização do Estado da Paraíba nos últimos anos. Está organizado em três partes. A primeira parte apresenta o Programa de Internacionalização da Paraíba, Paraíba sem Fronteiras, e seus três projetos vinculados. A segunda é dedicada à mobilidade acadêmica originada a partir do programa ao longo de 2024. Elaborados em diferentes formatos, como textos, vídeos e áudios, os conteúdos traduzem a diversidade de experiências vividas e ampliam o alcance do conhecimento gerado em outras regiões do globo, que poderia ser aplicado no estado. Por fim, a terceira parte reúne os relatos de professores(as) visitantes estrangeiros(as) e dos(as) pesquisadores(as) que os acolheram, evidenciando a troca de conhecimentos e experiências em suas áreas de pesquisa.

Política tornou-se uma das maiores iniciativas estaduais de internacionalização científica já implementadas no Nordeste brasileiro

Poeira Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

Aurora boreal: quando o Sol ilumina as noites escuras

Após a minha última coluna, na qual expliquei por que o céu é azul, surgiram alguns leitores me questionando se essa seria a mesma explicação para a aurora boreal, e a resposta é não.

Trata-se de um fenômeno físico e atmosférico fortemente influenciado pelo Sol. É curioso perceber que, embora esteja a cerca de 150 milhões de quilômetros da Terra, nossa estrela continua exercendo influência sobre fenômenos que podemos observar no dia a dia.

A aurora boreal é um espetáculo de luzes naturais que ocorre no céu noturno das regiões polares do Hemisfério Norte. Quando o mesmo fenômeno acontece no Hemisfério Sul, recebe o nome de "aurora austral". Sua origem está na interação entre partículas vindas do Sol e os gases da atmosfera terrestre.

Mas, antes de chegar a isso, é importante falar um pouco sobre a emissão solar.

O Sol é uma estrutura física extremamente complexa e ativa. Como grande produtor de energia, ele transforma hidrogênio em hélio por meio da fusão nuclear e, constantemente, emite fluxos de partículas carregadas, principalmente de elétrons e prótons. Esse fluxo é conhecido como "vento solar".

Ao atingir a Terra, essas partículas encontram o campo magnético terrestre. Como nosso planeta possui polos magnéticos, ele pode ser visto, em certo sentido, como um grande ímã. O campo magnético desvia as partículas do vento solar em direção aos polos.

Nas camadas superiores da atmosfera, essas partículas colidem com átomos de oxigênio e nitrogênio. Essas colisões transferem energia para os átomos, que passam para um estado excitado, isto é, um estado de energia mais elevado do que o normal. Ao retornarem ao estado original, liberam essa energia sob a forma de luz. É essa emissão luminosa que produz as auroras.

As cores observadas dependem do gás envolvido e da altitude em que ocorre a colisão. O verde, a tonalidade mais comum, é produzido pelo oxigênio em altitudes de até aproximadamente 240 quilômetros. O vermelho, mais raro, também está associado ao oxigênio, mas em altitudes mais elevadas. Já os tons azulados e violetas surgem principalmente da interação com moléculas de nitrogênio em regiões mais baixas da atmosfera.

Talvez isso lembre um pouco a discussão da coluna anterior sobre o céu azul. Mas são fenômenos diferentes. No céu azul, o que observamos é o resultado do espalhamento da luz solar pela atmosfera, que favorece os comprimentos de onda menores. Já na aurora, a luz é produzida pela própria emissão dos átomos excitados.

As auroras boreais são mais facilmente observadas em países próximos ao Círculo Polar Ártico, como Canadá, Alasca, Suécia, Noruega e Islândia. Sua atividade costuma ser mais intensa entre setembro e abril, correspondendo ao outono e ao inverno no Hemisfério Norte, quando as noites são mais longas e escuras.

O nome "aurora boreal" foi atribuído por Galileu Galilei. "Aurora" é uma referência à deusa romana do amanhecer, enquanto "boreal" faz alusão ao norte. De certa forma, a aurora representa um amanhecer nas noites escuras do inverno, justamente quando a duração das noites é maior.

Para os povos que habitavam as regiões do Norte, aquelas luzes coloridas traziam esperança. Eram a lembrança de que, mesmo durante as noites mais longas, a luz continuava presente, vinda de uma estrela localizada a milhões de quilômetros de distância.

Talvez exista aí uma bela metáfora. Podemos até estar distantes da fonte da luz, mas ainda assim somos capazes de enxergar no escuro.

Que a Força esteja com você.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba é professor e doutor em Física da UFPB.

Colunista colaborador



Incentivo é da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior

Fotos: Arquivo Warwickshire College and University Centre



Jovens foram beneficiados com auxílio financeiro na modalidade Graduação Sanduíche

Radar Ecológico

DIA DO ORQUIDÓFILO

Data celebra quem cultiva e admira as orquídeas

Além da beleza, são flores de cores e formas complexas, que despertam a paixão de colecionadores e são essenciais para o ecossistema

Camila Monteiro
mlabmonteiro@gmail.com

Mais do que flores ornamentais, as orquídeas movimentam colecionadores, associações e pesquisadores em todo o país. O Dia do Orquidófilo, celebrado amanhã, dia 22 de junho, destaca a diversidade e a importância ecológica de uma das famílias de plantas que mais possuem admiradores.

De acordo com o presidente da Associação Paraibana de Orquidófilos (APO), Jarbas Nobre, seu interesse pela planta começou aos 14 anos, quando, por meio da secretária de sua mãe, teve contato com uma espécie popularmente conhecida como “chuva-de-ouro”. Desde então, o encantamento só cresceu. “A diversidade das orquídeas é o que mais me impressiona, não só pelas cores, mas por estar presente em quase todo o planeta”, afirmou.

O Brasil abriga cerca de 2.600 espécies nativas de orquídeas, sendo um dos maiores centros de diversidade do mundo. Os gêneros mais famosos incluem as *Cattleyas* (catlêia) e as *Oncidiuns* (chuva-de-ouro). Ainda segundo Jarbas Nobre, na Paraíba são encontradas por volta de 100 espécies.

O cirurgião de cabeça e pescoço Humberto Brito é integrante da APO e, atualmente, cultiva cerca de 100 plantas. Ele compartilha com Jarbas o início do gosto pelas flores durante a infância. “Eu comecei a apreciar as orquídeas aos 10 anos de idade, herdando o mesmo gosto dos meus pais, que já as cultivavam desde a década de 70 e,



Brasil abriga cerca de 2.600 espécies nativas de orquídeas, sendo um dos maiores centros de diversidade do mundo

na minha infância, já tinham uma pequena coleção”.

Além da variedade de cores e formas, o desafio de cultivar e proporcionar as necessidades singulares de cada espécie é o que chama a atenção do orquidófilo. “Cada espécie tem suas particularidades que as tornam únicas. Algumas gostam de mais luz, outras menos; umas só vão bem se plantadas na terra e outras em casquinhas de árvores ou pedras; tem aquelas que adoram frio e outras não o suportam; umas gostam de ventilação e outras nem tanto; algumas precisam de muita umidade e outras gostam de ambientes mais secos”, detalhou.

Jarbas Nobre é proprietário do Orquidário Verdes Mares, que conta com 120 espécies da planta e cerca de 100 tipos de híbridos, totalizando aproximadamente 800 vasos. Para ser um orquidófilo, segundo ele, é preciso paciência e persistência, tendo em vista que o cultivo de orquídeas não é difícil, porém requer aprendizado constante.

De acordo com Humberto Brito, o primeiro passo é simples: gostar de plantas. Mas não para por aí. “É necessário estudar sobre os cuidados com as orquídeas

e, de preferência, participar de algumas associações

para adquirir conhecimentos mais específicos e ter sucesso no cultivo”.

APO

A Associação Paraibana de Orquidófilos (APO) foi criada em 1986 e vai completar 40 anos em seis de setembro. Segundo o atual presidente, é reconhecida como uma instituição de utilidade pública e surgiu da necessidade de os cultivadores trocarem experiências entre si. Humberto Brito já foi vice-presidente de outra associação no estado quando ainda estava na faculdade. Chegando à capital, passou a integrar a APO.

Grupos como esse são essenciais para que os associados possam entender mais sobre a espécie, pois, como as orquídeas possuem uma grande diversidade, seus cuidados precisam ser individuais. Nas associações são oferecidas palestras regulares, além de serem compartilhadas literaturas sobre o tema.

As reuniões da APO acontecem no primeiro e no terceiro



Colecionadores tratam suas flores com zelo e registram, em fotos, seu desenvolvimento



Humberto Brito, atualmente, cultiva cerca de 100 plantas

sábados de cada mês, na sede, que fica localizada no Jardim Botânico. “Nos encontros ocorrem palestras sobre o cultivo de espécies, pragas e doenças, além de mostras de plantas floridas dos sócios, trocas de exemplares e confraternizações”, pontuou Humberto.

Segundo o presidente, para fazer parte da associação, basta comparecer às reuniões. Os bate-papos sempre são focados nas reais necessidades dos integrantes. “Neste ano, a APO vai promover um curso sobre cultivo de orquídeas em apartamento”, pontuou.

Orquídeas

Taprobanea spathulata é uma das tantas opções de cores e formas de orquídeas disponíveis cultivadas pelos colecionadores

região, conhecida como “raíinha-do-nordeste”, a *Cattleya labiata* foi a primeira do gênero a ser descoberta no país. Com enorme variedade de cores, o seu cheiro também chama a atenção, existindo até perfumes baseados na sua essência.

Função ecológica

O fascínio pelas orquídeas não está apenas na beleza ou na raridade das flores. Essas plantas também desempenham papel importante na manutenção dos ecossistemas. As orquídeas, muitas vezes usadas para decoração, também são indicadores ambientais importantes. Por sua relação de proximidade com outras espécies, crescendo, muitas vezes, nos troncos de outras plantas e por suas necessidades específicas, elas são sensíveis a alterações no ambiente e podem indicar desequilíbrios ambientais naquele ecossistema.

Além de bioindicadoras, as orquídeas desempenham funções ecológicas essenciais, principalmente na relação com insetos. Servem como abrigo, protegendo espécies no emaranhado de suas raízes, além de oferecerem recursos como cera, pólen e néctar.

Conforme explicou Humberto Brito, um dos exemplos mais conhecidos ocorre na Floresta Amazônica. Orquídeas do gênero gongora crescem sob a copa das castanheiras e, por meio de relação mutualística, atraem as “abelhas-das-orquídeas”. Os machos dessa espécie são atraídos pelo odor específico das flores, coletam a fragrância e a utilizam para atrair as fêmeas para o acasalamento. Durante esse processo, aca-

bam sendo responsáveis pela polinização das flores da castanheira, garantindo a produção da castanha-do-pará, produto de grande importância econômica e alimentar.

De acordo com Jarbas Nobre, outras espécies também mantêm relações específicas com a fauna. As orquídeas do gênero *Catasetum* atraem abelhas solitárias. Já as do gênero *Habenaria* oferecem néctar para mariposas, que polinizam outras flores. A *Coryanthes* possui uma relação de mutualismo com as formigas: ela fornece açúcar pelas suas raízes, o que faz com que os insetos acabem construindo seus ninhos lá mesmo. Essa relação oferece alimento e abrigo para as formigas e proteção para as flores.

Em afloramentos rochosos, as epífitas, plantas que crescem sobre outras, exercem função ecológica essencial. Conhecidas como “engenheiras de ecossistemas”, elas retêm umidade e acumulam detritos, formando pequenas ilhas de solo sobre as rochas. Essas ilhas criam condições para que musgos, líquens e outras espécies se fixem e se desenvolvam em ambientes onde o solo é escasso. As epífitas também atuam no ciclo do carbono. Durante o crescimento, armazenam-no. Quando a árvore hospedeira tomba, a biomassa se decompõe e devolve nutrientes vitais ao solo, contribuindo para a fertilidade do ambiente.

Assim, por desempenharem essas inúmeras funções, as orquídeas possuem importância que vai muito além da estética; são ecologicamente relevantes para a manutenção da biodiversidade e do equilíbrio ambiental.

GRUPO H

Espanha busca a primeira vitória

Apontada como favorita, a Espanha apenas empatou com a Seleção de Cabo Verde, no jogo de abertura do Grupo H



Foto: Lavandeira Jr./EFE

Jogo entre espanhóis e sauditas, na cidade de Atlanta, a partir das 19h, será comandado pelo árbitro brasileiro Raphael Claus

Copa na TV

Hoje	Onde assistir			
13h	Espanha	x	Arábia Saudita	CazéTV
16h	Bélgica	x	Irã	CazéTV
19h	Uruguai	x	Cabo Verde	Globo - SporTV - CazéTV - SBT
22h	Nova Zelândia	x	Egito	Globo - SporTV - CazéTV

Da Redação



O domingo de Copa do Mundo começa com Espanha e Arábia Saudita, às 13h (horário de Brasília), em Atlanta. A partida da segunda rodada do Grupo H terá no comando do apito o árbitro brasileiro Raphael Claus. Com ampla experiência no futebol local e internacional, este é o segundo Mundial no qual Claus foi selecionado pela Fifa, ele também esteve no Catar, em 2022.

O brasileiro já apitou na Copa América de 2019 e na de 2021, bem como na final da edição de 2024 entre Argentina e Colômbia, disputada nos Estados Unidos. Também fez parte do quadro de árbitros designados pela Fifa para a Copa do Mundo Sub-20 de 2019. Esta será a primeira

vez que Raphael Claus comandará uma partida da Seleção Espanhola.

Na atual temporada, ele apitou 25 jogos, tendo uma média de 4,08 cartões amarelos por partida e mostrou sete cartões vermelhos, segundo dados do BeSoccer. Para o confronto desta tarde, Claus será auxiliado pelos também brasileiros Danilo Manis e Rodrigo Figueiredo. Os colombianos Andrés Rojas e Alexander Guzmán atuarão como quarto árbitro e árbitro assistente reserva, respectivamente.

A Espanha vem de um tropeço contra Cabo Verde e joga para conquistar sua primeira vitória na competição após empate na estreia. Reserva no jogo passado, Lamine Yamal tem grandes chances de iniciar o duelo contra a Arábia Saudita entre os titulares. Ainda pelo Grupo H, hoje tem Uruguai e Cabo Verde, em Miami, às 19h.

Regulamento da Copa

Já ocorreram 38 jogos da fase de grupos do Mundial, e algumas dúvidas sobre o regulamento ainda persistem na cabeça do torcedor. Diante disso, o jornal **A União** traz os principais pontos em que o torcedor precisa ficar de olho. Para avançar ao mata-mata, as seleções enfrentam cada um dos seus adversários de grupo uma vez, com três pontos atribuídos para uma vitória e um ponto para cada empate. As duas seleções com mais pontos em cada grupo passam para a fase de 16-avos de final, na qual se juntarão às oito melhores terceiras colocadas.

A fase de grupos tem os seguintes critérios de desempate: se duas ou mais seleções do mesmo grupo estiverem empatadas em pontos após a conclusão das três rodadas, a classificação é disposta tendo à frente quem somar o maior número de pontos; se houver igualdade no número de pontos, o con-

fronto direto entre as equipes define quem ficará melhor posicionado; além disso, outro critério é o maior número de gols marcados em todas as partidas do grupo entre as equipes envolvidas.

Caso não seja possível chegar a uma definição por meio desses procedimentos, os critérios abaixo serão aplicados às duas ou mais equipes que ainda estiverem empatadas em pontos: melhor saldo de gols em todas as partidas do grupo; maior número de gols marcados em todas as partidas do grupo; e pontuação de *fair play*, envolvendo jogadores e comissão técnica, levando em conta o número de cartões amarelos e vermelhos recebidos. Se, ainda assim, houver igualdade na classificação entre duas ou mais seleções, as equipes serão dispostas de acordo com a edição mais recente do Ranking Mundial Masculino da Fifa/Coca-Cola.

Os oito melhores países entre os terceiros colocados da fase de gru-

pos serão determinados da seguinte forma: maior número de pontos obtidos em todas as partidas do grupo; saldo de gols resultante de todas as partidas do grupo; maior número de gols marcados em todas as partidas do grupo; pontuação de *fair play*, envolvendo jogadores e comissão técnica, levando em conta o número de cartões amarelos e vermelhos recebidos; por fim, as duas ou mais seleções que ainda estiverem empatadas serão classificadas de acordo com a edição mais recente publicada do Ranking Mundial Masculino da Fifa/Coca-Cola.

A partir da fase 16-avos de final, a seleção que perder estará eliminada. Se houver igualdade no placar nos 90 minutos, ocorrerá uma prorrogação de mais 30 minutos, dividida em dois tempos de 15 minutos. Caso o empate persista, o vencedor será definido nas penalidades máximas.

INTERNET

Fifa elimina quase 400 mil publicações nocivas contra a Copa

Agência EFE

O Serviço de Proteção de Redes Sociais da Fifa, um sistema que monitora e elimina conteúdos abusivos na internet, revisou mais de 3,8 milhões de publicações, das quais cerca de 388 mil foram eliminadas por seu caráter nocivo, no âmbito da Copa do Mundo de 2026.

Essa cifra, alcançada no oitavo dia do torneio, supera os dados registrados durante toda a Copa do Mundo do Catar em 2022, afirmou a entidade, na última quinta-feira (18), em comunicado.

No total, desde a criação do sistema de vigilância nas redes implementado pela Fifa, foram revisadas mais de 250 milhões de publicações, das

quais mais de 30 milhões foram consideradas abusivas.

A Fifa, junto com o Tik-

Tok e a cidade de Atlanta (Estados Unidos), reuniu jogadores, formuladores de políticas, especialistas em tecnologia e líderes comunitários no Centro Nacional de Direitos Civis e

Humanos dessa subseção do Mundial por ocasião do Dia Internacional para o Combate ao Discurso de Ódio para debater soluções práticas diante desta problemática.

O fórum, realizado horas antes da partida da Copa do Mundo de 2026 entre República Tcheca e África do Sul no estádio de Atlanta, centrou-se em impulsionar ações concretas para erradicar a discriminação dentro e fora do esporte e destacou a necessidade de passar das campanhas de conscientização para intervenções eficazes contra o racismo e o abuso.

O ex-jogador e ex-presidente da Libéria, George Weah, alertou que o racismo continua sendo um problema persistente e sublinhou o papel

do futebol como ferramenta de unidade. Na mesma linha, a ex-jogadora da Seleção Nigeriana Mercy Akide defendeu o envolvimento de toda a comunidade na luta contra o discurso de ódio.

O debate abordou a evolução do discurso de ódio em ambientes digitais e físicos, bem como a identificação de medidas de alto impacto e a necessidade de traduzir compromissos institucionais em resultados mensuráveis.

O encontro faz parte da iniciativa global da Fifa contra o racismo, orientada a promover mudanças estruturais por meio da educação, da participação dos torcedores e do desenvolvimento de ferramentas para associações de todo o mundo.



Foto: Ronald Wittek/EFE

Discussão sobre conteúdos abusivos aconteceu antes do jogo entre República Tcheca e África

ARTILHARIA EM COPAS

Messi pode superar Klose amanhã

Ele joga contra a Áustria, em Dallas, pela 2ª rodada, e precisa de um gol para estabelecer novo recorde



Lionel Messi e a Copa do Mundo da Fifa têm uma história de amor de muitos anos, e o argentino segue escrevendo novos capítulos. Ele igualou a marca do alemão Klose em artilharia nas Copas, 16 gols, e pode ficar sozinho, amanhã; basta marcar contra a Áustria, em Dallas, pela segunda rodada da fase de grupos.

Mas tudo começou na Alemanha 2006, há 20 anos, quando uma forte Argentina acabou eliminada nas quartas de final diante dos anfitriões. No Catar 2022, a Pulga ajudou sua seleção a conquistar a terceira estrela e, de quebra, foi eleito como o melhor jogador do torneio. Na Copa do Mundo de 2026, Messi disputa sua sexta edição, uma marca que divide com o português Cristiano Ronaldo e o mexicano Guillermo Ochoa.

Logo na estreia, contra a Argélia, o camisa 10 marcou um *hat-trick* e chegou a 16 gols em Mundiais, um feito que o levou a empatar com o alemão Miroslav Klose como o maior artilheiro da história da competição. Existem muitas estatísticas que descrevem a relação de Messi com o maior torneio do mundo. Mas nada melhor do que admirar a magia que entrega em campo a cada jogo.

O seu primeiro gol aconteceu na fase de grupos da Copa da Alemanha, em 2006, na goleada por 6 a 0 sobre a Sérvia e Montenegro. Com apenas 18 anos (a poucos dias de completar 19), Messi entrou no segundo tempo da partida e selou a vitória argentina sobre a equipe dos balcãs, aproveitando um passe de Carlos Tévez.

Leo precisou esperar oito anos para voltar a marcar em uma Copa do Mundo. Aos quase 27 anos de idade, já consagrado como uma superestrela do futebol mundial e capitão da seleção, Messi recebeu a bola de Higuaín, livrou-se de vários bósnios e definiu com uma finalização precisa que desviou no poste antes de entrar, na vitória de 2 a 1 sobre a Bósnia e Herzegovina, na fase de grupos da Copa de 2014, no Brasil.

No mesmo torneio, ainda na fase de grupos, a seleção do Irã contou com um desempenho defensivo impressionante durante quase todo o confronto. Porém, mesmo com todas as dificuldades, a Argentina contou



Messi comemora um dos seus três gols marcados contra a Argélia no jogo de abertura do selecionado argentino na última terça-feira (16), em Kansas City

com a classe de Messi para registrar mais uma vitória em solo brasileiro.

Messi ajudou a garantir os 100% de aproveitamento na fase de grupos diante da Nigéria, na terceira rodada. Di María protagonizou o lance que terminou com um disparo no poste, que Leo aproveitou para abrir o placar. Os africanos chegaram a empatar a partida, mas, pouco depois, Messi voltou a colocar a Argentina em vantagem ao cobrar uma falta com perfeição, sem chances para o goleiro adversário.

Novamente a Argentina voltou a enfrentar a Nigéria na fase de grupos, agora na Copa de 2018, na Rússia. Um grande passe de Éver Banega deixou Messi em condições para marcar seu primeiro e único gol no Mundial

da Rússia, em 2018. Ele dominou a bola com categoria e, de perna direita, marcou o primeiro gol na vitória de 2 a 1.

Quatro anos depois, no Catar, mais gols do argentino, na fase de grupos contra a Arábia Saudita. A Copa começou rápida para a Argentina: aos 10 minutos do jogo de estreia, o árbitro anotou um pênalti sobre Leandro Paredes, que Messi executou com perfeição. Os sauditas venceriam a partida de virada, mas os argentinos conseguiram dar a resposta ao longo da competição.

A recuperação da Argentina veio no jogo seguinte, contra o México, vitória por 2 a 0. Di María achou Messi centralizado, à frente da área, e ele não titubeou: ajeitou para sua perna esquerda e

chutou com força, rasteiro, para colocar a Argentina em vantagem.

Veio as oitavas de final, confronto contra a Austrália e mais um gol de Messi. Uma bela troca de passes da Seleção Argentina terminou na bola escorada por Otamendi e uma boa finalização de Lionel, que, mais uma vez, inaugurava o marcador no Catar.

Nas quartas de final, novamente o craque desequilibrou no tempo regulamentar, com o empate de 2 a 2 diante da Holanda, vencido nos pênaltis por 4 a 3. Depois da assistência para Nahuel Molina no primeiro gol, Messi colocou 2 a 0 no placar com uma cobrança de pênalti sofrido por Marcos Acuña.

Na semifinal, o adversário foi a Croácia, que não resistiu e foi derrotada por 3 a 0. Julián Álvarez foi derrubado na área pelo goleiro Livakovic, e Messi mais uma vez estava lá para finalizar com frieza da marca da cal.

No jogo final, o confronto dos mais esperados: contra a França. Messi novamente voltou a brilhar, colocando a Argentina em vantagem ao converter um pênalti (cometido por Dembélé sobre Di María). O jogo no tempo normal terminou em 3 a 3 e foi para a prorrogação, quando Messi pegou o rebote deixado por Hugo Lloris — após chute de Lautaro Martínez — e marcou mais uma vez, dando sobrevida a uma Argentina que acabaria sendo

campeã do mundo na disputa por pênaltis.

Na última terça-feira (16), o camisa 10 argentino igualou o recorde de Klose em grande estilo: marcou um *hat-trick* na Copa do Mundo pela primeira vez em sua carreira e tornou-se o maior artilheiro do Mundial, com 16 gols, ao lado do alemão.

Em sua sexta edição do torneio, contra a Argélia, Messi primeiro recebeu um passe rápido de Rodrigo De Paul, girou e fez o que melhor sabe fa-

zer: acelerou para logo disparar um chute espetacular, sem chances para o goleiro Luca Zidane (filho do lendário Zinedine Zidane). O segundo gol foi fruto de um rebote. Mac Allister finalizou, o arqueiro argelino não conseguiu segurar, e o capitão argentino aumentou a vantagem. Por fim, Messi recebeu um passe de Nicolás González, driblou um adversário e chutou de fora da área para acertar o cantinho e fechar o placar da vitória na estreia de 2026.

Você Sabia?

■ Ao acertar o belo chute da entrada da área aos 16 minutos, Lionel Messi chegou ao seu quinto gol de fora da área em Copas do Mundo, igualando a marca histórica do craque brasileiro Rivelino. Messi marcou seu primeiro gol em Copa do Mundo há 20 anos, no dia 16 de junho de 2006, na goleada da Argentina por 6 a 0 sobre a Sérvia e Montenegro, na Alemanha.

■ Antes deste jogo, Argentina e Argélia só haviam se enfrentado uma única vez na história, em um amistoso em junho de 2007 que terminou em um movimentado 4 a 3 para os sul-americanos. O detalhe é que um jovem Messi, então com apenas 19 anos, marcou dois gols naquela partida.

■ A Argentina finalmente quebrou um tabu histórico de troçoços em estreias como atual campeã. Nas duas vezes anteriores em que defendeu o título do torneio, a seleção havia perdido o jogo de abertura: 1 a 0 para a Bélgica em 1982 e 1 a 0 para Camarões em 1990.

■ A Argélia voltou a disputar o Mundial após 12 anos de ausência. Do elenco atual que viajou para os Estados Unidos, apenas o trio Nabil Bentaleb, Riyad Mahrez e Aïssa Mandi já tinha a experiência de ter jogado uma Copa na carreira, todos na histórica campanha de 2014, no Brasil.



O meia Lionel Messi, sempre bem marcado, mostra muita vitalidade aos 38 anos de idade

BRASILEIRO SÉRIE D

Paraibanos começam o mata-mata

Treze faz o jogo de ida contra a Jacuipense, em Feira de Santana; Serra Branca recebe a Juazeirense, no Amigão

Danrley Pascoal
 danrley.p@gmail.com

O Treze enfrenta a Jacuipense, hoje, às 16h, na Arena Cajueiro, em Feira de Santana (BA). O duelo é válido pela segunda fase da Série D do Campeonato Brasileiro. O Galo terminou a primeira fase na liderança do Grupo A9, enquanto os baianos foram o quarto colocado do Grupo A10. As equipes fazem apenas o terceiro jogo em toda história. Quem avançar vai jogar contra Crac-GO ou Tombense-MG. O duelo de volta acontece no próximo domingo (28), às 17h, no Estádio Amigão.

Na primeira fase, o clube de Campina Grande somou 17 pontos, alcançando uma campanha de cinco vitórias, dois empates e três derrotas. Para a sequência da Série D, o Treze trouxe alguns reforços, são novidades na equipe o lateral-direito Wendel Lessa, 24 anos, e o atacante Vini Ribeiro, 24 anos. O time de Adriano Souza vem de duas derrotas e entra no mata-mata pressionado.

“O Treze terminou a primeira fase líder do grupo, entre os 18 melhores ataques da competição [18 gols]. Acho que essa oscilação que ocorreu nos três últimos jogos faz parte de um processo de uma equipe que se classificou antecipadamente. É importante ressaltar que a última vez que nós tivemos todo o elenco disponível para um jogo foi contra o Sergipe. Naquele momento, nós garantimos a classificação. E a partir dali, a gente começou a fazer observações visando o mata-mata”, destacou o treinador, em coletiva, após resultado recente.

A Jacuipense chega para a partida contra o Galo vivendo uma boa sequência, tendo cinco jogos de invencibilidade na competição, não perde desde o dia 3 de maio. A última derrota aconteceu na quinta rodada da primeira fase, quando foi derrotado pelo CSE-AL por 3 a 2, fora de casa. Desde então, foram duas vitórias e três empates. No geral, a Jacuipense somou 13 pontos, acumulando três triunfos, quatro empates e três derrotas. Em 2026, o time foi semifinalista do Campeonato Baiano e chegou à quinta fase da Copa do Brasil, sendo eliminado pelo Palmeiras.

Adriano Souza falou sobre as expectativas para a partida de hoje. Neste primeiro confronto, o Treze terá

outro adversário além da equipe baiana. A Arena Cajueiro possui gramado sintético. O técnico galista comentou sobre o cenário que sua equipe vai encontrar.

“A Jacuipense é uma equipe que também está fazendo algumas mudanças de elenco. A gente assistiu alguns jogos deles. Sobre a questão do gramado sintético, nós também pensamos nisso. Pela logística, nós treinamos em gramado sintético para nos adaptarmos o máximo possível e para estarmos o mais pronto possível para uma partida que é decisiva”, ressaltou.

“Acho que é importante a gente dizer isso. São dois jogos, mas muitas vezes o que acontece no primeiro jogo direciona o que vai ser o segundo. Então, a gente vai encarar esse primeiro jogo como uma final, e depois nós pensamos no outro jogo”, completou.

Retrospecto

As duas equipes já se enfrentaram em duas oportunidades, ambas em 2020, pela Série C do Campeonato Brasileiro. Houve em 0 a 0 e por 3 a 2 para a Jacuipense. Naquele ano, o Galo da Borborema participaria pela última vez da Série C, desde então tem amargado campanhas ruins e quase acessos na Quarta Divisão.

Serra Branca

O Carcará recebe a Juazeirense, hoje, às 16h30, no Amigão, em Campina Grande. Será o primeiro mata-mata da história do Serra Branca na Série D. Para continuar avançando e sonhando com

o acesso, a equipe vai apostar no sistema defensivo montado por Gerson Gusmão. Dentro do Grupo A9, sofreu apenas sete gols. O segundo time que menos foi vazado tomou 13 gols. O jogo de volta será no domingo (28), às 15h30, no Estádio Adauto Moraes, em Juazeiro (BA).

O Serra Branca terminou a primeira fase na terceira posição da sua chave. Depois de 10 rodadas, somou 15 pontos, tendo três vitórias, seis empates e uma derrota. Para chegar forte na segunda fase, anunciou alguns reforços, foi confirmada a contratação do atacante Tome Montefiori, 23 anos, e do lateral-esquerdo Bruno Dip, 28 anos. Será a primeira vez que os paraibanos e os baianos vão se enfrentar.

Sistema de disputa

A partir da segunda fase, em caso de igualdade no placar agregado após os dois jogos, a definição da vaga acontecerá em cobranças de pênaltis. Com as mudanças no calendário, em 2026, seis equipes vão conquistar o acesso à Série C de 2027. O mata-mata inicia com 32 confrontos. Os 32 classificados para a terceira fase estarão garantidos na Série D do ano seguinte (excluídos os que garantem acesso à Série C). Os quatro eliminados nas quartas de final jogam *play-offs* por duas vagas na Série C.



Foto: Daniel Vieira/Treze

Atividade dos jogadores do Galo antes de enfrentar a Jacuipense, em Feira de Santana



Foto: Reprodução/Instagram @serrabranca.ec

Jogadores do Serra Branca treinando para a decisão

Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

Feito menino

Em uma das colunas anteriores eu já previ que Messi chegaria por aqui em algum momento. Entraria em campo nestes meus escritos, afinal, essa deve ser a última Copa do Mundo do maior jogador dos meus tempos. Eu, aliás, achei quealaria pela primeira vez dele nesta coluna — certamente haverá outras vezes — para escrever também sobre o tempo. Sobre o fim. Talvez esse tempo chegue. Ele sempre chega.

Mas, é que Messi é também começo e meio. E meia. E atacante. A versão atual de Messi é justamente a mais amalgamada das duas coisas. O que deixa ele, para mim, mesmo sem aquela explosão física que, dentro do seu jogar, era também bonito de acompanhar, um jogador ainda extremamente agradável de ver. Sem contar que segue ainda sendo completamente funcional para o jogo e para o seu time.

Havia uma certa dúvida em muita gente, da imprensa, da torcida, sobre a sua condição de jogo para esta Copa do Mundo. O que Messi iria oferecer? Não havia certeza. Só dúvidas. O que já era um certo acinte, para mim. Era bem evidente a ausência de piano nas costas do maestro para o torneio deste ano. Não tinha como achar que seria diferente, após anos de uma relação complicada com o seu povo e a sua seleção, com anos e campeonatos de fracasso. Tudo isso encerrado com um título épico da Copa do Mundo do Catar, sendo, de fato, o melhor jogador do torneio e da campanha do tricampeonato mundial argentino. A volta por cima foi das mais épicas.

Messi tratou de mostrar que segue sendo implacável, efetivo e belo logo cedo. Na estreia da equipe argentina diante da Argélia, Messi foi o grande nome do time de Scaloni, no início da semana. Deu piques pontuais para ajudar na marcação, correu algumas vezes para construir jogadas para os seus companheiros.

Tudo isso intercalando com momentos de silêncio futebolístico, andando em campo em grande parte do tempo, sem oferecer intensidade. Descansando para o momento certo. E o momento certo chega. Feito um raio, arma e marca. Três vezes. No mesmo dia em que o norueguês Haaland marcou duas vezes e que o francês Mbappé fez o mesmo pela França. É o “Eu estou aqui” de Cristiano Ronaldo sem mexer os lábios. Apenas os neurônios e pernas.

Assumiu a artilharia ao fim da primeira rodada com três gols, emocionando seu treinador, que sofre a cada jogo, sabendo que seu craque e amigo está perto de se despedir do meio. Emocionando a todos que amam ver um futebol no ápice de seu requinte. Mas, vamos deixar para falar do fim mais para o fim.

Messi em campo, atuando bem, alegre, sem pressão e feliz, com uma ruma de companheiros que range os dentes quando preciso, entram forte, ganham duelos físicos, fazem faltas duras para deixar Messi abrir um sorriso, para que todos riçam por último, tem parecido um menino. Os defensores são maiores e mais fortes cada vez mais. E Messi é o baixinho de sempre, franzino, ainda que muito forte, mesmo que cada vez menos, em meio às fortalezas que tentam, quase sempre em vão, parar o camisa 10 tamanho P.

Messi a cada partida me faz menino de novo. Viro criança novamente a cada 90 minutos, torcendo pelo ídolo, menor do que os rivais. O herói Davi que sempre vence. Ora um duelo ou outro, com um drible desconcertante e inalcançável para o Golias da vez. Ora tudo que vem pela frente, até o fim e a final. Até a taça. E ele já mostrou que quer a segunda dele da Copa. O argentino hoje dialoga muito com o fim. Descuido de Deus que mães e Messi não sejam para sempre. Mas ele também conversa com o passado. Messi é a mesma criança de sempre em busca de transpor os mais altos. Os mais altos rivais e os mais altos sonhos. Sozinho, no meu quarto, também volto ao passado, rindo feito menino com as vitórias em cada jogada do pequeno jogador argentino. Gritando, chorando. Criando as histórias que vejo se transformando em realidade dentro do tapete verde pelo artista da bola. Que bom ter Messi no mundo e na Copa.



Acho que é importante a gente dizer isso. São dois jogos, mas muitas vezes o que acontece no primeiro direciona para o segundo

Adriano Souza



Lukaku entrou no decorrer da partida e foi fundamental para o time belga conseguir o empate contra o Egito

GRUPO G

Lukaku é a aposta da Bélgica contra o Irã

Depois do empate contra o Egito, selecionado belga busca a 1ª vitória em busca da classificação ao mata-mata



Depois de empatar com o Egito, no jogo de estreia, a Bélgica enfrenta o Irã, hoje, a partir das 16h (horário de Brasília), partida válida pelo Grupo G que está bastante equilibrado, depois de dois empates na abertura. Bélgica e Irã vão jogar em Los Angeles e novamente todas as atenções do selecionado belga estão centradas no veterano Romelu Lukaku, jogador importante que entrou no decorrer da partida de estreia e participou do gol contra os egípcios.

Romelu Lukaku é conhecido pelo seu sorriso, mas a última temporada o testou como nunca antes. Uma lesão na pré-temporada, contra o Napoli, deixou-o afastado dos gramados por meses, e a morte de seu pai tornou esse período difícil ainda mais complicado. Quando marcou seu único gol da tem-

porada pelo Napoli contra o Hellas Verona, no final de fevereiro, as lágrimas que se seguiram revelaram muito sobre as emoções que ele carregava há meses. No entanto, aquele gol proporcionou apenas um alívio temporário, já que ele não conseguiu se firmar como titular e terminou a temporada com apenas 64 minutos em campo por seu time.

Acreditava-se amplamente que isso estava longe de ser suficiente para esperar que ele estivesse no seu melhor rumo a uma Copa do Mundo da Fifa. No entanto, Rudi Garcia não tinha intenção de deixá-lo para trás. As qualidades de Lukaku vão muito além de sua habilidade técnica, e o técnico da Bélgica sabe disso melhor do que ninguém. Seu gol em um amistoso contra a Croácia, marcado apesar de ter estado em campo por apenas alguns minutos, ofereceu sinais encorajadores antes da viagem à América do Norte.

Dois dias antes da estreia da Bélgica nesta Copa do Mundo, Kevin De Bruyne destacou que Lukaku tinha talento suficiente para mudar um jogo em poucos minutos. E foi exatamente o que aconteceu na partida de estreia da sua seleção contra o Egito. Aos 25 minutos do segundo tempo, com a Bélgica perdendo por 1 a 0 e em dificuldades, Lukaku entrou em campo. Apenas 20 segundos depois, ele aproveitou um cruzamento de Thomas Meunier pela direita e obrigou o zagueiro Mohamed Hany a marcar contra.

“Ele ainda não está pronto para começar uma partida”, disse Garcia após o empate por 1 a 1. “Nem esperávamos tê-lo conosco neste torneio. Sessenta e quatro minutos ao longo de toda uma temporada não são a preparação ideal para uma Copa do Mundo. É fantástico tê-lo de volta, mas seu corpo ainda precisa se adaptar às exigências da competição”.

“Ele poderia até ter marcado dois gols com aquela cabeçada, mas estou muito feliz por ele, e todo o elenco se sente da mesma forma. Lukaku é extremamente importante para nós”.

Vários companheiros de equipe de Lukaku reconheceram prontamente o impacto do icônico atacante. “Não estivemos no nosso melhor no primeiro tempo, mas encontramos diferentes maneiras de atacá-los depois do intervalo. Mesmo que tenha sido um gol contra, a presença de Romelu foi vital. Sabemos o quão perigoso ele pode ser para a defesa adversária. Se olharmos para as outras partidas desta Copa do Mundo, porém, nada pode ser dado como certo e nenhum jogo é fácil”, disse Kevin De Bruyne após a partida, ressaltando o valor do ponto conquistado.

Thibaut Courtois também falou sobre Lukaku ao discutir a força da Seleção Belga. “Sabemos o quão

bom Romelu é. O treinador costuma nos dizer que jogadores que entram no segundo tempo também podem fazer a diferença, não apenas aqueles que começam a partida, e foi exatamente isso que ele e os outros reservas fizeram”.

“Romelu ainda precisa recuperar a forma física ideal, o que é normal depois de uma temporada tão difícil. Mas sabemos que ele é fundamental para esta equipe”, declarou o capitão Youri Tielemans.

Só Lukaku sabe o que lhe passou pela cabeça depois de ajudar a Bélgica a empatar o jogo, mas talvez tenha pensado naqueles meses difíceis e finalmente os tenha deixado para trás. Ele certamente pode se consolar por demonstrar mais uma vez a sua importância para a Seleção Belga.

Na outra partida do grupo, Nova Zelândia e Egito jogam no Vancouver Place, no Canadá, a partir das 22h (horário de Brasília).

ECONOMIA

Bares e restaurantes terão faturamento recorde no Mundial

Daniela Amorim
Agência Estado

O setor de bares e restaurantes no Brasil deve faturar um montante recorde de R\$ 2,42 bilhões durante a Copa do Mundo de futebol realizada neste ano no México, Estados Unidos e Canadá. Se confirmado, o desempenho será 15,7% superior ao registrado na edição anterior do Mundial, de 2022, segundo cálculos da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC).

Segundo a entidade, a realização dos jogos do time brasileiro na primeira fase do torneio durante a noite — sábado (13), sexta (19) e quarta-feira (24) — favorece que os torcedores assistam ao campeonato fora de casa, ao contrário de edições anteriores, quando os jogos se deram pela manhã ou à tarde. Porém, houve impulso também da melhoria no emprego e na renda.

“Além da recuperação da renda em comparação ao pós-pandemia de 2022 e do mercado de tra-

balho aquecido, o calendário desta edição joga a favor do comércio. Os três primeiros jogos da Seleção Brasileira ocorrem fora do horário comercial — dois já aconteceram —, o que torna cada noite uma oportunidade para quem estiver disposto a receber a empolgação do torcedor em seu estabelecimento. Do mesmo modo que o Natal para o comércio e o Carnaval para o turismo, a Copa do Mundo dá a chance, a cada quatro anos, de o empresário se planejar e aproveitar a movimentação

extra”, declarou o presidente do Sistema CNC-Sesc-Senac, José Roberto Tadros, em nota oficial.

A CNC lembra que há um impacto sazonal no setor em períodos de realização da Copa do Mundo. O volume de receitas dos estabelecimentos cresce, em média, 5,4% a mais no bimestre junho e julho em relação a períodos equivalentes sem torneio. Há tanto um aumento no movimento quanto elevação do tíquete médio gasto pelo consumidor.

“Um eventual bom desempenho da Seleção Brasileira é um motor interessante para a economia local. À medida que o Brasil avança nas fases do Mundial, a tendência é de um aumento proporcional na movimentação de clientes, consolidando o setor de alimentação fora do domicílio como um dos grandes pilares de injeção de recursos no varejo durante o evento”, apontou o economista-chefe da CNC, Fabio Bentes, na nota.

Almanaque

Gonzaga Rodrigues: uma vida bem escrita

Celebrando 93 anos na ativa, o cronista com mais de sete décadas no batente observa sua matéria-prima: o mundo ao redor

José Nunes
Especial para A União

Quando o jornalista Gonzaga Rodrigues comemora 93 anos, hoje, é justo que se faça homenagem a este que José Américo de Almeida (1887-1980), econômico em elogios, ressaltava como sendo um cronista que era da Paraíba porque não quis ser do Brasil, preferindo ficar na terra onde nasceu.

Escritor de reconhecida elegância na criação literária no gênero da crônica, Gonzaga produziu textos de beleza literária e inspiração poética.

O salário do escritor é o reconhecimento do leitor ou a íntima relação com sua arte, quando sente o alimento que nutre os momentos supremos da criação do livro, vindo a obra ganhar corpo, circulando entre as pessoas e colocado nas bibliotecas. Outro gesto não há para superar a alegria do ato de escrever.

Esse reconhecimento do leitor possibilita a Gonzaga manifestar gratidão, revelando quanto isso eleva sua autoestima para continuar escrevendo. Ganhar um leitor é o maior salário do escritor.

Como certa vez afirmou Marcel Proust (1871-1922), “o que as leituras da infância deixam em nós é a imagem dos lugares e dos dias em que as fizemos”. Toda a literatura de Gonzaga está enraizada na sua infância, entre o engenho onde nasceu e as ruas de Alagoa Nova, no Brejo paraibano.

A paixão pelo livro vem da infância solitária, consolidando-se quando ele encontrou agasalho na Casa do Estudante e depois na redação de *O Norte*, nos primeiros anos da década de 1950, em João Pessoa. “Nos momentos difíceis que atravessei, quando estava vazio de dinheiro e de amor, eu encontrava uma compensação na leitura. Até hoje, isso funciona. Eu posso estar no pior momento, pego um livro e viajo com ele”, afirmou Gonzaga Rodrigues.

Ele é a própria Paraíba

O cronista foi gerado no barro vermelho de Alagoa Nova, que produz boa cana, a terra que anda com ele e para a qual produziu louvações. Afeiçãoado às paisagens dos canaviais do Brejo, foi modelado com boas maneiras familiares e conheceu a bondade revelada à sombra salutar do que restou dos engenhos de rapadura e de açúcar.

Desde muito tempo, Gonzaga anda feito um pastor com os olhos no chão, primeiro na terra onde nasceu, depois na passagem por Campina Grande durante a juventude e, a partir de 1950, em João Pessoa, cidade da qual ele conhece as ruas e o passado.

Como a repetir a frase do salmista “guardarei as vossas leis; não me abandoneis jamais”, nunca se ocultou de defender a cidade, desde a ventura inicial dos que aportaram nas terras à beira do Sanhauá, numa profissão de amor à terra do valente e saliente Índio Piragibe.

Pode se dizer que, depois de mais de sete décadas de convivência com o jornalismo, escrevendo crônicas e textos abordando os mais diferentes assuntos, Gonzaga tem uma vida bem escrita.

Mesmo arredo às louvações pertinentes a quem chega ao estágio de festejado cronista, Gonzaga transformou-se numa referência no jornalismo paraibano. Homem dedicado às letras, leitor seletivo.

De todas as definições que se possa cunhar, a que mais representa o perfil de Gonzaga é dizer que ele é a própria Paraíba, porque vive e sente a sua gente.

Como paga por tudo o que fez pela cidade, em termos de divulgação e louvação de suas riquezas culturais, patrimoniais e ecológicas, é identificado na rua pelo que sempre gostou de fazer: crônicas.

Escrever crônica é uma arte, e essa arte Gonzaga sabe exercer. A escolha dos assuntos é fundamental para o escritor, e um exemplo é Machado de Assis (1839-1908), cujas crônicas, mais de um século depois, continuam atuais.

Nas feiras livres

Gonzaga Rodrigues mantém hábitos desde o tempo da juventude, porque não os abandona em hipótese alguma. Sempre teve suas manias quando vai escrever suas crônicas, que costumava dizer “minhas besteirinhas”. Recolhido à sala, em silêncio, a garrafa com café e o cigarro eram companheiros inseparáveis, que deixou de consumir.

Um exemplo desses hábitos é frequentar feiras livres. Um gesto que mantém ainda hoje, indo do Mercado Central ao Bairro dos Estados, passando por Jaguaribe, depois pela Torre e por Oitizeiro. São locais que se tornaram pontos para a conversa descontraída e o exercício de memória. Enfim, os principais mercados públicos são ambientes que gosta de

frequentar.

A Feira da Torre é familiar. Nesse bairro morou com sua mãe, dona Antonina, nos anos de 1950. Nesse local, reencontra velhos feirantes, visita o amigo Crisaldo que, há anos, trabalha na encadernação de livros.

Outro local de feira em que Gonzaga se tornou familiar foi em Oitizeiro, local que visita desde os anos de 1970, quando Dorgival Terceiro Neto, então prefeito da capital, construiu o mercado público. Naquele espaço, como íntimo, ele anda com desenvoltura, conversando com os feirantes. Certa vez, passando entre as barracas de bugangas, encontrou uma banca onde são comercializados livros antigos. Encontrando obras literárias raras, mesmo conhecidas, folheava, lia uma página e outra, e comprava para aprofundar a leitura ou simplesmente por causa de um prefácio que chamava a atenção.

O jogo de sinuca também é uma mania que repete, quando possível, a exemplo do que fez quando de sua última visita a Alagoa Nova. Outra mania de Gonzaga é a fezinha na loteria que, periodicamente, marca os mesmos números, “há muitos anos”.

Em casa, revela, seu costume de décadas: preparar o café bem cedo, antes que a família acorde. “Eu preparo o melhor café que se possa tomar”, afirmou. Com as mãos, repetindo os gestos de misturar e coar o pó, ele mostra o processo de preparo do café na chaleira. Outro hábito matinal: consome com voracidade laranja, sem desperdiçar o bagaço, e aprecia vitamina de abacate.

Mas não se resume ao café em casa, ainda hoje mantém o



Fotos: Antonio David/Arquivo pessoal



Gonzaga não abre mão de frequentar as feiras livres para apreciar a natureza e uma “branquinha”, além de garimpar livros antigos

hábito de frequentar os cafés do Shopping Sebrae o que, em tempos remotos, fazia em *shopping* no Centro da cidade.

Outro gosto dele é almoçar carne de bode guisada ou carne de sol com feijão-de-corda verde. Apreciador de cachaça, “desa branquinha” que tem o cheiro da rapadura e, esporadicamente, gosta de biritar, apesar do vinho ser seu companheiro.

Camaradagem

Passar pela cidade antiga, revendo antigos prédios e pontos comerciais é um gesto que mantém com frequência, antes fazia a pé, mas com a idade avançada, passeia de

carro com os filhos.

Certa vez, Gonzaga ligou para o filho, Paulo Emmanuel: “Vamos ali a Campina comigo. Você vai rir quando souber o propósito da viagem”. Ao chegar à Feira Central da Rainha da Borborema, Gonzaga compra 2 kg do queijo coalho Boa Vista e dispara: “Era só isto o que eu queria fazer aqui. Vamos almoçar na Carne de Sol de Manoel e depois retornamos a João Pessoa”. Na volta, Gonzaga não traz na bagagem apenas o queijo: essas viagens sempre lhe rendem saborosíssimas crônicas que só ele sabe escrever.

O outro filho, Fabiano, estando no Rio de Janeiro para fazer residência médica, costumava telefonar a Gonzaga, perguntando qual o remédio novo que surgia para curar a coriza. O escritor gosta de ir ao médico quando sente qualquer incômodo.

Gonzaga Rodrigues é um homem das amizades, sem carregar mágoas de ninguém. Manter a camaradagem é uma virtude, sempre apegado aos amigos. Quando algum está em dificuldades, busca ajudar de alguma maneira. Ele tem um apego pelas duas instituições às quais pertence e foi presidente: Associação Paraibana de Imprensa (API) e a Academia Paraibana de Letras (APL).

Entre uma crônica e outra, o jogo de sinuca também é uma mania que repete, quando possível



POKÉMON GO

Jogadores contribuíram para um sistema militar

Aplicativo foi usado para o desenvolvimento de modelo de posicionamento

Agência Estado e Europa Press

Os jogadores de Pokémon Go contribuíram, sem saber, para o desenvolvimento de um sistema de posicionamento que, entre outros fins, foi aplicado ao uso de *drones* militares e que se baseia na tecnologia de posicionamento visual da Niantic Spatial.

A Niantic Spatial assinou um acordo, em dezembro de 2025, com a empresa de inteligência espacial Vantor (que possui vários contratos com o governo dos Estados Unidos) para desenvolver um sistema de posicionamento que poderia ajudar veículos terrestres e *drones* a se deslocarem em ambientes onde o GPS não funciona.

Por meio desse acordo, a Vantor teve acesso a um modelo geoespacial em grande escala (um mapa digital tridimensional do mundo real) da Niantic Spatial, no qual a empresa de tecnologia utilizou as imagens e vídeos enviados por milhões de jogadores do Pokémon Go, juntamente com os dados coletados do aplicativo Scaniverse.

Para o treinamento desse modelo, foram utilizadas 30 bilhões de imagens de ambientes urbanos enviadas pelos jogadores, conforme divulgado em março por ocasião do acordo que permitiria que os robôs de entrega da Coco Robotics pudessem navegar com precisão nas cidades.

Em declarações à Ars Technica, um porta-voz da Niantic Spatial explicou que “as digitalizações do terreno foram um componente essencial para treinar os modelos básicos da Niantic



Sem saber, caçadores de bichinhos virtuais ajudaram a formar um mapa digital em 3D do mundo real

Spatial, sistemas de IA que aprendem a reconhecer e interpretar espaços físicos”, e que esses modelos “são o resultado desse treinamento, não uma cópia nem um meio de acessar as digitalizações originais, que correspondiam a pontos de interesse público, como estátuas e fontes”.

Embora o acordo com a Vantor seja de dezembro de 2025, sua importância ganhou destaque agora, após uma reportagem recente publicada pelo meio de comunicação holandês *Trouw*, que destaca que os jogadores não sabiam que as imagens que capturavam no jogo acabariam sendo usadas para fins militares.

Desde 2021, o Pokémon GO oferece tarefas diárias de pesquisa, como “Digitalize esta Poképarada”, para conceder prêmios dentro do aplicativo, como os Pokochos (um alimento virtual para as criaturas), após a gravação de um vídeo ao redor do monumento ou edifício.

A esse respeito, o porta-voz da Niantic Spatial afirmou que “era uma função

opcional nos jogos, na qual os usuários criavam um vídeo curto de um local específico”. Ele afirma que a empresa tem sido transparente desde as diretrizes de privacidade e os anúncios de 2019, embora o jogo incentivasse os jogadores a gravar os vídeos.

No entanto, um tópico na rede social Reddit, publicado há quase duas semanas pela comunidade de jogadores, confirmou o fim definitivo das recompensas com Pokochos em troca da gravação das ruas.

Esse cenário destaca o conceito de tecnologia de dupla utilização, que é regido por uma categoria jurídica internacional rigorosa sob um tratado internacional chamado “Acordo de Wassenaar”, que foi assinado por 40 países (incluindo os Estados Unidos e os membros da União Europeia) e define o *software* ou as tecnologias, neste caso, que, tendo sido originalmente desenvolvidos para fins comerciais ou civis, têm o potencial técnico de serem aplicados no âmbito militar ou de defesa.

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Olhas (2) = miras + astro rei (1) = Sol.
Solução: cidade paulista (3) = Mirassol.

Charada de hoje: Salva (3) aqueles que precisam escapar das mágoas (2) decorrentes daquela partida da Copa.



Ilustração: Bruno Chiossi

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Foto: Divulgação/Rocco

Eita!!!!

Obras para ler no Mês do Orgulho LGBTQIA+

Entre romances, *thrillers* e narrativas poéticas, obras exploram desejo entre mulheres, saúde mental, violência de gênero, memória e reconstrução afetiva a partir de perspectivas lésbicas e bissexuais contemporâneas. No Mês do Orgulho LGBTQIA+, a literatura também se torna espaço de disputa, afeto e visibilidade. Longe de estereótipos ou representações superficiais, uma nova geração de autoras brasileiras tem construído histórias em que personagens LGBTQIA+ ocupam o centro da narrativa com complexidade, contradições e humanidade.

Boas meninas se afogam em silêncio, de Andressa Tabaczinski

Finalista do Prêmio Jabuti 2025, o *thriller* parte do assassinato de uma jovem da elite curitibana para desmontar a imagem conservadora da chamada “República de Curitiba”. Ao revelar que a vítima mantinha um relacionamento secreto com outra mulher, o romance de Andressa Tabaczinski (foto acima) tensiona repressão sexual, feminicídio e privilégios sociais. Publicado pela Rocco, combina investigação policial, crítica social e descoberta afetiva.

Ressaca, de Thalita Coelho

Com elementos de realismo fantástico, o romance escrito por Thalita Coelho acompanha uma professora devastada pelo luto enquanto revive traumas ligados à violência e à memória. Ambientado no litoral catarinense, o livro entrelaça maternidade lésbica, desejo, abuso infantil e reconstrução emocional numa narrativa poética marcada pelo simbolismo do mar. Publicado pela Orlando, *Ressaca* aposta em personagens femininas dissidentes e numa escrita atravessada pelo afeto e pela resistência.

Cercas vivas, de Rai Gradowski

Na estreia de Rai Gradowski, Bianca retorna à casa herdada da avó e, junto às memórias familiares, reencontra sentimentos interrompidos da adolescência. Misturando romance lésbico, mistério e referências da cultura *millennial* — de locadoras a trilhas emo —, o livro explora amadurecimento, pertencimento e desejo em uma Curitiba afetiva e melancólica. Publicado pela Zouk.

Candura: uma história de sobrevivência feminina, de Alice Puterman

Escrito ao longo de seis anos, o livro de estreia de Alice Puterman transforma trauma, violência sexual e saúde mental em poesia visceral. Mulher bissexual e autista, a autora escreve sobre estupro, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), tentativas de suicídio e sobrevivência a partir de uma perspectiva que reivindica vulnerabilidade como força. Publicado pela Taup, *Candura* é uma obra sobre permanência, corpo e resistência feminina diante da violência.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 - foice; 2 - cajado da foice; 3 - bone; 4 - bone; 5 - bitucas de cigarro; 7 - olho da morte; 8 - perna da cadêira; 9 - pingo de suor